ALMADA: A FRUSTRAÇÃO DE UMA CIDADE (EM MESA REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 935 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

Avião-espião americano abatido na China

HONG-KONG, 13 — (R.) — A China vibrou hoje um duro golpe nos Estados Unidos, com a notícia de que foi abatido um avião-espião americano na ilha de Hainan, apenas a uma semana do recomeço das negociações diplomáticas entre os dois países em Varsóvia.

Pelo segundo dia consecutivo as emissoras chinesas anunciaram o incidente e acusaram os Estados Unidos de hipocrisia ao fazer apelos á paz e enviando simultâneamente aviões daquele tipo para provocar a China.

O avião é o vigésimo abatido na China desde 1964.

As autoridades chinesas serviram-se do incidente para justificar os preparativos de guerra durante o entusiasmo cada vez menor dos camponeses aos quais tem sido dito desde há meses, que a guerra está iminente.

Os observadores informaram que o incidente não deverá interromper as conversações de Varsóvia marcadas para sexta-feira, mas deverá carregar o ambiente.

Um aspecto da assistência à sessão inaugural do curso para funcionários da Câmara de Loures

FUNCIONÁRIOS APRENDEM A BEM SERVIR O PÚBLICO

A ADMINISTRAÇÃO é, por natureza, estável. Por isso reage mal às modificações — afirmou, ontem, o vice-presidente da Câmara Municipal de Loures, durante a sessão inaugural de um curso de Organização e Prática do Trabalho Administrativo.

A Câmara de Loures tem, desde o princípio deste ano, uma nova gerência, Na presidência encontra-se o sr. capitão José da Silva Baptista e o vice-presidente é o dr. Osvaldo Gomes, que trabalhava anteriormente no Secretariado da Reforma Administrativa (S. R. A.).

O curso ora inaugurado é promovido pela Câmara Municipal de Loures com o apoio do S. R. A. e do Instituto Nacional de Investigação Industrial. Segundo os seus promotores, «integra-se numa vasta reforma dos serviços» e tem como alvo o fim de um anacronismo: o de «na era do átomo, a administração se reger ainda pelas normas napoleónicas».

Algo de novo parece estar a acontecer na Câmara de Loures desde a posse da nova gerência. Enfrentando uma montanha de problemas inerentes a um con-

(Continua na página central)

Risos de crianças no 87.º aniversário de «A Voz do Operário»

A efeméride não foi evocada com um programa comemorativo. «Mas — disse-nos um funcionário da secretaria — a mais bela manifestação da nossa existência é a alegria das crianças que aprendem aqui as primeiras letras». (Ler notícia na página central)

ITÁLIA: não há transportes

ROMA, 13 — (R.) — Os 90 000 empregados dos transportes de Itália iniciaram hoje uma greve de 24 horas em todo o país, quando o primeiro-ministro designado, Mariano Rumor, se preparava para uma série de conversações destinadas a solucionar a crise política da nação.

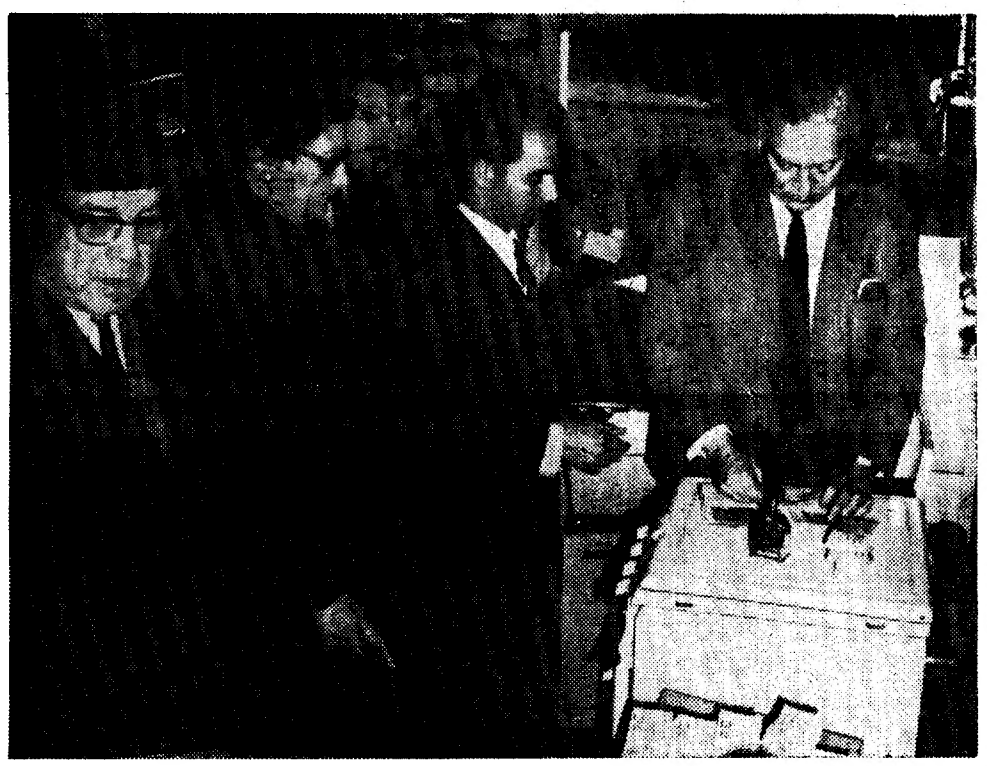
Rumor, que recebeu, a noite passada, um mandato do presidente Giuseppe Saragat para tentar formar um Governo de coligação de quatro partidos, avista-se hoje no seu gabinete com representantes de diversos grupos políticos.

As conferências assinalarão o começo do que se espera sejam negociações difíceis para reavivar a coligação do centro-esquerda, que caiu em Julho passado, após uma divisão entre os socialistas.

Rumor, que chefiou os dois últimos Governos de Itália, espera conseguir que os democratas-cristãos, socialistas, sociais-democratas e republicanos se juntem numa nova aliança governamental, a despeito da continuação das disputas entre partidos.

O seu Governo minoritário democrata-cristão demitiu-se no sábado.

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA



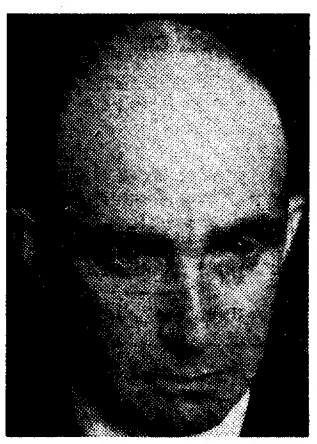
A recepção de cadernetas do «Album de Lisboa» fez afluir ontem ao «stand» Gazcidla de Alcantara, grande numero de participantes na nossa iniciativa

«ÁLBUM DE LISBOA»

Hoje — último dia de recepção de cadernetas do concurso nos «stands» Gazcidla de Lisboa

— A RECEPÇÃO PROSSEGUE NO PORTO, NA SEGUNDA-FEIRA, NA RUA SÁ DA BANDEIRA, 56

TERMINA HOJE, no «stand» Gazcidla de Arroios, no Largo Mendonça e Costa, 12-C, a recepção de cadernetas nos «stands» da Cidla, em Lisboa. Durante 16 dias, os funcionários do nosso Jornal atenderam os concorrentes de Alfama, Madragoa, Bairro Alto, Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, Alvalade, 24 de Julho, Alecrim, Marquês de Pombal, Alcântara e Arroios, que receberam imediatamente os boletins numerados que os habilitarão ao sorteio de óptimos prémios, entre os quais se salientam um confortável apartamento mobilado, num dos blocos de prédios construídos pela Realimo, em Miratejo, a cidade-panorama; um magnífico automóvel «Toyota», modelo «Corolla 1100»; cinco televisores, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem ao nosso País, uma máquina de lavar, frigoríficos, radiorreceptores e utilíssimos artigos electrodomésticos da famosa linha «Siemens», e albuns de discos «long-play», com peças clássicas de famosos compositores, interpretações de grandes orquestras e em gravações Philips.



MÁRIO SALVADOR

Dado o actual Valor das obras de arte, anunciar uma boa exposição de pintura, é uma útil indicação para os que, não só apreciam, como desejam o seu dinheiro valorizado. A pintura de Mário Salvador, não necessita já de quaisquer elogios. Conquistou para sempre o nosso público, e os bons coleccionadores, afirmando-se no meio artístico como um caso único, de alto nível estético.

Amanhã ás 16 horas, inaugura nas Belas-Artes mais uma exposição a que preside o Inspector Superior de Belas-Artes, em representação do Sr. Ministro da Educação Nacional.

A recepção pelo Correio

Prossegue a recepção de cadernetas que nos são remetidas pelo correio por concorrentes de inúmeros pontos do País. Recordamos, porém, que cada caderneta deve ser franquiada com 2$00, para evitar multas e consequentes atrasos de resposta. Os concorrentes que pretenderem receber os boletins de identificação para conhecimento dos números que os habilitarão ao sorteio, devem juntar mais um selo de 1$00. Evidentemente, os que assim não procederem ficarão, igualmente, habilitados ao sorteio. Toda a correspondência relativa ao concurso deve ser endereçada aos nossos serviços da Rua Castilho, 185 — Lisboa-1.

A recepção no Porto começa na segunda-feira

Começa já na próxima segunda-feira a recepção de cadernetas dos concorrentes da capital do Norte, que poderão receber os boletins numerados (depois da entrega das suas cadernetas) no «stand» Gazcidla da Rua Sá da Bandeira, 56. Durante dois dias — segunda e terça-feira — os concorrentes do Porto podem, comodamente, ali entregar as suas cadernetas. Os funcionários do «Diário de Lisboa» vão cumprir o horário do «stand» Gazcidla, para tornar mais amplas as possibilidades de deslocação dos residentes naquela cidade.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

A EQUIDADE

Na Academia das Ciências de Lisboa falou ontem o sócio correspondente, dr. José Hermano Saraiva. Professor do liceu e advogado conhecido aquele académico focou o tema: «A equidade e a caracterização da ciência jurídica», analisando as acepções assumidas pelo termo »equidade«, na legislação e doutrina jurídica contemporâneas. Afirmou que as numerosas interpretações existentes se reconduzem a três sentidos com autonomia teorética: uma função lógico-jurídica, de carácter hermenêutico, já documentada nos textos aristotélicos, uma função sociológica e préjurídica, de carácter político, com origens no direito romano, e uma função ontológica e metajurídica que evoluiu de uma fase antropológica de inspiração estóica a uma fase teológica, de inspiração cristã. O sentido, também corrente, de prudente arbítrio do julgador, é sempre resolúvel em alguma daquelas três acepções fundamentais. «Ora — afirmou —, o uso de um único termo para traduzir três conceitos irredutíveis, constitui uma polissemia cuja explicação se não deve procurar sómente na deficiente elaboração técnica da linguagem dos juristas». Caracterizou, depois, a natureza do conhecimento jurídico, apresentando o Direito como criação da consciência, modelada pela vontade e impregnada por toda a subjectividade do espírito. Do mesmo modo que nas demais ciências da cultura, uma intenção criadora, no sentido de vontade que visa fins e para isso elege os meios, está presente em todos os momentos da vida jurídica e nos sucessivos planos constitutivos do ordenamento global. Pode, assim, estabelecer-se uma correlação entre os três conceitos denotados pelo termo equidade, no seu uso empírico, e a unidade de uma função gnoseológica que comporta, como modos de agir necessários, precisamente os três aspectos revelados pelas três acepções do termo. Assim, o seu carácter polívoco teria explicação numa anfibolia transcendental, no sentido kantiano, isto é, numa sobreposição do uso empírico ao uso filosófico dos conceitos inteligibilizadores e poderia ser interpretada como nascida de uma obscura necessidade, sentida pelos juristas da nossa época, de um conceito unificador e dinamizador dos sistemas, conceito que a doutrina não faculta, mas a natureza do conhecimento jurídico postula.

A PRODUÇÃO PETROLÍFERA EM ANGOLA

No auditório do Instituto Superior Naval de Guerra, o eng.º Diógenes Machado Palha, inspector superior da Direcção-Geral dos Combustíveis, proferiu uma conferência versando o tema «O petróleo no Mundo». Assistiram numerosos oficiais, designadamente os que estão frequentando os cursos navais de guerra, todo o corpo docente e o director do Instituto, sr. almirante Castro e Silva, que apresentou o conferencista e salientou a importância cada vez maior da produção petrolífera em Angola, muito especialmente em Cabinda, a tal ponto de se prever que venha a ocupar em poucos anos um lugar cimeiro na economia nacional.

AS INUNDAÇÕES DO TEJO

Na reunião da Junta Distrital de Lisboa, sob a presidência do eng.º Ribeiro Ferreira, o conde da Azinhaga disse que, embora as cheias do Tejo provoquem maiores estragos no distrito de Santarém, podem fazer-se sentir na zona ribeirinha dos concelhos de Azambuja e de Vila Franca de Xira e, portanto, propunha que a Junta mandasse lançar na acta da reunião o seu regozijo pelas medidas determinadas e comunicasse á Presidência do Conselho a sua decisão. A proposta foi aprovada por unanimidade.

O CENTENÁRIO DO DR. FRANCISCO LUÍS GOMES

Na Sociedade de Geografia foi evocada ontem a memória do dr. Francisco Luís Gomes, no centenário da sua morte. Na presidência o sr. ministro do Ultramar, e presentes também o ministro dos Negócios Estrangeiros, os subsecretários de Estado do Fomento Ultramarino e da Administração. Usaram da palavra os srs. prof. Agostinho de Sousa, prof. rev. Silva Rego e o escritor Amândio César.

Concurso do «Diário de Lisboa» com o apoio da IBÉRIA

«MAJA DE PORTUGAL»: CANDIDATURAS ACEITES ATÉ AO FINAL DO MÊS

Até ao fim do mês corrente receberemos, no «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) os cupões para candidatura ao título de «Maja de Portugal», que publicamos em todas as nossas edições.

O concurso para «Maja de Portugal» é uma iniciativa da Associação Goya Internacional, que tem o melhor e mais firme apoio da Ibéria (Lineas Aéreas de España). Por seu turno, é através do «Diário de Lisboa» que uma rapariga portuguesa, solteira, com mais de 18 anos de idade, pode concretizar um belo sonho: viajar até Espanha (um magnífico passeio pelas cidades de Sevilha, Jerez de la Frontera, Cádiz, Saragoça e Madrid e às localidades de Fuendetodos, Alcalá de Henares e Muel) e estar presente num grande desfile internacional, fotografado, filmado e televisionado para as mais diversas latitudes. Depois, há a esperança: uma das «Majas» (a que obtiver o título internacional) tem ao seu dispor excelentes prémios e a possibilidade de fama e fortuna em breve espaço de tempo.

CONCURSO
MAJA DE PORTUGAL
Uma realização do «DIÁRIO DE LISBOA» com o patrocínio da IBERIA (Lineas Aéreas de España)

Nome .....

Morada ..... Telef. .....

Idade ..... Profissão .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, LISBOA

SIMPATIA E FOTOGENIA

Aliás, o concurso pode considerar-se um extraordinário êxito: dezenas de inscrições deram já entrada no «Diário de Lisboa», sinal por de mais evidente desta eleição estar a despertar o maior entusiasmo entre a camada jovem das nossas leitoras.

Um júri prévio começou a seleccionar as candidaturas ao atraente título em equação. Dentro de poucos dias, iniciaremos a publicação de algumas fotos já escolhidas, de molde a dar uma ideia (tanto quanto possível aproximada) da fotogenia das raparigas admitidas ao concurso para «Maja de Portugal-1970».

A propósito, digamos que, para além do título de «Maja Internacional-1970», o júri reunido em Saragoça distinguirá ainda outras «Majas» com prémios para as quatro classificadas nos lugares de honra e, também, com ofertas destinadas às que patentearem melhor fotogenia e mais vincada simpatia. A forma da atribuição destes prémios é curiosa: a «Maja de la simpatia» será escolhida pelas demais companheiras, em função da camaradagem e espírito de entreajuda evidenciadas durante a viagem por Espanha. A «Maja de la fotogenia» é designada pelos fotógrafos de Imprensa e operadores de Cinema e TV, o que imediatamente faz concluir que o título pertencerá à jovem que fique mais bonita nas fotografias e nos filmes captados durante o concurso.

A SITUAÇÃO DA ECONOMIA SOVIÉTICA LEVANTA AGORA UM PROBLEMA POLÍTICO

MOSCOVO — O relatório apresentado, por Leonid Brejnev a 15 de Dezembro passado, perante o Comité Central do Partido Comunista, está a ser objecto de discussões nas células do Partido e nas assembleias mais vastas (como o Conselho dos Sindicatos, que se reuniu esta semana em Moscovo). As discussões, que duram já desde o princípio de Janeiro, são acompanhadas pela Imprensa, que nelas participa, com toda a espécie de editoriais e reportagens.

Se o discurso de Brejnev não foi dado a público, os seus temas essenciais — pelo menos no tocante á situação interna — foram retomados pela «Pravda», no dia 13 de Janeiro, num grande editorial. Este texto traçava uma severa acusação contra a gestão económica na U. R. S. S. e denunciava graves lacunas na organização dos mais diversos ramos da produção e dos serviços,

Por ALAIN JACOB

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

O secretário-geral do Partido ilustrou a sua exposição com alguns exemplos particularmente eloquentes. Denunciando a desordem reinante nos transportes ferroviários, contou que houve gruas provenientes da R. D. A. e destinadas ao porto de Odessa que tinham percorrido todas as estações do transiberiano, até chegarem a Vladivostok, antes que alguém se desse ao cuidado de as pôr no caminho certo. Criticando, por outro lado, as tendências para o «triunfalismo», evocou o caso de explorações agrícolas cujas realizações tinham sido citadas como exemplo para depois se vir a descobrir que a sua riqueza pecuária tinha diminuído em proporções consideráveis.

Contudo, muito mais que as insuficiências ou as dificuldades da agricultura, foram os métodos da gestão industrial os criticados. De acordo com o vocabulário marxista, Brejnev teria desenvolvido o tema segundo o qual «as relações de produção» entravam actualmente, na U. R. S. S., «as forças produtivas». E assim, o acréscimo de produtividade no decorrer dos ultimos anos teria sido sensivelmente inferior ao previsto para 1966 pelo XXIII Congresso, sendo algumas das causas principais do caso «a irresponsabilidade dos órgãos«, o dispersão dos investimentos, o atraso na criação de novas empresas.

Como em 1964

Segundo indicações concordantes, a exposição de Brejnev foi acolhida, de maneira muito positiva, pelos membros do Comité Central .Alguns teriam gabado a coragem e a franqueza do orador. Esquecendo talvez certos discursos de Kruchtchev teriam mesmo pretendido que não se ouvia nada igual desde Lenine.

Porque é que o secretário-geral fez este discurso? Alguns especialistas entendem que a situação económica é agora pior que no Outono de 1964, quando as dificuldades da mesma ordem contribuíram para a queda de Kruchtchev. Contudo, devemos precisar que as circunstancias mudaram muito desde essa época e que causas idênticas não produzirão necessáriamente os mesmos efeitos.

Graças ao seu carácter colegial, a actual direcção é muito menos vulnerável que o antigo primeiro-secretário. Isso não impede que as falhas da economia tomassem uma amplitude suficiente para levantar um problema político. O facto seria notório, em especial, nos meses de Outubro e Novembro passados, no decurso de diversas reuniões, onde se examinavam, os resultados do ano 1969 e se fixaram simultaneamente os objectivos do Plano para 1970.

Existe na U./R. S. S. uma escola importante que reune tanto dirigentes de empresa como economistas e alguns funcionários que fazem a crítica fundamental dos métodos de preparação e de execução do Plano. Este, dizem eles, é muitas vezes estabelecido a partir de informações falsas ou irrealistas quanto ás realizações anteriores e ao avanço dos programas. Por exemplo, afirma-se muitas vezes que esta fábrica nova ou aquela oficina nova entrará em serviço na Primavera, quando ela realmente só começará a funcionar pelo menos daí a seis meses. Quanto á execução dos objectivos do Plano, não pode ser garantida nestas condições, a não ser desordenamente, sobretudo no quarto trimestre do ano exigindo esforços desmedidos ou um preço exorbitante em mão-de-obra e material acessório. E estes esforços, além disso, nem sempre bastam. Mesmo nos casos em que as obrigações do Plano são quase «cumpridas», muitas vezes são-no pelo jogo de processos mais ou menos regulares, que consistem, por exemplo, em gastar excessivamente os recursos da empresa ou em apresentar, sob determinada denominação, produtos de qualidade inferior.

Estes vícios de funcionamento não são devidos apenas a negligências individuais, mas provêm do próprio sistema. Se os dirigentes da economia, a todos os níveis não manifestam suficientemente o sentido das suas responsabilidades, é porque o sistema (temor de sanções e também ausência de estímulos) não os encoraja a isso.

Brejnev teria retomado, por sua conta, alguns destes argumentos. Talvez se tivesse preocupado igualmente com o sentimento popular.

«*Afinal de contas*, dizia-nos um amigo, *é, apesar de tudo, embaraçoso convidar as pessoas para a festa do centenário do nascimento de Lenine, 53 anos depois da Revolução e não termos carne suficiente para distribuir á vontade*». Fórmula metafórica — porque há carne bastante — mas que resume muito bem o contraste entre o «triunfalismo» corrente da propaganda oficial e a penuria de numerosos produtos de consumo corrente, ou pelo menos, a sua má qualidade e o seu carácter antiquado.

Uma mudança de orientação?

Será que o *plenum* de Dezembro anuncia uma nova era, uma mudança radical de política? Aqui, como em qualquer outra situação, devemos situar o acontecimento no seu verdadeiro contexto. Pelo menos parte das dificuldades que a economia soviética conhece actualmente vem de orentações definidas na Primavera de 1968, época em que mais vivamente foram sentidos os receios de que a U. R. S. S. fosse contagiada pelas transformações havidas na Checoslováquia. O mesmo espírito que levou depois á invasão da Checoslováquia, presidiu ao cuidado de evitar que as reformas económicas se desenvolvessem em direcções análogas ás que Ota Sik definia em Praga. E assim se travou, ou se bloqueou, um processo tido por perigoso.

Chegou a hora de julgar esta política — e aqueles que foram seus autores — pelos resultados. E isso na prespectiva do Congresso que os estatutos do Partido mandam reunir obrigatóriamente este ano. Notemos neste contexto — e, ao fazê-lo, não estamos a aventurar-nos em especulações gratuitas — que o nome de Brejnev está muito mais directamente ligado á invasão da Checoslováquia que o de Kossyguine, continuando o presidente do Conselho Soviético, por seu lado, a incarnar, com razão ou sem ela, as promessas da reforma económica.

Daí, duas hipóteses. A primeira pretende que se esteja agora a tirar a lição dos erros cometidos desde há 18 meses e que a via, desde agora aberta aos promotores da reforma, em primeiro lugar a Kossyguine, para estes prosseguirem, sem entraves, na sua experiência.

Uma segunda hipótese, contudo, é por agora considerada mais verosímil. O relatório apresentado por Brejnev constituiria uma operação muito mais táctica que estratégica e, na realidade, não anunciaria profundas mudanças. Teria assim por objectivo o de cortar cerce as pretensões daqueles que poderiam criticar a actual direcção e a cuja linguagem o secretário-geral teria deliberadamente recorrido. Seria uma maneira de a personalidade n.º 1 do regime e de os que lhe são mais próximos manterem o *contrôlo* directo da situação, consentindo em diversos ajustamentos que os acontecimentos tornaram indispensáveis, mas tendo o cuidado de não extravasarem para orientações tidas por «revisionistas». Notemos uma vez mais que a solidariedade colegial da direcção do Partido se harmonizaria bastante com este esquema, na medida em que, por natureza, ela constitui obstáculo a profundas mudanças. Os ecos que, por outro lado, chegam das reuniões de célula em curso no país mostram que o relatório de 15 de Dezembro dá lugar a discussões mais formais que sinceras. Outros concluem daí que, por mais importante que tenha sido a exposição de Brejnev, não dê oportunidade para um verdadeiro debate de fundo.

Por isso, a *Pravda* de 13 de Janeiro tinha o cuidado de dizer que «*o estilo leninista e os métodos de trabalho estabelecidos no Partido mostraram-se justificados*». «*A nossa tarefa* — acrescentava ele — *consiste em melhorar ainda mais o estilo de trabalho*». Melhorar e não mudar... Era uma maneira de indicar os limites para além dos quais não poderiam ir as «correcções»

ECOS

AS causas da mortalidade no mundo são hoje muito diversas nos países desenvolvidos e nos do terceiro mundo. Nos primeiros encontramos sobretudo as doenças cárdiovasculares (cerca de metade dos óbitos). Nos segundos, predominam as doenças infecciosas e parisitárias. O cancro surge em lugar «de eleição» nas sociedades industriais e vem quase na cauda das enfermidades das regiões subdesenvolvidas. O que é, de certo modo, dramático é que a soma das percentagens da morte é inexoràvelmente igual no mundo da abundância e no mundo da fome, embora a longevidade seja bem maior no primeiro. Factos consoladores? Também os há, sem dúvida. Por exemplo, a O. M. S. continua a limpar do paludismo as zonas onde ele vicejava. Foram assim gastos 155 milhões de dólares entre 1950 e 1967 pela Organização Mundial de Saúde e pelo fundo da O. N. U. para a infância.

★

A crise política italiana tem feito correr muita tinta. Em editorial do Le Monde, **põe-se em dúvida que, tão mal cicatrizadas como estão ainda as feridas da cisão do partido socialista, tenha perdido o valor a noção, já um tanto abalada, do «centro-esquerda», que pràticamente sobreviveu a si própria despolitizando-se, apresentando-se como solução empírica, sem ideologia.** E poder-se-á governar sem visão política de conjunto. Tanto a esquerda socialista, como a esquerda demo-cristã aspiram a um ideal dinâmico, a uma estratégia a longo prazo.

★

SUSTENTAMOS ideias, que se nos afiguram lúcidas, certas. Não queremos utòpicamente cortar o mundo em duas fatias humanas: a dos justos e a dos injustos. Isso é bom para os da extrema-direita. E muito menos ainda, no campo da literatura, incorreremos em pecado de sectarismo. Nem os agravos nem os sofrimentos conseguiram tornar-nos facciosos. Por isso mesmo rendamos homenagem gostosamente à arte de bem escrever de Tomaz de Figueiredo, mais uma vez demonstrada, numa descida funda às raízes da vida e da consciência, em «A Má Estrela».

RECTÂNGULOS DA VIDA

MENTALIZAÇÃO

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Aqui está uma palavra nova (apetecia-me chamar-lhe desportiva), digna de todo o respeito. Não damos por ela, mas ei-la presente no nosso dia-a-dia, é esperta como tudo, instala-se sorrateiramente, não a vemos, não a sentimos, ei-la fazendo o seu trabalho de sapa, a certa altura, no dia tal, quando estamos todos mentalizados e até mentalizadíssimos, a coisa aparece e ninguém se espanta grandemente nem se indigna, onde o espanto e a indignação ficaram!

O Parque Eduardo VII é disso um bom exemplo. Aqui há anos falou-se muito, discutiu-se indignadamente quando se disse que iam partir, com o prolongamento da Avenida, um dos poucos grandes jardins lisboetas. Mas amanhã, quando isso acontecer, quem vai discutir o assunto, mesmo sem indignação, quem? Estamos mentalizados. Aquele largo passeio relvado no centro, feio como tudo, diga-se de passagem — não deixa saudades a ninguém. Para que serve?, perguntam as pessoas que já não conheceram o lago (como era lindo, aquele lago), nem as árvores. Entre ele e uma avenida... Bem, antes a avenida, claro. Ao menos simplifica o trânsito, tem essa vantagem. E vendo bem, para que serve aquele enorme, sinistro passeio que tem lá no alto uma estátua que, sabe-se lá porquê — mentalização levada ás últimas consequências? — ficou para sempre invisível?

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 14, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no ensanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.
A DIRECÇÃO
Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

PRÉDIO
CAMPO DE OURIQUE
Construção antiga com obras feitas, composto de 5 pisos, boas div. para hab. Rendimento — 103.680$00. Preço — 1.700.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

ora diga-nos...

— Gostava de ser treinador de futebol?

Os treinadores de futebol estão na ordem do dia — o que, aliás, não é de modo nenhum inédito. Daí, também, a razão de ser da nossa pergunta de hoje.

● — Não podia ser treinador de futebol porque não tenho categoria — *respondeu-nos, sem hesitar, o sr. Martinho José Diogo, vendedor ambulante.* — O treinador *(prosseguiu, de forma algo insólita e incompreensível)* tem de brincar à custa daqueles que jogam. Com franqueza absoluta, é como os professores com os alunos.

— Mas «se tivesse categoria»...

— Ah, isso sim. E ninguém me punha a andar!

● *José Manuel dos Santos Rodrigues, continuo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, declarou-nos, por sua vez:*

— Gostava sim, senhor. Até porque adoro o futebol. Sou do Benfica.

— Então era altura de ir substituir o Otto Glória...

— Isso é que era bom. E, se me ensinassem, acho que também era capaz de ser um bom treinador.

● — Pois gostava — *replicou-nos, por último, o sr. Fernando Esteves Moreira, tipógrafo.* — É o que dá mais dinheiro, hoje em dia...

— Então porque não foi para treinador?

— Por causa dos calos.

— Dos calos?

— É verdade: fui jogador de clubes populares e ainda treinei no Belenenses, com o sr. Scopelli. Era bom. Mas tinha muitos calos, uma doença qualquer, e tive de desistir. Se não, podia hoje ser treinador!

O dr. Azeredo Perdigão e sua esposa apresentaram à Imprensa o programa de trabalho do Grupo Gulbenkian de Bailado

«Giselle» inaugura amanhã a temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado

«Giselle», com coreografia de Anton Dulen, sobre uma partitura de Adam, abre amanhã, no grande auditório da Fundação, a temporada de bailado do Grupo Gulbenkian.

Ontem, o sr. dr. Azeredo Perdigão (presidente da Fundação Calouste Gulbenkian) e sua esposa, directora dos serviços musicais da instituição, apresentaram á Imprensa o elenco artístico que vai interpretar a famosa peça da época romantica. Assim, estão reunidos em «Giselle» os nomes prestigiosos de Geoffrey Davidson, Lucette Aldones, Janine Nonin, John Gilpin e do português Armando Jorge.

A época do Grupo Gulbenkian de Bailado oferecerá ao publico espectáculos de alto nível: «As Sílfides» (partitura de Chopin e coreografia de Fokine), «O Trono» (musica de Bela Bartok e coreografia de Carlos Trincheiras), «Concerto» (de Chopin com bailados idealizados por Águeda Sena), «O Belo Danubio» (coreografia de Leonide Massine a acompanhar a musica de Johann Strauss), «Petruchka» (partitura de Stravinsky e coreografia de Fokine), e «Raymonda» (musica de Glauzunoff e bailados de Petipa).

Nos quadros artísticos do Grupo Gulbenkian de Bailado há diversas figuras novas: Armando Jorge e sua mulher (Margery Lambert), que estiveram nos «Grands Ballets Canadiens», os bailarinos Patrick Hurde, Ger Thomas e Joahne O'Hara, e o mestre Geoffrey Davidson, que foi professor da «Arts Educational Turst School» (de Londres), do «Ballet Rambert» e do consagrado «Irish Théatre Ballet».

Isabel Santa Rosa, Carlos Fernandes e Carlos Trincheiras permanecem, também, como figuras destacadas do agrupamento

ACORDO PARA O CONTRATO DE TRABALHO DOS VIDREIROS

As diligências conciliatórias com vista á celebração de novo contrato colectivo de trabalho para os operários da industria vidreira decorreram na Corporação da Industria, precedidas de uma comunicação feita pelo respectivo presidente, dr. Augusto de Sá Viana Rebelo.

As sessões de trabalho, nas quais participaram, além dos rtpresentantes gremiais e sindicais, á frente dos quais se encontravam os srs João Ildefonso Bordalo e João Gonçalves Monteiro, respectivamente, presidentes do Grémio Nacional da Industria Vidreira e da Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários Vidreiros, o vice-presidente do conselho da 2.ª secção (construção, vidro e ceramica) da Corporação da Industria, eng.º Valadas Fernandes, e o secretário-geral, dr. Henrique Sequeira, desenvolveram-se com elevado espírito conciliatório, tendo terminado em pleno acordo das partes, com efeitos a partir do princípio deste mês.

O processo respectivo foi entregue ao secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Joaquim da Silva Pinto, a fim de se proceder á homologação.

Curso para industriais de transportes promovido pelo G. I. T. A.

No Centro de Selecção e Formação Profissional do G. I. T. A., realiza-se nos próximos dias 20-21 e 27-28 deste mês, mais um curso de Aperfeiçoamento especialmente dirigido aos industriais de transportes e seus colaboradores directos.

Este curso, que faz parte de um programa de Aperfeiçoamento, concebido e realizado pelo Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, para os seus associados, tem por objectivo familiarizar os empresários transportadores com os princípios e técnicas modernas de organização geral e gestão de pessoal. Nele serão abordados e discutidos aspectos do maior interesse neste domínio, entre os quais os conceitos modernos de direcção, as estruturas empresariais, a descentralização e a delegação de poderes, os problemas de comando, a apreciação do pessoal, a qualificação de funções e remuneração e o desenvolvimento e a formação do pessoal.

O curso será orientado pelo ir. Raul Caldeira, conhecido especialista neste domínio.

Em três linhas

O Decreto-Lei n.º 51-70, hoje publicado na folha oficial, cria no Ministério do Ultramar o Comissariado do Governo para os Assuntos do Estado da India.

///

Foi declarado de utilidade turística prévia o Restaurante Farol que Domingos Lopes de Castro tem na Póvoa de Varzim

///

Uma portaria nomeia presidente da Camara Municipal de Manteigas o sr. Adelino Esteves Gaspar de Carvalho

///

Foi autorizada a constituição, na província de Moçambique, de uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, e denominada Casa Bancária de Moçambique Ld.ª, com sede na cidade da Beira. O capital é de 50 mil contos, sendo metade do capital do Banco Nacional Ultramarino.

No domingo, ás 15 horas, os «Amigos de Lisboa» vão em visita de estudo á igreja da Pena, ao cimo da Calçada de Santana, que foi recentemente restaurada. Dirige a visita o pároco da freguesia.

A Kodak apresenta novos modelos de microfilmagem

A Kodak Portuguesa, Lda., apresenta os modernos sistemas de filmagem Kodak Recordak, nos próximos dias 17, 18, 19 e 20, no salão de exposições da Seldex, na Avenida da Liberdade, 127, correspondendo ao grande interesse que se verifica actualmente pela aplicação do microfilme para o arquivo e consulta de documentos e em consequência do alargamento do mercado nacional daquele sistema. Grande número de bancos, companhias de seguros, organismos do Estado e empresas privadas estão já equipados com os modernos processos.

A apresentação que a Kodak proporciona oferece excelente oportunidade de serem apreciadas demonstrações a efectuar por técnicos especializados, dos mais modernos sistemas de microfilmagem instalados em Portugal.

Novos comissários-principais da P. S. P. e da P. V. T.

Foram promovidos ao posto de comissários-principais da P. S. P. e da P. V. T., respectivamente, os primeiros-comissários Joaquim da Costa e Belarmino de Oliveira.

O comissário Joaquim da Costa (de 51 anos) conta 12 louvores e é condecorado com as medalhas de cobre, prata e ouro (de comportamento exemplar) e com a de assiduidade (uma e duas estrelas). Vai, agora, desempenhar as funções de adjunto do comando da P. S. P. de Lisboa.

Por seu lado, o comissário Belarmino Ferreira de Oliveira (52 anos) tem, na sua folha de serviços, 15 louvores. Condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique e com a medalha de ouro de exemplar comportamento, é autor de vários artigos sobre transito insertos na Imprensa.

O comissário Belarmino de Oliveira, figura conhecida através de diversas intervenções nos programas especializados da R. T. P., continuará a prestar serviço como adjunto do comando da P. V. T.

Os comissários-principais Belarmino de Oliveira e Joaquim da Costa

CÂMARA MUNICIPAL DE SERNANCELHE

SERNANCELHE, 13 — Foram nomeados presidente e vice-presidente do Município local, respectivamente, os srs. Joaquim Lapa e Nápoles e Arnaldo Pinto Cardoso.

NOVO DOUTOR PELA FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA

COIMBRA, 13 — Terminaram as provas de doutoramento do sr. dr. Fausto Afonso Pontes, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Presidiu o directr da Faculdade de Medicina, sr. prof. dr. Augusto Vaz Serra, em representação do reitor, sendo o juri constituído pelos srs. profs. drs. José Dias Guimarães e dr. Joaquim Santana Vasconcelos Moniz Betencourt, respectivamente das Faculdades de Medicina do Porto e Lisboa, e todos os professores catedráticos da Faculdade de Medicina de Coimbra.

A prova constou da discussão de duas proposições, tiradas á sorte, cujo tema foi: «Na regulação da eritropoiese cabe ao rim o papel primacial» e «O tratamento racional da alcalásia do esófago é a intervenção cirúrgica precoce», de que foram arguentes, respectivamente, os srs. profs. drs. Gouveia Mônteiro e Fernando de Oliveira, da Faculdade de Medicina de Coimbra.

O candidato prestou provas muito brilhantes que a assistência, bastante numerosa, seguiu com vivo interesse.

Ao terminarem as provas, o sr. prof. dr. Vaz Serra agradeceu as palavras de saudação que lhe foram dirigidas e a colaboração dos professores das Universidades do Porto e Lisboa, reunindo depois o juri que deliberou aprovar o sr. dr. Fausto Afonso Pontes atribuindo-lhe a classificação de 19 valores.

O novo doutor da Faculdade de Medicina foi muito cumprimentado pelos seus amigos e admiradores

Administradores por parte do Estado

Foi nomeado administrador do Banco de Fomento Nacional por parte do Estado o dr. José Luís Sapateiro. É nomeado para a vaga do dr. Ricardo Faria Blanc, que renunciou ao mandato.

O antigo governador civil do Porto, dr. Elísio Pimenta, foi exonerado de administrador por parte do Estado da Chenop, sendo nomeado para a sua vaga o também antigo governador civil do Porto, dr. Jorge da Fonseca Jorge.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO EDEN

TÍTULO — «Fechem-nas a sete chaves» («Lock up your Daughters»).

REALIZAÇÃO — Peter Coe, 1969 (Inglaterra).

INTÉRPRETES — Christopher Plummer, Susannah York, Glynis Johns, Elaine Taylor, Jim Dale, etc.

Baseado num romance de Henry Fielding (o mesmo autor de «*Tom Jones*»), Peter Coe dirigiu uma comédia saborosíssima dentro dos moldes picarescos do filme de Tony Richardson. «*Tom Jones*» parece, portanto, ter deixado atrás de si uma verdadeira *escola*, sendo de assinalar para já outros exemplos recentes: «*Davey, o Folgazão*», de John Huston, e «*Onde está o Jack?*, de Tames Clavel (não falando de outros, como «*Os Amores de Molly Flanders*», de Terence Young).

A que se deve esta verdadeira vaga de filmes de época localizados no século XVIII britânico? Talvez a uma certa comparação possível de estabelecer entre a devassidão moral desses tempos, sempre encapotada sob as vestes de um feroz puritanismo de fachada, e os tempos actuais. Comparação que torna as *coisas* mais fáceis de serem ditas e também mais fáceis de serem ouvidas (isto é: consumidas). Isto porque, sob uma aparente bonomia e um certo tom de frivolidade divertida, filmes como «*Fechem-nas a sete chaves*» vão tentando fazer o processo a uma sociedade profundamente corrompida e hipócrita.

Sem a unidade estilística e a agudeza crítica de «*Tom Jones*», «*Fechem-nas a sete chaves*» possui, todavia, qualidades suficientes e imaginação bastante para que possamos convidar o leitor a não a perder. Trata-se de uma película jocosa, irreverente, pondo a descoberto as correlações profundas entre justiça, religião e aristocracia, tudo isto analisado num ambiente sórdido e nauseabundo, por onde passeia o piolho do pobre esfomeado e as rendas efeminadas do peralvilho de corte. Tudo se devora com frenesim até que soe o apito insólito e absurdo da força de vigilância que comanda os bons costumes e que resolve enforcar o primeiro inocente que se lhe atravessa no caminho (*«porque é necessário manter as ruas da nossa cidade limpas»*).

Deste pandemónio caótico, onde ninguém se entende nem tem certo o dia de amanhã, tudo pode acontecer. Basta um grito de rapariga ou os interesses (desinteressados) da mulher do juíz, do próprio juíz, do pastor ou do pai da donzela. E as situações sucedem-se, imprevistas. Falta a «*Fechem-nas a sete chaves*» o rigor de um ritmo mais definido e uma mais lograda concatenação dos diversos episódios para daqui surgir uma comédia invulgar. De qualquer forma, e ainda assim, é ela uma comédia a ver.

(Continua na pág. seguinte)

IGREJAS CAEIRO
apresenta

HOJE, às 21.45 horas (M/ 17 anos)
SÁBADO e DOMINGO, às 16 horas e às 21.45 horas

A RELÍQUIA
de
EÇA DE QUEIROZ

em teatralização de
STTAU MONTEIRO e
ARTUR RAMOS

Cenários e figurinos
de
JOÃO ABEL MANTA

ELENCO POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA
Mário Pereira, José de Carvalho, José Leitão, Elvira Velez, Costa Ferreira, Emílio Correia, Gilberto Gonçalves, Armando Venâncio, Carlos Alegre, Virgílio Marques, Fernando Soares, Hermínia Tojal, Mário Sargedas, Ladislau Ferreira, Emília Pedro, Lurdes Norberto, Júlio Cleto, Luís Machado, Adelaide João, Ruy Furtado, Vasconcelos Viana, Adelaide Susana, Cremilda Gil, Pedro Pinheiro e Madalena Braga

Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

Teatro Maria Matos

COLISEU
AMANHÃ
A TARDE, às 16 horas
Entrada gratuita às crianças até 10 anos
À NOITE, às 21.30
Podem assistir crianças a partir dos 6 anos
CIRCO
As maiores atracções
A célebre e espantosa
MULHER DE FERRO

CAPITÓLIO
Tel. 320379
Às 21.45 h.
O CRAVO ESPANHOL
de ROMEU CORREIA
— Adultos —
O espectáculo de hoje é dedicado ao pessoal das Companhias Reunidas Gás e Electricidade

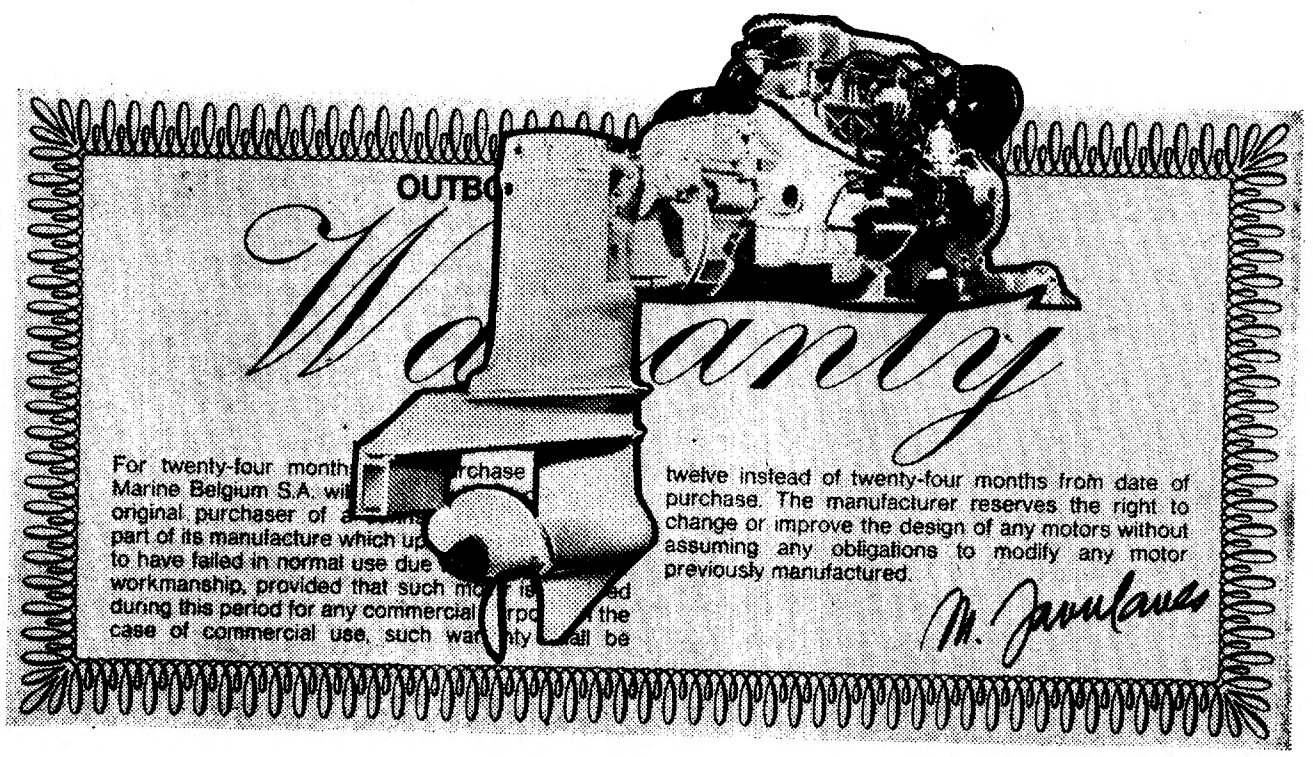
BORDADOS SUÍSSOS
SALDOS
LINDÍSSIMOS BORDADOS SUIÇOS PARA LENÇÓIS E ALMOFADAS EM BRANCO E COR
GALÕES AUSTRÍACOS PARA LENÇÓIS E TOALHAS
BORDADOS DE 0,90 e 1,30 PARA CAMISAS DE NOITE E ROBES
Labores femininos
Avenida Guerra Junqueiro, 3-D
LAVORES
Rua Áurea, 179
LISBOA

BALÃO VERMELHO
SECÇÃO N.º 3
SALDOS
PARA SENHORA E CRIANÇA
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B—Telef. 41279
adapt. LATINA

Alguns motores dão garantia por um ano
Johnson está garantido por dois anos

Johnson apresenta a

Garantia Máxima



OMC pode, de facto, dar a garantia máxima — 2 anos — para fins recreativos porque confia absolutamente na alta qualidade dos seus Stern Drives, no prazer sem contrariedades que eles lhe proporcionam e na ausência de reparações frequentes.
Mas, se alguma avaria suceder, o que é pràticamente impossível, a Johnson repara-a em qualquer dos seus centros de assistência espalhados pelo mundo, sem a menor dificuldade. Chama-se a isto prova de confiança. E segurança para si.
Pode descansar sabendo que os Johnson OMC Stern Drive têm mudanças electromagnéticas excepcionais, rotação a 90°, levantamento da coluna a 75° e isoladores de borracha antivibração.
Nada foi descurado para que os seus passeios de barco sejam agradáveis e sem contrariedades. Mas se algo acontecer, nós estamos lá.

Envie este cupão ao Distribuidor e receberá mais detalhes sobre o Motor OMC Johnson Stern Drive
Nome.....
Morada.....
.....
DL

Distribuidores exclusivos
para todo o espaço português:
NÁUTICA, BELO & FILHO, S. A. R. L.
Trav. da Praça, 4 (Belém) LISBOA
Telefs. 63 61 54 - 63 79 70

Johnson
O símbolo da qualidade

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

Entre os intérpretes temos um autêntico festival de figuras admiràvelmente traçadas por um grupo de actores de reais qualidades. Christopher Plummer (o de «*Música no Coração*») surpreende-nos a todos com um papel aristocrata, de um jovem (e virgem) afebo que passa o seu tempo provando fatos no alfaiate. O seu trabalho é de antologia, muito embora se saiba de certa facilidade de composição. Magníficos são ainda Jim Dale, a bela Susannah York, Glynis Johns, Jan Bannen, Tom Bell e Elaine Taylor. Boas são também a fotografia de Peter Suschitzky e a musica de Ron Saisner.

Quanto a Peter Coe, eis mais um realizador á experiência. Veremos o que terá ainda para nos dar.

LAURO ANTÓNIO

PALHAÇOS GRAVAM DISCOS — Humberto, Tótó, Campos e «Pica-Pau», musicos-excêntricos e palhaços dos melhores circos portugueses, abrem novas perspectivas ás suas carreiras gravando, em disco para a marca «Riso e Ritmo», alguns dos episódios com que deliciaram plateias espalhadas por todo o Continente, no decorrer de muitos anos de vida artística

UMA CANÇÃO PORTUGUESA NO FESTIVAL DO RIO

De 23 de Setembro a 4 de Outubro volta a realizar-se, no Rio de Janeiro, o Festival Internacional da Canção Popular, esta temporada em quinta edição.

O director do certame, o dr Augusto Marzagão, reuniu a Imprensa na TV Globo e informou de que devem estar presentes na mostra musical cerca de sessenta países, além de — na fase puramente nacional — se esperar que concorram cerca de 3000 canções brasileiras.

O Festival de 1970 divide-se em dois concursos simultâneos: o nacional e o internacional. Alterações ao regulamento perfilhado até aqui indicam que à final da competição chegam 10 canções brasileiras e 10 canções estrangeiras, de entre quantas se inscreverem até ao próximo dia 28 de Maio.

O julgamento das músicas participantes será feito por duas comissões julgadoras indicadas pela organização do Festival, que atribuem troféus e prémios ás seis composições melhor classificadas.

— *Portugal é um dos países que se apresenta neste concurso* — segundo declarou o dr. Augusto Marzagão — «*para o que me deslocarei brevemente a Lisboa*» — concluiu.

«A RAPARIGA DO AUTO-STOP»

Com um êxito que se traduz por sucessivas lotações esgotadas, o cinema Vox continua a exibir uma das mais qualificadas altas-comédias desta temporada: «A Rapariga do Auto-Stop».

Filme que representou a Inglaterra no ultimo Festival Internacional de Berlim, «A Rapariga do Auto-Stop» conta com um excepcional desempenho de Rod Steiger, Claire Bloom e Judy Geeson, esta na personagem de uma jovem livre e insinuante que põe em perigo a felicidade de um lar. Lição amarga sobre o amor conjugal, plena de emoção e de observação, intransigente no seu conteudo e implacável no seu desfecho, «A Rapariga do Auto-Stop», que uma fotografia em technicolor muito valoriza, resulta num espectáculo sugestivo e empolgante, que está a apaixonar a opinião publica de Lisboa.

Apresentado actualmente nas maiores capitais europeias, este exclusivo da Universal tem batido verdadeiros «records» de receita e foi considerado como das mais válidas produções saídas nos ultimos anos dos estudios britanicos.

«Risolândia» na América

Partiram para os Estados Unidos e Canadá os artistas que integram «Risolândia», um «show» de variedades que ali vai realizar 40 espectáculos, sob contrato com os empresários Artur Pereira e Francisco Penha.

Os intérpretes que se deslocaram são as Hermanas Benavente, Maria Dilar, Carlos Areias, Badaró e Gabriel Cardoso.

Recital em Setúbal com Natália Correia e Ary dos Santos

Promovido pelo Círculo Cultural de Setúbal, realiza-se amanhã, ás 21 e 30, na sede da União Setubalense, um recital de poesia com a presença dos poetas Natália Correia e Ary dos Santos. Colabora também o cantor Rui Mingas.

Wallace Collection outra vez em Lisboa

O agrupamento vocal-instrumental «Wallace Collection» volta a exibir-se perante as nossas plateias nos dias 19 e 20 de Março, no Cinema Monumental.

OS OUSADOS MALUCOS DO VOLANTE RODAM PARA A 3.ª E ÚLTIMA SEMANA NO SÃO LUIZ E ALVALADE

MAIORES DE 12 ANOS

A PARAMOUNT APRESENTA A PRODUÇÃO DE KEN ANNAKIN

Os Gloriosos Calhambeques

(THOSE DARING YOUNG MEN IN THEIR JAUNTY JALOPIES)

As saias, então, subiram, os decotes, esses, desceram e o mundo ficou louco com o rali de Monte Carlo!

Com um elenco fabuloso (por ordem alfabética)

BOURVIL / LANDO BUZZANCA / WALTER CHIARI / PETER COOK / TONY CURTIS / MIREILLE DARC / MARIE DUBOIS / GERT FROBE / SUSAN HAMPSHIRE / JACK HAWKINS / NICOLETTA MACHIAVELLI / DUDLEY MOORE / PEER SCHMIDT / ERIC SYKES / TERRY-THOMAS

PROD. REAL DE JACK DAVIES AND KEN ANNAKIN

ARG. DE KEN ANNAKIN / TECHNICOLOR / PANAVISION / A PARAMOUNT PICTURE

UM FILME PARAMOUNT

TITLE SONG, MUSIC AND LYRIC BY RON GOODWIN — SUNG BY JIMMY DURANTE. AND OTHER MUSIC FROM THE MOTION PICTURE SCORE AVAILABLE ON PARAMOUNT RECORDS.

DISCOS Estab. MELODIA

LISBOA — R. DO CARMO, 23

PORTO — R. DE S.TA CATARINA, 360

R. DE S.TO ANTÓNIO, 35

Automobilista: Agora já tem o seu MOTEL no Algarve

motel alagoas

(1.ª Classe)

LAGOA — TELEFS. 143 E 168 — ESTRADA NACIONAL 125 — ALGARVE

AGORA no EUROPA ÀS 21,30

MEIAS PRETAS

ADULTOS

UM ÊXITO INDISCUTÍVEL

COM: VICTOR HENRY SUSAN GEORGE JACK SHEPHERD

EASTMAN COLOUR

REAL. CHRISTOPHER MORAHAN

PROD. LEON CLORE

4.ª SEMANA

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

HOJE e todas as noites às 20.45 e às 23 h.

DOMINGO «Matinée» às 16 h.

ADULTOS

Anita Guerreiro na canção «Chelina a Lisboa»

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO EM 3.º MÊS

PEÇO A PALAVRA!

RIA COM

AIDA BAPTISTA ● CARLOS COELHO

ELOÍNA ● SPINA

MAX ● ANITA GUERREIRO

VÍTOR ESPADINHA ● M. FRANCO

E A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL

ANTÓNIO CALVÁRIO

à frente de um grande elenco

Um sensacional «BALLET» internacional

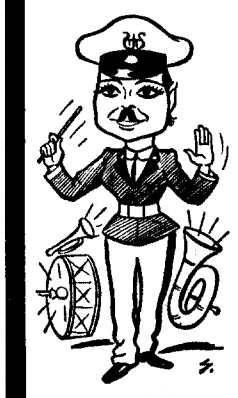
Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

● VÁ ESTA NOITE, AO MARIA VITÓRIA

● ÀS 20.45 OU ÀS 23 HORAS, (ADULTOS)

E RIA, RIA COM A COLOSSAL REVISTA

● DOMINGO, «MATINÉE» ÀS 16 HORAS



DORA LEAL no «Filarmónico»

● ESPERTEZA SALOIA

● SALVADOR ● JOSÉ VIANA

● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL

E AS ATRACÇÕES

● HELENA TAVARES e «THE MELODIES»

À frente de uma grande companhia!

UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

Ah! Ah! Ah! ADULTOS AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de lisboa HOJE ÀS 21 E ÀS 23 H. Ah! Ah! O VISON VOADOR Ah! Ah! Ah!

NO TEATRO MARIA MATOS

«A RELÍQUIA», DE EÇA DE QUEIROZ

Teatralização de Luís de Sttau Monteiro e Artur Ramos; encenação de Artur Ramos; cenários e figurinos de João Abel Manta; intérpretes: Mário Pereira, José de Carvalho, José Leitão, Elvira Velez, Costa Ferreira, Emílio Correia, Gilberto Gonçalves, Armando Venancio, Carlos Alegre, Virgílio Marques, Fernando Soares, Hermínia Tojal, Mário Sargedas Ladislau Ferreira, Emília Pedro, Lurdes Norberto, Julio Cleto Luís Machado, Adelaide João, Ruy Furtado, Vasconcelos Viana, Adelaide Susana Cremilde Gil, Pedro Pinheiro, Madalena Braga.

Comecemos por eliminar o problema (aliás bem real) da legitimidade da adaptação ao teatro (por exemplo) de uma obra literária. Adaptar implica sempre uma alteração de estruturas: não pode, por isso, deixar de ser uma «traição». Mas, assim como Eisenstein se propunha adaptar ao cinema uma obra capital do nosso tempo, admitamos que tudo é adaptável a teatro, tudo é teatro — e passemos á frente.

Para além de quaisquer outros juízos que se possam formular sobre este espectáculo, uma qualidade desde já me parece de reconhecer: a sua unidade. Normalmente, no nosso teatro, o texto «puxa» para um lado, a encenação «puxa» para outro, os actores para um terceiro, o cenário para lado nenhum. Ora, em relação á «Relíquia», embora com algumas reservas, poder-se-á dizer que houve um pensamento director, que houve a intenção, aqui ou ali traída, de criar um todo, de transformar um texto num espectáculo unitário ao qual o espectador pode, ou não, aderir, mas que tem existência própria. Dir-se-á que neste caso as coisas eram mais simples e mais fáceis por se tratar de um texto adaptado já de acordo com essa intenção adequadõo a determinados meios de que se dispunha, que texto e espectáculo formam um todo por razões muito especialíssimas. Seja como for, não se pode deixar de verificar a inteligência de certas soluções, o engenho de que os adaptadores deram provas para não atraiçoar excessivamente o texto original (por exemplo, a preocupação de mostrar que se está perante um espectáculo; a cena final, outro exemplo, enxertada pelos adaptadores).

Os adaptadores do romance de Eça depararam com dois problemas (entre outros, claro): o problema de passar ao teatro o que ao domínio da literatura pertence (embora haja por vezes uma certa teatralidade no texto de Eça: é o caso da cena do jantar em que se fala em ambições e em viagens santas ao mesmo tempo que se comem belos nacos de carne do Norte) — e não o fizeram sem algum sacrifício dos valores queirozianos; o problema de disporem de um palco cujas possibilidades técnicas desejavam explorar, desejavam experimentar (se se quiser, desejavam exibir). Creio que um dos reparos que poderemos fazer ao espectáculo decorre desse facto: a amostragem dos recursos do palco obrigou a uma dispersão que me pareceu prejudicar a unidade a que me referi e, ao mesmo tempo, o ritmo a que o espectáculo devia obedecer. Acresce, ainda, o facto de em teatro, ou pelo menos aqui, aparecer-nos engrossado, vulgarizado, banalizado o que na prosa de Eça nos surge mais subtilmente irónico, mais finamente crítico — e, simultâneamente, mais acerado e impiedoso.

O prémio não foi para ele, foi para Lopes de Mendonça...

De qualquer maneira, este texto parece-me importante como conseguimento de um retrato (caricatural talvez) da sociedade portuguesa, tal como a via Eça de Queiroz, tal como ainda hoje a podemos ver. Isto é uma sociedade que se joga entre duas negatividades: a da ganância e a da hipocrisia. Que essa sociedade (ah! a inefável assistência desta noite...) seja capaz de recuperar as críticas feitas a este nível: é habitual, por razões que não vêem ao caso.

Como reconhece Artur Ramos na nota inserta no programa (e, eis, finalmente, um programa de teatro que vale a pena adquirir), o espectáculo deve muito a João Abel Manta, cuja interferência foi certamente decisiva para que ele obtivesse a unidade já referida. O cenário da casa da «titi», e também o da casa de Adélia, são uma maravilha de concepção e de realização plástica (o estudo da combinação de cores merecia uma análise demorada). Agradou-me menos o cenário da Palestina (a cena do carro de cavalos não resulta, há uma cena no hotel em que não se conseguiu que a mesa-balcão estivesse no sítio).

Onde a meu ver o espectáculo falha (e aqui trata-se, possívelmente, de um problema de encenação) é no desfazamento entre certas estilizações do cenário e da marcação e o naturalismo de outros elementos: choca, por exemplo, uma garrafa de champanhe junto das palmeiras estilizadas. Também na interpretação se observa essa falha, e é aqui, a meu ver, que o espectáculo mais se compromete, quebrando a unidade do todo. Não quero dizer com isto que não haja um nível de interpretação aceitável, em especial por parte de Mário Pereira, que me pareceu bem dirigido, conseguindo dominar as carências da sua voz; de Lurdes Norberto, melhor em Adélia; de Elvira Velez, cuja excelente composição é muito prejudicada por não saber saborear as palavras, por não lhe dar a unção necessária. Costa Ferreira, Ruy Furtado, Emílio Correia, Fernando Soares, Gilberto Gonçalves, Pedro Pinheiro, Cremilde Gil formam o conjunto de personagens principais sem grandes margens para reparos (algumas dessas personagens são excessivamente esquemáticas, dificultando a sua interpretação). Os restantes, em papéis demasiado breves insignificativos, ajudam a formar um conjunto que, se não é famoso, evidencia, pelo menos, uma consciência de colaborar em alguma coisa (o que muitas vezes não acontece). Gostaria, no entanto, que alguns deles não se deixassem tentar pela piscadela de olho, pelo carregar do gesto ou da piada, pelo engrossar do «sinal» (atenção, Mário Pereira).

A utilização de silhuetas, a projecção de «slides», o processo de narrativa que põe Raposão em contacto com o público, por vezes o aproveitamento, ao mesmo tempo integral e funcional, do palco giratório que possibilita a criação de um certo ritmo, ajudando a que melhor seja sublinhado o que o espectáculo deve ter ao mesmo tempo de divertimento e de crítica, por um lado, a conjugação de todos esses elementos numa linguagem teatral, por vezes conseguida, e ainda assim admirável texto, sobretudo, talvez, o admirável texto de Eça de Queiroz — fazem deste espectáculo um espectáculo a não perder (mesmo com o risco de certas exigências ficarem decepcionadas). (1).

CARLOS PORTO

(1) É curioso verificar que no adaptação ao teatro, o texto perdeu o defeito de que era acusado pelos seus contemporâneos (ver texto junto). Teria ganho?

Samantha Jones, cançonetista inglesa que está a obter bastante destaque graças à sua interpretação de «Just leave everything to me» e «Ribbons down my back», encontra-se em Lisboa. Veio à R. T. P. gravar um programa com as oito canções que constam do seu mais recente L. P., acompanhada pelo conjunto «Octopus». Samantha deslocou-se a Portugal a convite do produtor discográfico Carlos Parga, de Rádio Triunfo. Em fins de Março estará novamente no nosso País, para participar num grande espectáculo

«A Relíquia» no seu tempo

A 4 de Setembro de 1884 eis o que, do Porto, em férias do Consulado, Eça de Queiroz escreve ao conde de Ficalho: «Imagine como me tenho aborrecido. Felizmente, apesar de fraco, tenho «piechado» a «Relíquia».

«Era um novo romance!», conta Lopes de Oliveira no seu livro sobre Eça de Queiroz. Supomos ser essa a primeira, ou uma das primeiras, referência feita por Eça sobre «A Relíquia». Tempos mais tarde, conta estar a rever «uma verdadeira montanha de provas» que se supõe ser do novo livro. Escreve, simultâneamente, um outro romance: «Os Maias», no qual trabalhou durante cinco anos. Eça queixa-se amargamente dos seus editores que parece «atraiçoarem» as suas criações ... O contrato de venda de «A Relíquia» ao editor Chardron foi celebrado em 5 de Abril», conta ainda Lopes de Oliveira.

Em 1877, Mariano Pina escreve: «Neste momento em Portugal apenas se fala dos dois romances de Eça de Queiroz — «Os Maias» e «A Relíquia» —, romances que em breve devem ser postos á venda porque já se acham impressos e brochados os volumes.»

«A Relíquia» acabou por ser publicado um ano antes de «Os Maias»: em Junho de 1887 (1).

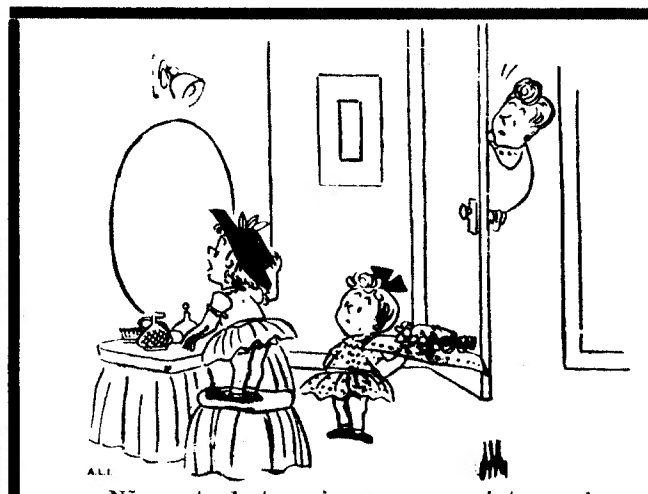
Mariano Pina, na «Ilustração» de 20 de Julho de 1887, dedica-lhe uma crítica, longa e cheia de elogios mas também de reticências: «Abordemos francamente o defeito artístico de «A Relíquia», defeito que, felizmente, o autor pode corrigir numa segunda edição, com a mesma facilidade com que um escultor pode, no mármore, corrigir a deformidade de um músculo que o artista errou no gesso. É a questão do *eu* — e ser o livro a conversa na primeira pessoa de uma personagem bastante medíocre e bastante ignorante recebendo durante a sua viagem de Lisboa a Jerusalém impressões e sensações como só as recebe um espírito superior, e vendo aspectos e indivíduos através de um prisma como só pode possuir e manobrar um artista maravilhosamente dotado como é o sr Eça de Queiroz.»

Eis a opinião do próprio Eça sobre o seu livro: «Eu por mim... não admiro pessoalmente «A Relíquia». A estrutura e composição do livreco são muito defeituosas. Aquele mundo antigo está ali como um trambolho, e *só antigo por fora*, nas exterioridades, nas vestes e nos edifícios, e no fundo uma paráfrase tímida do Evangelho de São João, com cenários e factos de teatro! e falta-lhe ser atravessado por um sopro naturalista de ironia forte, que daria unidade a todo o livro, D. Raposo, em lugar de se deixar assombrar pela solenidade histórica, devia rir-se dos judeus e troçar dos Rabbis. O único valor do livreco está no *realismo fantasista da Farsa*.»

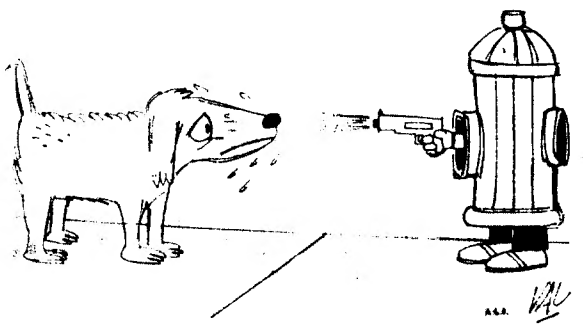
Eça de Queiroz concorreu com «A Relíquia» a um prémio da Academia instituído por D. Luís. A obra premiada foi «O Duque de Viseu», de Lopes de Mendonça! Pinheiro Chagas, relator da acta da reunião em que o prémio foi atribuído, referia-se, igualmente ao facto de o Raposão não poder entender e nem sequer conce-

(1) Helena Cidade Moura diz, no prefácio da nova edição da «Relíquia», que este romance foi «primeiramente editado, em folhetins, na «Gazeta de Notícias», do Rio de Janeiro.

(Continua na 19.ª página)



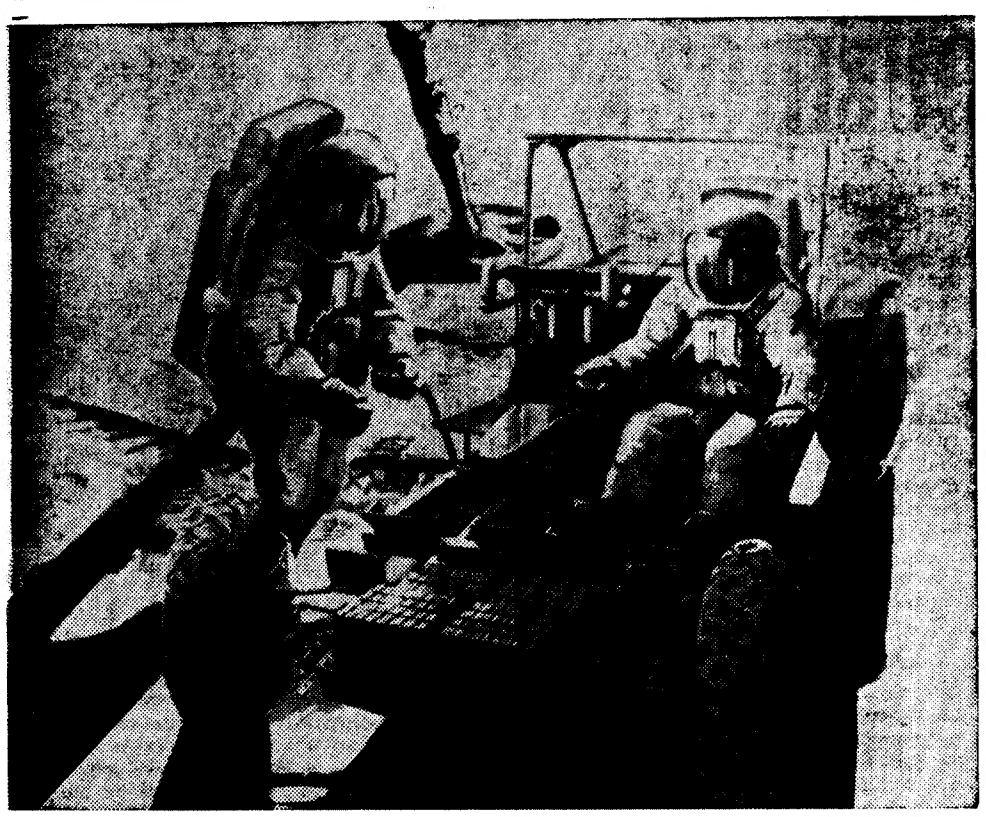
— Não gosto deste: rejuvenesce-me vinte anos!



A ofensiva dos blindados

— Calma, patrão! Não perca a cabeça...

Actualidade internacional



«JEEP» LUNAR — Desenho-previsão do «Lunar Rover», que está a ser projectado pela Boeing Co. O «jeep», com uma potência de cerca de 10 CV destina-se á tripulação da Apolo 16, que alunará em 1971 e terá assim um veículo para «viajar» na Lua

ACORDO COM OS GUERRILHEIROS

Perda de prestígio para o rei Hussein

BEIRUTE, 13 — (R.) — Hussein da Jordânia e os chefes dos guerrilheiros da Palestina evitaram durante a noite um conflito declarado, que poderia ter desfeito o reino árabe.

Ambas as partes concordaram a noite passada na sua terceira conferência em 24 horas — e após um dia de tiroteio esporádico em Amman e noutras áreas — com uma trégua e em acabarem com todas as acções provocadoras.

Contudo, continuava para ser observado se os chefes dos guerrilheiros poderão refrear os jovens irascíveis «comandos», que têm passeado desafiadoramente durante os últimos dois dias pelas ruas de Amman, exibindo as suas armas automáticas, de fabrico soviético e egípcio.

Antes do acordo, a situação ameaçara explodir, com os guerrilheiros armados vagueando pelas ruas e guarnecendo barreiras em vias conduzindo a acampamentos de refugiados e ao QG dos «comandos».

Os guerrilheiros disseram que 19 dos seus homens foram mortos em recontros com tropas jordanas em Amman e Salt, mas isso não podia ser oficialmente confirmado.

Na sua conferência com os chefes dos guerrilheiros, o soberano, de 34 anos, concordou em «congelar» a concretização do seu duro decreto de segurança interna, anunciado na terça-feira, cuja proibição do transporte e emprego de armas e outras acções, pondo em perigo a segurança pública, foi denunciado pelos «comandos» como uma tentativa para os suprimir.

O acordo fornecerá uma pausa para respirar durante a qual as duas partes discutirão uma base permanente para a preservação da unidade nacional sob a chefia «das forças armadas e das forças das organizações de guerrilheiros», como asseverava uma comunicação transmitida por Rádio Amman.

Se não representava um desaire completo para o rei, a seguir á atitude dura que assumiu na terça-feira, o acordo equivalia, porém, a uma perda considerável de prestígio — disseram observadores desta capital.

O autorizado jornal cairota «Al Ahram» que reflecte o pensamento oficial egípcio, contribuiu, também, com a sua influência com um editorial afirmando que nada do que foi discutido na cimeira dos países árabes da linha da frente, no último fim-de-semana no Cairo, justificava as medidas de segurança reais.

POLÉMICA ENTRE O VATICANO E O PARTIDO SOCIALISTA

CIDADE DO VATICANO, 13 — (R.) — A Santa Sé atacou ontem o Partido Socialista Italiano, a seguir ao aviso feito anteontem pelo Papa Paulo VI, de que a introdução do divórcio em Itália violaria o acordo estabelecido antes da guerra entre a Igreja e o Estado.

O «Avanti», órgão do Partido Socialista, acusou ontem o Papa de interferência nas questões internas de Itália num momento particularmente delicado da vida política do país.

«L'Osservatore Romano», órgão do Vaticano, replicou num editorial não assinado acusando o jornal socialista de pouco menos de impertinência e afirmando que teria feito melhor em ficar calado.

Os socialistas encontram-se entre os vários partidos laicos que apoiam uma lei para introduzir o divórcio em Itália, onde, presentemente, os casamentos apenas podem ser dissolvidos por anulação da Santa Sé.

Ao casamento católico romano foi dada a força de lei civil em Itália, nos termos da concordata de 1929 entre o Vaticano e o Governo de Mussolini, que ajudou a estabelecer as relações entre a Igreja e o Estado, pela primeira vez, desde o domínio perdido pelos Papas sobre Roma há um século.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Programa da visita de Pompidou aos EUA

PARIS, 13 — (R.) — O presidente Georges Pompidou terá duas conferências com o presidente Nixon, proferirá quatro discursos importantes e percorrerá os Estados Unidos durante a sua visita oficial a este país no fim deste mês, segundo revela o programa oficial publicado a noite passada em Paris.

A visita, a mais demorada que o presidente Pompidou efectua ao estrangeiro, é considerada pelos funcionários franceses como uma oportunidade de travar discussões úteis nas quais o dirigente francês não comprometerá a política de independência nacional estabelecida pelo general de Gaulle.

A venda de mais de 100 jactos militares Mirage á Líbia, que provocou preocupação nos E. U. A., fornece um pano de fundo controverso para as conversações entre os dois presidentes.

O presidente e a sr.ª Pompidou chegarão a 23 de Fevereiro á base aérea de Andrews.

O presidente jugoslavo em Nairobi

NAIROBI, 13 — (A. N. I.) — O presidente Jomo Kenyatta conferiu a mais alta distinção honorífica do seu país — a de «chefe do coração de ouro» — ao presidente Tito da Jugoslávia, que chegou a Nairobi por via aérea em visita ao Quénia.

Tito veio da Etiópia, onde anunciou que chegara a acordo, com o imperador Hailé Selassié, para se convocar a terceira conferência de alto nível dos países não alinhados, antes do início da vigésima quinta Assembleia Geral da O. N. U., que se realiza em Setembro.

No comunicado conjunto divulgado em Adis Abeba, os dois chefes de Estado reafirmaram a sua fé nos destinos da O. N. U. e consideraram a situação no Médio Oriente suficientemente perigosa para ameaçar a paz e a segurança internacionais.

LAM
SALDOS
Lanalgo
Tecidos
Confecções
Malhas
Meias
Lingerie
Camisaria
Calçado
Artigos de Ménage
etc., etc..
Lanalgo
expõe brevemente
as suas colecções
e novidades para
a Primavera e
Verão de 1970
RUA DE SANTA JUSTA
RUA DOS CORREEIROS
RUA DA PRATA
os saldos da Lanalgo são mesmo saldos!

Comando único palestiniano

BEIRUTE, 13 — (F. P.) — Foi constituído na Jordânia um comando único da resistência palestiniana, segundo anuncia um comunicado ontem á noite publicado em Beirute pela Al Fatah. O comunicado é assinado por representantes de quase todas as organizações de resistência, dos sindicatos e do Partido Comunistas jordano.

Todas estas organizações reclamam a «constituição de um Governo Patriótico, que goza da confiança popular e coloque a Jordânia em verdadeiro estado de guerra, em íntima coordenação com a resistência palestiniana».

O comunicado inclui um apelo ao Exército jordano, para que se recuse a lutar contra os palestinianos.

O ATENTADO DE MUNIQUE — Um dos três árabes implicados no atentado à bomba perpetrado no aeroporto de Munique quando passageiros de um avião israelita se preparavam para embarcar, é conduzido sob escolta para um tribunal daquela cidade, onde foi interrogado

APÓS O ATAQUE À FÁBRICA EGÍPCIA

Nasser perante exigências de retaliação contra Israel

CAIRO, 13 — (R.) — O presidente Nasser enfrenta hoje furiosas exigências de ataques de retaliação contra Israel por causa do bombardeamento de uma fábrica metalúrgica nos arrabaldes desta cidade, que matou 70 egípcios e feriu mais 100.

Enquanto médicos tratavam dos feridos, muitos deles gravemente queimados, engenheiros do Exército egípcio, trabalhando numa área isolada no meio das ruínas da fábrica em Abou Zabal, a 32 quilómetros a nordeste do Cairo, conseguiram finalmente durante a noite despoletar três bombas de relógio israelita.

Militares afirmaram na capital que não fora a primeira vez que os israelitas lançaram bombas de acção retardada e puseram de parte depreciativamente o aviso feito do Egipto pelo ministro israelita da Defesa, Moshe Dayan, de que uma bomba de relógio deveria explodir dentro de 24 horas.

O número de mortos na fábrica foi a maior perda de civis sofrida pelos egípcios em consequência de um ataque israelita desde a guerra dos seis dias em Junho de 1967.

O bombardeamento era considerado no Cairo como uma escalada séria da guerra não declarada árabe-israelita.

E, como era esperado, não tardaram as exigências de represália por parte dos egípcios.

Parentes angustiados, que enchiam os corredores do hospital de KhanKa, para onde os feridos foram levados, exigiam retaliação rápida.

«Porque não atacamos os seus civis (israelitas)»? — gritava, a chorar, uma mãe.

«Os civis israelitas devem pagar por isto. Estes ataques contra civis não podem ficar sem castigo» — afirmou um homem, cujo filho se encontrava entre os feridos.

Outro, com a voz embargada pela emoção, disse, referindo-se aos israelitas: «Desejava que pudessemos dizimá-los».

Em Tel-Aviv, um informador militar declarou que a política de Israel de atacar apenas alvos militares não fora alterada e que o bombardeamento da fábrica fora acidental.

Crianças hibernam antes de nascer?

LONDRES, 13 — (R.) — Algumas crianças nascem passado o período normal de nove meses porque o seu desenvolvimento é interrompido durante um período de hibernação no ventre materno, afirma hje o dr. Wilfred Mills no jornal «The Lancet».

As crianças a quem isso acontece precisam de recuperar o tempo perdido para atingir o desenvolvimento normal e só então estão prontas para nascer.

Nem repórteres nem fotógrafos no casamento de Barnard

JOANESBURGO, 13 — (F. P.) — O casamento do prof. Christian Barnard com Barbara Zoellner, sul-africana, de 19 anos, será celebrado provàvelmente amanhã, dia de S. Valentim (Dia dos Namorados), segundo a tradição anglo-saxónica. A chegada do famoso cirurgião a Joanesburgo, vindo do Cabo, parece confirmar esta data, que é, de resto, a indicada pelos intimos da familia Zoellner.

O prof. Barnard, bastante irritado, recusou-se a confirmar ou a desmentir. Também não quis comentar as declarações de sua ex-mulher, Gertruda, que, numa entrevista publicada na Alemanha, afirmou que o prof. Barnard tinha oferecido casamento a Gina Lollobrigida.

O prof. Barnard foi logo para casa dos futuros sogros, e dá-se a entender que os noivos estão de acordo quanto a não haver repórteres nem fotógrafos no casamento.

Sabe-se que foi encomendado há cerca de 10 dias um bolo monumental de casamento a um renutado pasteleiro da cidade.

NOVO ALUDE EM VAL D'ISÈRE

VAL D'ISERE, 13 — (R.) — Às primeiras horas de hoje, verificou-se nova avalanche no outro lado da montanha que domina esta cidade. A avalanche ocorreu perto de Tignes e bloqueou todas as vias de abastecimento. Não houve feridos, mas as equipas de socorro informaram que os alimentos começam a tornar-se escassos.

Entretanto, milhares de turistas enervados tiveram de passar mais uma noite em Val d'Isere, onde ontem houve mais quatro avalanches, uma das quais matou um bebé.

O ambiente é cortado durante todo o dia pelo toque das sereias indicando a ocorrência de novos aludes, apenas dois dias depois do desastre que causou 42 mortos.

A criança que morreu encontrava-se a dormir junto da mãe quando a neve irrompeu pela janela de cinco vivendas. A mãe conseguiu escapar, mas a criança, de oito meses, faleceu, apesar de todos os esforços para a reanimar.

Um outro alude atirou para fora da estrada seis ou sete automóveis que se encontravam estacionados á saída da cidade. Os ocupantes conseguiram fugir a tempo.

Ao amanhecer, a neve, que tem caído quase sem parar naquela estância de luxo, abrandou, fazendo nascer a esperança que a estrada possa ser hoje aberta novamente. No entanto, será necessária uma descida de temperatura para endurecer a neve. Ontem as ruas da cidade estavam cobertas com cerca de dois metros de neve, criando enormes engarrafamentos de trânsito aos turistas, que pretendiam sair antes de nova avalanche impedir em La Daille qualquer tentativa de fuga.

A maior parte dos 7000 turistas que se encontravam em Val d'Isere durante o fim de semana, eram franceses, embora houvesse também ingleses, alemães e canadianos.

EM VAL D'ISÈRE OS ALIMENTOS COMEÇAM A ESCASSEAR

LAOS: À ESPERA DE UMA OFENSIVA

VIENTIANE, 13 — (R.) — Milhares de soldados norte-vietnamianos estão preparados para desencadear uma ofensiva em larga escala, através da planície de Jarros, depois de terem capturado uma posição estratégica na fronteira do Laos.

Fontes laocianas bem informadas pensam que o facto dos comunistas terem, ontem, ocupado um monte que domina o entroncamento de duas estradas principais perto de Phou Houei, assinala o início de uma ofensiva para a reconquista da planície dos Jarros.

Calcula-se em 15 000 os efectivos dos norte-vietnamianos e do Pathet Lao que se encontram agora em posição de avançar novamente pela planície, que no ano passado tinha sido tomada pelas tropas governamentais laocianas.

O primeiro-ministro Souvanna Phouma propôs a Hanói que a região seja considerada zona neutral, mas essa proposta foi rejeitada.

TIROTEIO NA CAPITAL DO LESOTHO

MASERU (Lesotho), 13 — (R.) — Homens armados atacaram ontem á noite a sede da Polícia desta cidade, matando um agente — anunciou hoje aquela corporação.

Os homens tentaram tomar a sede, depois de ter sido anunciado durante o dia que o irmão do rei Moshoeshoe, chefe Mathealira Seeiso, tinha sido preso nas montanhas orientais do Lesotho.

Em toda a capital do Lesotho, as sereias chamavam a Polícia aos seus postos enquanto se ouviam tiros em várias zonas da cidade.

Um informador da Polícia declarou que uma das unidades móveis tinha sido alvejada a tiro numa aldeia a oriente de Maseru, mas alguns habitantes da cidade afirmam que o tiroteio começou no quartel-general da Polícia.

Outras notícias informam que o tiroteio começou no palácio onde o rei Moshoeshoe continua preso.

O informador declarou, porém, que segundo o que sabia não tinha havido ataque ao palácio nem qualquer tentativa para libertar o rei.

Cerca de uma hora depois, a calma regressava, mas a cidade passava a ser patrulhada pelo Exército e por unidades móveis da Polícia.

O agente que morreu era o inspector Isaac Mataung. Não houve notícias de mais vítimas.

LARINGE ARTIFICIAL

NOVA YORQ, 13 — (F. P.) — O professor de cirurgia nova iorquino, dr. Stanley Taub, informou ter feito uma laringe artificial e que este seu aparelho já dera voz a um médico reformado, de 76 anos, que ficara com a laringe destruida por um cancro, 12 anos antes.

Graças á sua «caixa de voz», como lhe chama o dr. Taub, o seu paciente pode falar. O próprio doente pode retirá-la e voltar a colocá-la quando quiser. No entanto, por agora, ainda é preciso uma operação para colocar a «caixa de voz» na posição adequada.

O dr. Taub reconheceu que era ainda preciso aperfeiçoar o seu aparelho de forma a que o seu portador pudesse ingerir líquidos sem lhe mexer.

O primeiro utilizador do aparelho foi operado em 15 de Janeiro e, sete dias depois, já pôde ele próprio colocar a sua laringe artifiical.

VÃO REALIZAR-SE EM BREVE CONVERSAÇÕES SOBRE BERLIM

WASHINGTON, 13 — (A. N. I.) — Vão realizar-se em breve conversações entre as quatro potências sobre Berlim, como resultado do acordo soviético contido na nota entregue á embaixada norte-americana em Moscovo.

Os russos declararam o seu desejo de discutir a delicada situação de Berlim com os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha.

Nos círculos diplomáticos de Washington sublinha-se, contudo, que, embora os russos indicassem que desejam falar de Berlim, a sua resposta foi de não-aceitação das propostas dos E. U. A.

De facto, a nota soviética contém recomendações que seriam difíceis de aceitar pelas três potências ocidentais — afirma-se.

A realizarem-se, como se prevê, estes encontros serão as primeiras negociações políticas entre a União Soviética e a Alemanha Ocidental desde há 15 anos.

Acredita-se que os Estados Unidos conferenciem com Paris e Londres antes de dar seguimento à nota soviética. Em círculos diplomáticos diz-se, no entanto, que as conversações das quatro potências sobre o futuro de Berlim são agora consideradas «uma certeza».

Os russos sugeriram que as conversações se realizem em Berlim Ocidental, ao nível de embaixadores.

Diz-se que a União Soviética sugeriu que Berlim Ocidental fosse convertido num terceiro Estado alemão — em igualdade com a República Federal e a República Democrática — que removesse toda a propaganda anticomunista e as agências de «espiões» e sessões do Parlamento federal que têm sido realizadas em Berlim Oeste periódicamente, apesar das objecções soviéticas.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

O CIDADÃO TEM DIREITO A BONS SERVIÇOS

— Lema de uma remodelação na Câmara de Loures

(Continuação da 1.ª página)

celho limítrofe de Lisboa (industrialização e, sobretudo, crescimento demográfico, além de outros a nova equipa decidiu meter ombros a uma reestruturação dos serviços. Isso, porém, não poderá ser feito do pé para a mão.

— *A actual estrutura dos serviços é a mesma de quando o concelho tinha uns trinta mil habitantes. Mais do que isso têm algumas das localidades concelhias mais chegadas a Lisboa* — disse o presidente.

Na convicção de que um «bom funcionamento dos serviços condiciona cada vez mais a felicidade dos indivíduos», como foi afirmado, 30 funcionários decidiram inscrever-se neste curso, que terá como professores os drs. Nuno de Vasconcelos e Penha Coutinho, técnicos do S. R. A. e diplomados pela Escola Nacional de Administração Pública de Espanha.

CIÊNCIA DO ÓBVIO

Quanto ás esperanças que deposita neste género de cursos, o dr. Nuno de Vasconcelos não se mostrou demasido esperançado. Disse ele que o que se iria ensinar era a «ciência do óbvio» e que tudo dependeria exclusivamente, das pessoas. Mas defendeu que, se 10 por cento dos que assistem ao curso se interessarem verdadeiramente por estas coisas da eficiência, já terá sido uma vitória».

— *Há quem diga que para reformar uma administração é necessária uma revolução, política ou económica. Se assim é, vamos cruzar os braços e esperar essa revolução benfazeja. Eu, no entanto, acredito em que há outras vias* — afirmou o dr. Vasconcelos, na sua apresentação aos «alunos».

Um aspecto da sessão inaugural do curso de Organização e Prática do Trabalho Administrativo

O «GANCHO»

Pouco depois, o referido técnico explicou:

— *A reforma da administração pode ser feita. Para isso é, porém, necessário que parta de baixo. Que sejam as pessoas que executam a fazê-la. Assim ninguém a poderá impedir.*

Referindo-se aos «ganchos» que muitos funcionários têm, «em virtude de não estarem bem pagos», o monitor do curso disse que os que os tinham, se defendiam durante as horas de serviço, para depois poderem render aquilo que o patrão particular deles exige.

Muita gente nem sabe, mas Moscavide, por exemplo, pertence ao concelho de Loures e não ao de Lisboa, embora esteja tão perto dela. Como também nem toda a gente tem conhecimento, é mais fácil conseguir, por processos nem sempre muito lícitos, autorizações para construir fora das apertadas fronteiras administrativas da capital. Essa é uma das razões porque se vêem nascer todos os dias máquinas de habitar a que se dá os nomes mais variados e aliciantes — jardim, mira - qualquer-coisa, parque, etc Mas a mais importante, e que também não é do conhecimento geral dos lisboetas, é que, devido a um despacho, a lei que proíbe o aumento das rendas em Lisboa e concelhos limítrofes está há já alguns anos apenas circunscrita a Lisboa pròpriamente dita. Assim, um habitante de Moscavide, Algés ou Queluz pode ver, de cinco em cinco anos, aumentada a renda da casa onde mora para um preço de que fugiu quando foi para ali morar. Ou, quem sabe se mesmo superior, até, aos qut se praticam na Lisboa «do caroço».

Os problemas do crescimento demográfico e da urbanística são, pois, dos que mais afligem — quando as pessoas são de se afligir — as administrações dos concelhos dos arredores de Lisboa. Em Loures, pretende-se dar um passo em frente na sua resolução. Depois de um levantamento completo das condições de habitação — que já revelou seis mil barracas (duas mil de madeira) — a Camara tenciona levar a cabo a venda de terrenos, devidamente urbanizados e com as necessárias infra-estruturas (arruamentos, esgotos, água canalizada, luz, escolas), a preços honestamente baixos.

CORRUPÇÃO

— *O que pretendemos é levar construir legalmente aquelas pessoas que, de outro modo, seriam empurradas para a clandestinidade, com todos os inconvenientes sociais que daí fatalmente advêm* — disse o capitão Silva Baptista.

Mas não é apenas nesse campo que a Camara de Loures tenciona actuar. O dr. Osvaldo Gomes foi peremptório ao afirmar:

— *Fazemos tenções de reprimir exemplarmente todas as venalidades comprovadas. Até já comunicámos a grande parte dos particulares para que se nos dirijam (a nós presidente e vice-presidente subentende-se) quando haja demoras no deferimento de requerimentos ou na aprovação de projectos que possam parecer suspeitos. Aconselhamos a que não se dirijam aos técnicos para fazer essas reclamações.*

O jovem vice-presidente, talvez por deformação profissional, parece ser o impulsionador dos cursos para os funcionários e, no futuro, para os próprios empregados das empresas que têm actividades no concelho.

Afirmou ele aos «alunos» do curso:

— *O liberalismo fazia do Estado um mero policia. Mas agora ele (o Estado) tem de intervir em todo o processo de desenvolvimento social e económico. O parlamentarismo está em crise. Já não se pensa na representação parlamentar como a tábua de salvação publica. É a democracia no trabalho que se tende hoje em dia. É para lançar em vocês o desejo de simplificar a vida dos que nos procuram que organizamos este curso e os outros que virão a seguir. Entre nós, infelizmente diz-se que «há sempre um amanhã», mas nunca dizemos que há um hoje. Os administrados têm direito a bons serviços.*

EDUCAÇÃO

A Camara Municipal está também interessada no problema educacional da sua população sempre crescente. Nesse sentido, lançou já um inquérito sobre as necessidades educacionais, para depois poder propor ao Ministério da Educação Nacional, com pleno conhecimento de causa, a construção dos estabelecimentos de ensino necessários.

— Para já — disse-nos o presidente — pensamos numa escola comercial e industrial e num liceu, além de diversas escolas primárias. Em Lousa até já temos um terreno para a escola primária. Só falta construir. *Aliás, essa é a* política que tencionamos seguir. Primeiro arranjar o terreno e, depois, é só pedir a construção. Sabe, os terrenos são sempre o que demora mais tempo. Assim já vai meio trabalho feito.

Num concelho que é dos maiores do País, há apenas uma escola do ciclo preparatório em Odivelas. Não há mais nenhum estabelecimento de ensino secundário e muitas das escolas não possuem ainda a sexta classe.

O presidente e o vice-presidente da Câmara Municipal de Loures quando falavam ao nosso redactor

DUAS LISTAS ÀS ELEIÇÕES DO SINDICATO DOS CAIXEIROS

Ao presidente da mesa da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa foram entregues duas listas de candidatos às eleições dos corpos gerentes daquele organismo para o triénio 70/72.

Uma das listas, apresentada por um grupo de sócios, indica a seguinte constituição: *Assembleia geral* — presidente, Pedro Alexandre Pereira da Silva; 1.º secretário, Luís Vasco Vera Ferreira; 2.º secretário, António José Mendes Simões; *suplentes* — Constantino Pereira da Silva, Fernando António Oliveira Cunha e Carlos Maria Monteiro Leal. *Direcção* — efectivos, Fernando João Almeida Récio, Manuel Paz San Martin, Maria Júlia dos Santos, José Malaquias Pinela e António Trindade Raposo; *suplentes*, José Brito Bento, Américo dos Santos, Jorge Correia Pato, Fernando Joaquim da Silva e Ramiro Lopes dos Santos Figueira.

A lista apresentada pela actual direcção é constituída pelos seguintes elementos: *Assembleia geral* — presidente, Jesuíno do Nascimento Correia; 1.º secretário, António da Silva Pereira; 2.º secretário, José de Jesus. *Direcção* — efectivos, José João Soares da Silva, Marcelino António Figueiredo, Maria de Lourdes Santos M. Perez, Manuel da Conceição Mineiro Pessoa e Armando Aníbal de Sousa; *suplentes* — Armando Brás, José Guilherme Martins de Carvalho, João Alves da Silva, Irene da Silva Pereira Ferreira e Adelino de Almeida Cunha.

COM TAKY NÃO HÁ PROBLEMAS PARA A MULHER MODERNA

TAKY

O DEPILATÓRIO FRANCÊS QUE ELIMINA OS PÊLOS EM POUCOS MINUTOS

SEM DÔR SEM IRRITAÇÃO

PEÇA LITERATURA

Couto, L.da PORTO

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

de

A «Voz do
mora hoje
tên Co
as ha. A efe
cada domin
um almoço
ção: «Mas
se um func
taria daque
a mais bela
memorativa
crianças qu
primeiros e
Presenten
A Voz do
nistrado o
rio e prim
quinhentas
as categoria
mil e cem
tram-se mat
versas esco
A Voz
muito tempo
em se não
partido pol
mo coopera
tomou a fo
de Sociedad

tão pesso
tão personal
como a su
impressão d
a camisa

Califa

personaliza
tem a sua in

Califa Personalizada

A CAMISA QUE O FAZ SAI

Risos de crianças no 87.º aniversário e «A Voz do Operário»

«Voz do Comércio» comemora hoje 87 anos de existência. Comemorações não há. A efeméride será evocada domingo próximo com um almoço de confraternização. «Mas — como nos disse um funcionário da secretaria daquela instituição — a mais bela manifestação comemorativa é a alegria das crianças que aqui fazem os primeiros estudos».

Presentemente, na sede de «A Voz do Operário» é ministrado o ensino pré-primário e primário a cerca de duzentas crianças de todas as categorias sociais. Outras tantas e cem crianças encontram-se matriculadas em diversas escolas da sociedade.

«A Voz do Operário há muito tempo que faz questão de não ligar a qualquer credo político. Nasceu cooperativa e mais tarde mutualista a forma e designação de Sociedade de Instrução e Beneficência. A publicação periódica que edita, e que tem o nome da Sociedade, foi o orgão dos manipuladores de tabaco. Durante todas estas décadas, a Sociedade de sempre se propôs estudar o modo de resolver o grandioso problema do trabalho, procurando, por todos os meios legais, melhorar as condições deste, debaixo dos pontos de vista económico, moral e higiénico.

Além disso, bateu-se a Sociedade pela criação de escolas, caixa económica, e tudo quanto, em harmonia com a índole das sociedades desta natureza, possa concorrer para a instrução e bem estar da classe trabalhadora em geral e dos sócios em particular.

Actualmente, actividades culturais e recreativas proporcionam aos sócios um convívio profícuo e são: cinema, teatro, conferências, comunicações. Raro é o dia em que a sua biblioteca não seja frequentada por estudantes, operários dos cursos técnicos nocturnos, chefes de família, etc.

E, finalmente, por todas aquelas escadas, salas e corredores, há as palavras abertas das crianças, assimilando vogais, consoantes e números. «Andei na Voz do Operário» — dirão mais tarde

DIA A DIA parlamentar

- **A Assembleia Nacional, encerrada durante as férias de Entrudo, reabre no próximo dia 17. Mas na segunda-feira haverá uma reunião conjunta das comissões de Legislação e Redacção e de Política e Administração Geral, a que presidem, respectivamente, o conselheiro Albino dos Reis e prof. Gonçalves de Proença, para exame da proposta de lei sobre a criação dos Tribunais de Família.**
- **A Câmara Corporativa está a apreciar dois projectos de lei apresentados pelo deputado eng.º Camilo de Mendonça: um relativo à designação pelas corporações dos vogais dos organismos de coordenação económica, e outro sobre o crédito a conceder à colheita de produtos agrícolas.**

COLÓQUIOS SOBRE PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA

A Sociedade Portuguesa de Psicologia, com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, promove, a partir da próxima terça-feira e até 20 de Março, colóquios interdisciplinares sobre as relações da Psicologia com a Psiquiatria. Estes decorrerão, às terças e sextas-feiras, às 21,30, no Auditório II da Fundação Gulbenkian.

Na primeira reunião, apresentam comunicações os srs. prof. Henrique Barahona Fernandes («Psicologia, Psicopatologia, Psiquiatria») e dr. Manuel Breda Simões («O método patológico em Psicologia diferencial»).

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

o Repórter de serviço

Turquato da Luz

Julgamento (sem sentença) na escada

«Tinha a sina marcada, coitadinho. Milhares de vezes o vi andar em piruetas no corrimão da escada, milhares de vezes o avisei. Ele ria-se e continuava. Aos poucos, deixei de me preocupar com isso» — *disse-me D. Alice, enquanto, com um lenço, limpava os olhos húmidos.*

«Como foi desta vez então?» — *perguntei, por perguntar. D. Alice, que mora no segundo andar do prédio onde se deu a tragédia (o Carlinhos vivia, com os pais, no terceiro), pôs um ar ainda mais triste e respondeu:*

— Estava a jantar com o meu marido, quando ouvi aquele grande baque no rés-do-chão. Corri à porta a ver o que era. Debrucei-me e vi. Era uma coisa horrível lá no fundo da escada. Não tive coragem para descer.

— *Mas nunca viu a mãe zangar-se com ele por brincar no corrimão?*

— Nunca. E bastantes vezes a avisei. Ela era lá capaz de bater no menino ..

— *Há outras formas de ensinar .*

— Haja ou não haja. Os meus educaram-se assim. E não me dei mal. Coitado do Carlinhos! Era tão bonito.

O menino, de seis anos, habituara-se a brincar na escada. «Temos uma casa pequena. O miúdo não tinha espaço para estender os brinquedos» — *dizia a mãe, que acrescentava:* «Já vê, aqui nunca passa ninguém, é o último andar e só moramos nós». *Era uma explicação para as vizinhas pessimistas, sempre a prever tragédias.*

Segundo D. Alice, a mãe do Carlinhos queria era ver-se livre dele enquanto arranjava a casa. Pondo-o na escada e fechando a porta, evitava que o miúdo lhe andasse a choramingar atrás ou a agarrar-se-lhe às saias enquanto limpava o pó, tratava da cozinha, lavava a loiça ou fazia as camas:

— Tenho pena dela, que perdeu o filho. Mas tivesse tido mais cuidado...

O julgamento de D. Alice teria razão de ser? Eis o que nunca tribunal algum decidirá. Uma certeza, no entanto, ficou comigo, nunca mais, naquele prédio enquanto for recordado o doloroso exemplo do Carlinhos, uma criança brincará na escada. Essa certeza, porém, não a passei ao papel ao redigir a notícia.

O CASO DO TABACO APREENDIDO

NÃO ESTÁ EM CAUSA A COMPETÊNCIA DOS TRIBUNAIS PORTUGUESES PARA DECIDIR NESTA MATÉRIA

Ao contrário do que chegou a ser noticiado, nunca houve dúvidas sobre a competência dos tribunais portugueses para julgar o caso dos 600 mil maços de tabaco há dias apreendidos pela Polícia Judiciária, a bordo do cargueiro «Ponta Garça» — afirmam fontes fidedignas ligadas ao processo.

A única dúvida levantada ao longo do processo — indicam as mesmas fontes — foi sobre a competência das autoridades policiais para proceder à apreensão do material, no valor de 8600 contos, a qual só foi efectuada depois de obtido parecer favorável da Procuradoria-Geral da República.

James Bond, vulgo «007» não desdenharia desempenhar um papel nesta complicada história do tabaco apreendido pelas autoridades portuguesas, embora toda ela não seja mais do que um episódio, por acaso vindo a público, entre os muitos que todos os dias se desenrolam longe dos olhos oficiais.

O tabaco apreendido é originário da Rodésia, onde o francês Raymond Chéze, director de uma sociedade em Bordeus, o obteve através de Joseph Bonattar, como pagamento de uma partida de vinhos que negociara com uma firma de Salisbury.

Segundo o processo em curso no 4.º Juízo Correccional do Tribunal da Boa Hora — os cigarros foram vendidos como sendo das marcas «Benson and Hedges», «Gold Leaf», «Lucky Strike», «State Express» e «Life», as quais eram regularmente produzidas na Rodésia do Sul, até ao embargo económico a que este país foi condenado, após a sua declaração unilateral de independência.

Não podendo fazer entrar o tabaco em França, Raymond Chéze tentou vendê-lo em diversos locais, incluindo Portugal. E assim foi que, há já quase dois anos, o representante das empresas legalmente produtoras daquelas marcas requereu o embargo do tabaco, alegando que se tratava de um caso de contrafacção de marcas. O tabaco, que já viajou largamente pelo mundo, tendo estado já nos portos de Tanger, Beira (Moçambique), Hamburgo e, finalmente, Lisboa, para onde veio, a bordo do cargueiro «Ponta Garça»

Deste modo, franceses, daneses, sudaneses, biafrenses (estes contactados em Lisboa) e portugueses (entre os quais o conhecido autor de letras para canções Eduardo Damas) figuraram entre as pessoas contactadas para comprar o tabaco — mas, ao fim e ao cabo, sem êxito

Entretanto, a Polícia Judiciária instruía o processo, através de inúmeras e complexas diligências, que atestaram uma vez mais a eficiência daquela corporação. Instruído o processo, foi este enviado aos tribunais, tendo sido distribuído ao 4.º Juízo Correccional do Tribunal da Boa Hora, como um caso de ofensa aos direitos de propriedade industrial (entre os quais se inclui a protecção de marcas, patentes, insígnias e os nomes de comercialização de produtos contrafeccionados)

A mercadoria entrou regularmente no porto de Lisboa, não se tratando, portanto, de uma questão de contrabando. Será, pois, àquele tribunal que competirá julgar o caso, em virtude de Portugal ser um dos signatários dos acordos internacionais sobre protecção da propriedade industrial firmados em Paris e Madrid.

É da autoria do artista conimbricense F. Coroado o cartaz das próximas Festas da Rainha Santa que assinalam, igualmente, o VII Centenário do seu nascimento. O cartaz vai ser profusamente distribuído por todo o País e pelo estrangeiro. Entretanto, a comissão executiva, que vem desenvolvendo intensa actividade, ultima o programa definitivo das festas

ssoal,
nalizada
a sua
o digital
misa
ifa
lizada
a inicial
Z SAIR DA MULTIDÃO

Diário do Porto

MENINOS MENDIGOS

De há muito que numeroso grupo de crianças percorre as ruas da cidade, sobraçando um volume de jornais, salta para os transportes, entra nos cafés e nos estabelecimentos comerciais e chega mesmo a transpor as portas dos cinemas, nas sessões da tarde. Abordam as pessoas, incorrectamente por vezes, e proferem todos, à uma, a ladainha: «Deseja comprar o jornal da obra do sr. Padre Gil? Dê, por favor, uma esmolinha para ajudar a obra...»

A mesma lengalenga é repetida um sem-número de vezes até que a «vítima» ou «vítimas» já aborrecida e enervada se resolva a livrar-se do intruso, metendo na mão do futuro candidato a mendigo uma moeda para comprar o seu silêncio. Se o não faz, arrisca-se a ter que ouvir a frase monótona e fastidiosa.

Comprámos o jornal «O Colonizador» que essas crianças oferecem á venda, mas que raramente devem transaccionar. Sobre isso, podemos dizer que embora não toque, directamente, a sensibilidade popular (estamos a lembrar-nos do «Gaiato», único no género), não deixa de ter o seu interesse, tendo em conta o artigo de fundo lido no número adquirido.

O nosso reparo provém da forma aviltante como essas crianças pretendem «vender um jornal» ou tão-sòmente pedir a esmola ultrajante, recitando uma ladainha lamurienta, sempre igual, a dizer, ao menos avisado, que lhe foi ensinada.

Custa-nos, porém, a crer que haja, dentro da obra que alberga essas crianças desprotegidas, alguém que, conscientemente, «treine meninos-mendigos», em vez de educar e formar jovens que no futuro sejam úteis à sociedade e não profissionais da pedincha. — A. M.

Curso de Estomatologia para Pós-Graduados

O Curso de Estomatologia para Pós-Graduados, subsidiado pela Fundação Gulbenkian, vai prosseguir, todos os sábados, á tarde, a partir do próximo dia 21, no Hospital Escolar de S. João, com lições de Anatomia Regional, pelo dr. Castro Correia; de Prótese Total, pelo dr. Alcido de Magalhães; e de Prótese Fixa, pelo dr. Álvaro Torres.

Conferência no Ateneu sobre reeducação da fala

O sr. dr. Ribaud-Carrié, especialista francês de reeducação da fala, profere esta noite, pelas 21 e 30, no salão nobre do Ateneu Comercial do Porto, uma conferência sobre «reeducação da fala».

Homenagem ao presidente da União de Grémios dos Comerciantes

Amanhã, pelas 19 e 30 efectua-se na União de Grémios dos Comerciantes do Porto e anunciada homenagem ao presidente da direcção daquele organismo, sr. Telmo Henrique de Carvalho e Silva.

Nova estação dos C. T. T.

Amanhã, pelas 12 horas, com a presença das autoridades concelhias, é inaugurado o novo edifício dos C. T. T., em Rebordosa (Paredes).

Cineclube do Porto

No domingo e na segunda-feira, pelas 10 e 45 e 18 e 20, respectivamente, o Cineclube do Porto promove no Cinema Batalha, mais duas sessões de cultura cinematográfica com a projecção do filme «Laços Eternos».

Incêndio num automóvel

Um automóvel conduzido pela sr.ª D. Ilda Almeida de Sá, da Rua António Aroso, 145, quando transitava, cerca das 10 horas, na Rua Paulo Vicente, incendiou-se, devido a um curto-circuito no motor. As chamas foram prontamente extintas por populares.

Compareceu no local o batalhão de sapadores bombeiros.

Exposição

Amanhã, ás 21 e 30, é inaugurada na Academia Alvarez uma exposição de pintura do artista Jorge Pinheiro

Faleceu uma das vítimas do acidente de viação dos Carvalhos

No hospital de Santo António, faleceu esta madrugada o militar sr. José Rodrigues Gomes, de 23 anos, do lugar de Vessadas, em Vale (Arcos de Valdevez) e que ali dera entrada ontem, vítima de um acidente de automóvel ocorrido no lugar da senhora da Saude, nos Carvalhos (Gaia).

O carro em que viajava era guiado por um militar seu colega, o sr. Manuel da Costa Cunha, do Largo de Santa Bárbara, 8, 1.º, dt.º em Lisboa e embateu com uma camioneta de carga guiada pelo sr. Adriano Gomes, da Calçada da Ajuda, 88, r/c. esq.º, também em Lisboa, que circulava em sentido contrário.

TRIBUNAIS

Termina hoje, com a leitura da sentença, o julgamento dos 23 arguidos no caso do assalto á filial da Figueira da Foz do Banco de Portugal.

O assalto realizou-se ás 16 horas do dia 17 de Maio de 1967 e os quatro principais incriminados encontram-se ausentes do País.

O volumoso processo esteve para ser julgado primeiro na Figueira da Foz, depois em Coimbra e, finalmente, foi marcado para o 2.º Juízo Criminal da Boa Hora.

Foi presidente do tribunal o sr. corregedor Lopes de Melo tendo como acessores os juizes drs. Augusto Pais de Almeida e Silva e Angélico de Carvalho. Foi ajudante do procurador da República o dr. Antero Dinis.

Intervieram no processo, como defensores, os advogados drs. António de Sousa, Francisco Sousa Tavares, Correia do Amaral, Mário Soares, Joaquim Mestre, Pedroso Lima, José Carlos de Vasconcelos, Vasco da Gama Fernandes, Francisco Salgado Zenha, João José Gomes, Tavares Lopes e Luís Melo Biscaia.

O dr. Pais de Sousa foi o advogado assistente no processo pelo Banco de Portugal.

Espectáculos para hoje

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «O Auto da Alma» (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Circo» (12 anos)

CINEMAS

RIVOLI — Às 21 e 30: «Bem Hur» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Colt, a lei do Oeste» (12 anos).
S. JOÃO — Às 21 e 30: «O avôzinho congelado» (12 anos.
TRINDADE — Às 21 e 30: «A flor do cacto» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Se o meu carro falasse» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «A louca de Chaillot» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Serafino — amor livre na aldeia» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A aranha branca» e «Homens é comigo» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30:: «A pele de um malandro» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Divórcio á *italiana*» (17 anos).

Amanhã

TEATROS

COLISEU — Às 15 e 30: «Circo» (6 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 6: «Quando ela se despiu» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 5 e 30: «O avôzinho congelado» (12 anos)
RIVOLI — Às 15 e 30 :«Ben-Hur» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «A flor do cacto» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Se o meu carro falasse...» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «A louca de Chaillot» (17 anos)
OLIMPIA — Às 15: «Serafino, o amor livre na aldeia» (17 anos).
AGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A pele de um malandro» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «Divórcio á italiana» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «A aranha branca» e «Homens é comigo» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Colt, a lei do Oeste» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «O grande combate» e «Desordem na terra dos Gringos» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 16: «Apurados para o serviço» (6 anos).

Farmácias de serviço esta noite (3.º turno)

ALMEIDA CUNHA, LDA, Rua Formosa, 327 (Tel. 2-4874) ✲ **ANTAS** Av. de F. Magalhães, 076 (Tel. 4-1581) ✲ **BARREIROS** Rua de Serpa Pinto, 8 (Tel. 4-0053) ✲ **CLÉRIGOS**, Rua dos Clerigos, 36 (Tel. 3-5394) ✲ **GOMES CARNEIRO**, Rua da Cedofeita, 848 (Tel. 2-3420) ✲ **GUERRA**, Rua Costa Cabral, 43 (Tel. 4-0470) ✲ **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37 (Tel. 6-0103) ✲ **LIDADOR**, Rua do Lidador, 171 (Tel. 68-3739) ✲ **LOUSADA**, Largo do Campo Lindo, 62 (Tel. 4-0353) ✲ **ORIENTAL**, Rua do Bonjardim, 27 (Tel. 2-1878) ✲ **S. ROQUE DA LAMEIRA**, Rua de S. R. da Lameira, 1171 (Tel. 5-1739) ✲ **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71 (Tel. 5-370) ✲ **VASQUES**, Rua dos Condeminhas, 794 ✲ **CAMPOS**, R. P.e L. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68011[illegible]).

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/4%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	1.480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	—
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo Série C	—	—	825$
Externo 3.ª Série	—	720$	800$
Externo 3.ª Série C	—	800$	820$
Cauções 3.ª Série	—	155$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 3%	—	470$	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	920$	930$
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	1.010$	—
C U F 6%	—	1.001$	—
C U F 6% 68	—	—	—
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	830$	840$
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	900$
Gás Elect 5% 59	—	895$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	925$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.015$	—
H E A Alentejo 5%	—	815$	—
H E Cávado 5%	—	—	820$
H E Cávado 6%	—	997$	1.005$
H E Douro 5%	815$	815$	820$
H E Douro 6%	1.000$	—	1.000$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	1.001$	1.000$	1.002$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lusnave 6%	—	1.006$	1.010$
Metropolitano 4%	—	880$	890$
Metropolitano 5 3/4%	1.015$	1.015$	1.018$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	790$	—
Nitratos 5% 60	—	795$	810$
Petroquímica 5%	—	850$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	935$	930$	940$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	805$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefa 5%	—	—	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	810$	—	815$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	80$5	84$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.400$	2.390$	2.410$
Alentejo	1.195$	1.190$	1.200$
Angola	4.250$	4.200$	4.300$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.700$	5.650$	5.750$
E Santo	21.000$	20.500$	21.500$
E Santo n	—	19.500$	—
Fonsecas S p	—	21.000$	22.000$
Fomento Nacional	2.750$	2.700$	2.770$
L & Açores p	7.500$	7.450$	7.500$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.100$	6.100$	6.110$
Portugal n	3.400$	3.370$	3.450$
Portugal p	4.400$	—	4.500$
Totta Aliança	—	—	6.750$
Ultramarino n	3.750$	3.730$	3.800$
Ultramarino p	3.995$	3.995$	4.000$
Seguros			
Alentejo	153$	—	153$
Douro	—	—	—
Mundial	920$	915$	925$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	850$	845$	860$
Ag Casequel	805$	800$	810$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	590$
Ag S Tomé e Príncipe	335$	330$	340$
Boror	—	—	—
Buzi	78$5	87$5	88$
Cabinda	230$	228$	231$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vendo
Diamantes Angola	2.900$	2.880$	2.920$
H E Revué	670$	—	680$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	194$	193$	195$
Sonefa n	—	—	—
Sonefa p	515$	513$	515$
Zambézia	89$	—	89$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.750$	7.800$
Cim Leiria	—	—	5.900$
Cim Tejo	—	—	7.600$
Co Navegação	—	—	1.600$
C U F	1.700$	1.700$	1.750$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	4.200$	—
Petroquímica	—	2.140$	—
Port e Colónias	1.500$	1.490$	1.510$
Port Celulose	—	4.600$	4.700$
Port Pesca	—	1.010$	1.050$
Port Tabacos	798$	795$	800$
Sacor	4.900$	4.850$	4.900$
Siderurgia Nac	—	2.280$	2.310$
Socel	3.590$	—	3.590$
Tabacos de Portugal	—	1.900$	—
Tabaqueira	—	—	—
U F Azoto	890$	880$	900$
Agua. Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	440$	445$
Aguas Lisboa 34	—	—	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	—	—	—
Gás Electr	461$5	461$	462$
H E Alto Alentejo	176$	175$	176$
H E Cávado	1.315$	1.310$	1.315$
H E Douro	1.310$	1.310$	1.320$
H E Norte Portugal	—	315$	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.315$	1.310$	1.320$
Nac Electricidade	1.315$	1.310$	1.320$
Termoeléctr Port	1.315$	1.310$	1.315$
U E P	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	131$2	185$1
F I D E	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	5/2/70	11/2/70	12/2/70
GERAL	166,1	166,5	**165.8**
METROPOL.	156,4	155,7	**155,2**
ULTRAM.	237,4	245,5	**243,9**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América.		
— Dollars de 1 a 2	28$10	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$05	$08
Austria — Schilling	1$0R	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	67$80	69$80
Itália — Libra	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$85	5$25
Suiço — Franco	6$63	6$83
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isobe	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

UM BALNEÁRIO EM CASTRO DAIRE

CASTRO DAIRE, 13 — Aumenta, á medida que se aproxima o dia do concurso para as tão desejadas obras do balneário das Caldas de Carvalhal o regozijo por se efectivar, enfim, tão importante melhoramento. O concurso está marcado para 7 de Março, ás 10 horas, na Camara Municipal, sob a presidência do sr. dr. João Duarte de Oliveira. Base de licitação: 1 821 715$00.

ALVES PINHEIRO

A seu pedido, deixou a direcção de «O Mundo Português», do Rio de Janeiro, o jornalista Alves Pinheiro, que todavia continuará a colaborar naquele jornal e em «O Globo»

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, concelho de Almada, de uma linha aérea a 15 kV, com 265 m de comprimento, do apoio n.º 23 da linha Sobreda-Santo António ao posto de transformação n.º 1-073, Costas de Cão

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

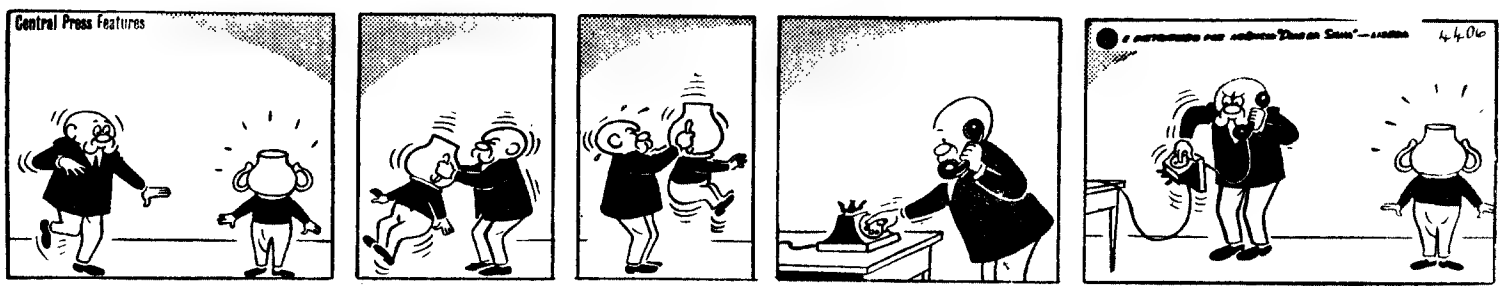
Repartição de Licenciamento, em 4 de Fevereiro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

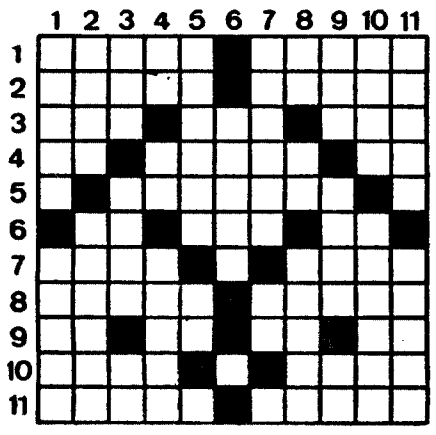
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5445

HORIZONTAIS: 1—Leitos, Embotar. 2—Acaba. Leva. 3 — Chefe etíope. Doença. Colocar. 4 — Vilnação. Friiacionar Batráquio. 5 — Enrubescerem. 6 — Atmosfera. Falda. Em partes iguais. 7 — Rio da China. O indispensável. 8 — Unes por casamento. Encargos. 9 — Preposição latina que designa movimento. Pronome pessoal. Preposição. Reis. 10 — Esconderijo (Fig.) Homem de baixa estatura. 11 — Cilada. Empregais

VERTICAIS: 1 — Rostos. Respeita 2 — Mamífero desdentado espécie de tatu. Amante. 3 — Conjunção. Nome de jogo (p.) Cobalto (s. q.). 4 — Prata (s. q.) Pedra de moinho. Barba de barrete 5 — Adicionara. Pronome reflexo. 6 — Termina / — Ocultara. Pata. 8 — Antigo definido (ant.) Rádio (s. q.) Assuntos. 9 — Cidade de França. Ruins. Em a. 10 — Bolo feito de farinha e sal de que os romanos se serviam nos sacrifícios. Venerai 11 — Invulgares. Restos mortais

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5444

HORIZONTAIS: 1 — Asar. Pegaso. 2 — Cãs Malar 3 — Ao VER PARA. 4 — Canas. São. 5 — Tais Som. 6 — Anaós Lassa 7 — Sim. CRER 8 — Mat Acuos 9 — Odor. Ias Sa. 10 — Tomar Mad 11 — Aresta COMO.

VERTICAIS: 1 — Acanto Mota 2 — SÃO Armador. 3 — As. Cia TOMÉ 4 — Vasos. Ras. 5 — Ter Sia. It 6 — Ras MCI. 7 — Em Sol Uai! 8 — Gap. Maçãs 9 — Alas. Srs. Mo 10 — Sarbasse. Sam 11 — Orão Armado

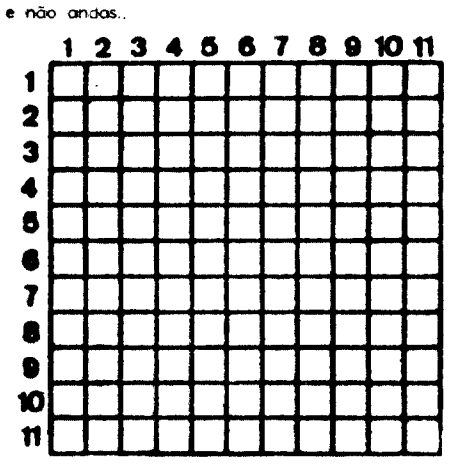
Provérbio: VER, PARA CRER, COMO SÃO TOMÉ.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9288

HORIZONTAIS: 1 — Volta Cidade de França 2 — Verbais Divide em toros 3 — Laçadas Consumam 4 — Filheira. Olé. 5 — Nome de flores Pessoa muito parecida com outra 7 — Pequena bigorna de aço sem hastes. Ferro temperado. Pega. 8 — Travar luta com 9 — Cão Desmonta. 10 — Lavrais Ecoara 11 — Povo Restos mortais

VERTICAIS: 1 — Pegar Cobrem 2 — Larva das feridas dos animais Sufixo que designa abundância. Época 3 — Castas Curas 4 — Nome de pássaros Voz imitativa do ruído de cousa que se parte, especialmente de vidros 5 — Tositas. Freguesia do concelho de Guimarães 6 — Bebida usada nas Índias orientais 7 — Freguesia do concelho de Melgaço Decadência 8 — Afastou Depois de 9 — Nome de frutos. Superfícies planas delimitadas. 10 — Cólera. Uma das Cíclades. Enguia. 11 — Nome de dança, brasileira Esbarras e não andas..



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9287

HORIZONTAIS: 1—Covas Pargos 2—Amaça Aruás 3 — Ailor. Irás 4 — Anderem 5 — Os Damas Ab 6 — Barão Itaca 7 — Ler. Ano 8 — Afã Ari 9 — Ai. Murar Aí 10 — Labor Raspa 11 — Arosa. Ossos

VERTICAIS: 1 — Cá Sob Cala 2 — Ama Sail Lar. 3 — Vala Rea Bo 4 — Acordaremos. 5 — Saldão. Aura. 6 — Em 7 — Painai. Aaro. 8 — Arrestarias 9 — Ruam. ANI. SS. 10 — Aço Apo 11 — Os Alba Vilas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Fevereiro de 1940 publicava:

«AMSTERDÃO, 13 — O ministro do Interior alemão, Frick, declarou em Berlim que a partir de 4 do corrente o industrial germânico Fritz Thyssen e sua mulher perderam a nacionalidade alemã. Foi, igualmente, confiscada a fortuna de Thyssen, que se encontra na Suiça, e que é avaliada em 200 milhões de marcos. A fuga deste grande industrial alemão foi mantida secreta no Reich até ao presente, atendendo ao mau efeito que a notícia, fatalmente causaria, visto que Thyssen contribuiu, poderosamente, para o êxito de Hitler em 1933 e apoiou todas as forças do regime nazi até à Primavera de 1939».

MUDANÇAS

NO PAÍS E PARA O ESTRANGEIRO
Orçamentos Grátis
RAUL GALAMAS, LDA.
RUA DA MADALENA, 68
TELEF 869600

APROVEITE OS NOSSOS SALDOS
CARPETES, PASSADEIRAS, TAPETES
— E —
TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES
TUDO SEM DEFEITOS
Tecidos em peça desde 25$00
RETALHOS, DAMASCOS, VELUDOS, GORGORÕES, etc., desde 5$00
RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º — c/elevador
(esquina da Rua da Prata)

QUIMBA
O LEÃO BRANCO DOS ELECTRODOMÉSTICOS
TV — RÁDIOS — FRIGORÍFICOS
GRAVADORES — ESTOFOS
MOBILIAS—MÁQ. COSTURA, etc.
——//——
SEM ENTRADA — SEM FIADOR
(BRINDES A TODOS OS CLIENTES)
RUA BARAO DE SABROSA, 250-A — TEL. 713971

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Conforme aviso publicado no «Diário do Governo», 2.ª Série, de 27 de Janeiro de 1970, está aberto concurso para terceiros-oficiais desta Direcção-Geral, entre indivíduos do sexo masculino, de idade não inferior a 20 nem superior a 35 anos, que possuam pelo menos o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.

Os interessados deverão apresentar o seu requerimento, que poderá ser feito em impresso próprio a fornecer pela Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, o qual será acompanhado apenas do certificado de habilitações.

Serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

Para mais informações, dirigir-se à citada Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, na Rua da Alfândega.

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Propriedades

— V E N D A S —

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composta de r/chão e 1.º andar, com lindas vistas e todos os requisitos modernos, totalmente independente, com uma área de 1500 m2, pronta a fazer escritura. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104 - 2.º, telefs. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PREDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a

▼

PREDIAL

ROBREL

Rua Rodrigues Sampaio, 69

Prédios, compra, venda, hipotecas e aplicação de capitais.

A DILIGENTE

Mediadora oficial está ao seu dispor, Rua Carlos Mardel, 2-2.º

Tel. 41364.

ANDARES

Ao Campo Grande, com facilidades de 300 contos á Caixa, em prédio de luxo c/ 6 div assoalh., 3 c. de banho, despensa, rouperio, intercomunicadores e aquecimento. Preços desde 750 contos. Ver Av. do Brasil, 40.

Em RIO MAIOR o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA SANTANA de Abílio Carreira Santana.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1. ou 2.ª hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção, Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires. Rua da Prata, 191, 2., Dt.º — Telsf. 325487, 470618. (Junto á P. da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar, em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755.

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF 53 61 11/2/3

BOM INVESTIMENTO

2.000 CONTOS

S/ terreno para construção de 4 prédios de 10 inquilinos cada, c/ projecto aprovado, junto de estação na linha de Sintra.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45, 3.º Esq.
Tels. 323172 - 367444

PRÉDIO

AMADORA

Bem localizado, construção em cimento armado, revestido a marmorite, composto de 4 pisos, hab. 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.
Rendimento — 99.000$00. Preço — 1.600.000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3, 2.º — Telefones 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

Capitais

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO
SOBRE
AUTOMÓVEIS E
PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

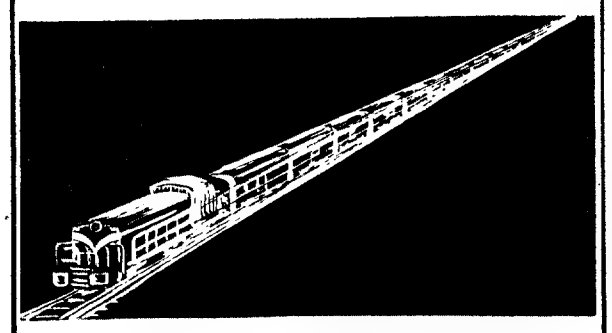
SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses
SIMPLES, EFICIENTE, ECONÓMICO
T. 560713

Em VENDAS NOVAS o «DIARIO DE LISBOA», encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica, 72.

Despache os pequenos volumes por caminho de ferro

em regime de Tarifa 8/108



Transporte rápido, económico e sem formalidades.

CP — SERVIÇO DE PROMOÇÃO DO TRÁFEGO — Publicidade

Contacto

H. NUNES

Telef. 847260

PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou seguro. Sem fiador. Prazos hipotecados, sem alterar o de 40 meses. Tel. 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.-F (ao Rato)

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

CAPITAIS

COLOCAM-SE COM INTEIRA GARANTIA, AO MELHOR JURO, SOBRE HIPOTECA:

CONSULTEM A

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Praça da Alegria, 58, 2.º — Telef. 36 67 31 - 36 68 12

— e escolham a solução mais adequada às v/ pretensões.

Automóveis

V E N D A S :

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 448446.

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N. S. U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G. L. S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M. G Midget, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod.º 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag.

VENDE: MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.ª Bárbara, 5 -B. Telef. 53 46 57.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Lda.ª, — Av República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda., — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 539345—BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É D I T O S

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de ALMADA em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, concelho de Almada, de uma linha aérea a 15 kV, com 891m, do apoio n.º 21 da linha Sobreda-Santo António ao posto de transformação n.º 1-031 Porto Brandão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Fevereiro de 1970.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

NUM IMÓVEL DE LUXO DE 9 PISOS
ANDARES DESDE 230 C.

TRAVESSA DOS ARNEIROS LOTE 6 BENFICA

TRATA

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

MEDIADOR OFICIAL DESDE 1951

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
LISBOA — TELEF. 32 78 03 - 32 67 18 - 32 85 67

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef 53 35 92

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e vend. na:
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 533592

CAMINHOS DE FERRO

PRAIA DO CARVOEIRO

Comunica-nos a C. P. que no dia 20 de Fevereiro é inaugurado um serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, servindo os domicílios de Praia do Carvoeiro, a cargo da Empresa Geral de Transportes, em ligação á estação de Portimão.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações de caminho de ferro passam a despachar mercadorias, incluindo pequenos volumes, para os domicílios da referida localidade.

Por seu turno, nos domicílios da mesma localidade aceitam-se a despacho, a partir daquela data, igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho de ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

TV JUVENIL

Esta rubrica incluirá «Os Homens, os Livros e as Coisas» e «Juventude no Mundo».

No primeiro dos programas que conta hoje com a colaboração de Ana Maria Teodósio, Joaquim Manuel Magalhães citará Agustina Bessa Luís, além de Thomas Mann, a propósito do seu livro «Confissões de Félix Krull».

«Juventude no Mundo» inclui um curioso documentário italiano, sobre os gatos de Roma.

CASEI COM UMA FEITICEIRA

«Conspiração», assim se chama o episódio a transmitir pelas 20 e 55, com Elizabeth Montgomery, Dick York, Irene Vernon e Martin Ashe.

Realização de Jerry Davis.

Durante uma festa, a filha de úm dos clientes de Darrine Lany não se comporta convenientemente. Samantha, irritada, resolve fazer uma das suas partidinhas...

ESTÚDIO C

Este programa musical que a RTV transmite, cerca das 22 e 05, registará a presença dos ultramarinos Lilly Tchiumba e Duo N'Gola.

Dos numeros a ouvir, salientamos «Mona Kilumba» de João Videira Santos e «Naganazambi Kiá Tubula» de Henrique Rosa Lopes.

DR. MARCUS WELBY

Interpretado por Robert Yorny (Dr. Marcus Welby), James Brolin e Elena Verdugo, exibe-se pelas 22 e 30, o episódio o segundo, da série dramática «Dr. Marcus Welby».

*

Temos que uma professôra de 30 anos consulta o Dr. Welby e depois de vários exames descobre-se que tem um tumor maligno no cérebro.

O Dr. Killy segue o caso e interessa-se pela doente. Ambos se ajudam mutuamente..

II PROGRAMA NOITE DE CINEMA

Exibido já na Rede Nacional em 29 de Março de 1964, volta hoje a ser apresentado, desta vez no II Programa o filme de grande metragtm «A Passagem do Noroeste» com Spencer Tracy e Robert Young.

AMANHÃ — I Programa — Às 15: Telejornal; 15 e 40: Nós as mulheres; 15 e 40: Culinária; 16 e 5: TV Infantil; 16 e 25: Eurovisão; 18 e 25: Teledesporto; 18 e 55: Enciclopédia; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: «...E a vida continua...»; 20 e 30: «O sentido do belo»; 21 e 30: Telejornal, 22 e 30: Transmissão directa do 2.º Festival da Canção Espanhola; 24: Marcha do Mundo; 0 e 15: 2.º Festival da Canção Espanhola; 0 e 55: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal, 22 e 3: TV Mundo; 23 e 25: Fecho

canal da crítica

NÃO SE PERDE TUDO QUANDO SE PENSA UM POUCO

Dillon (Dillon é o jornalista) Dillon perseguido. Dillon alcançado. Dillon batido, socado, gaseado, torturado, radioxizado. Dillon pràticamente, virtualmente, morrido. No entanto, o publico repousa. Nas séries brinca-se ao «suspense». Emoção domesticada. Nada acontece. Nada pode acontecer aos heróis. Se acabasse o Dillon, acabava-se a história, como a vaquinha chamada Vitória. Logo, nada de exaltações cardiáculas. Por alguma razão as séries são originárias da América: há que não pôr em duvida a estabilidade dos valores, a sociedade americana «é» inamovível...

O «suspense» miudinho consegue-se através de personagens marginais. Dillon arranja-se ca viuva: a viuva é morta (em que transes, Deus do céu!) quando tanto havia a esperar da sua viuvez. O amigo do Dillon também esticou o pernil, assim como o dr. Salter. Também uma perseguiçãozinha num bosque, com os ramos a bater na cara do parceiro, com as sombras a espreitar de todos os perigos (ou vice-versa) dá resultado numa chicotadazinha aos nervos.

Vendo bem as coisas, esta fita nem era das piores da série «O Jogo da Vida». A história combatia, com as inumeras fragilidades, o conceito segundo o qual «os fins justificam os meios». Os produtores pretenderiam como que ilustra com um caso individual o erro dos casos históricos — como se existisse uma regra valável para todas as situações, semelhante a uma pomada aplicável a todas as infecções cutaneas; como se o sensato não procurasse quais os fins e quais os meios. «Jogo da Vida» tinha razão quando citou a bomba destruidora de Hiroxima como exemplo típico dos meios não justificados pelos fins. Mas...

Mas há todo o imenso arsenal de convencionalismos e artelirices que prejudicam as melhores intenções. Aquele cirurgião que matta requintadamente uma data de pessoas com o fim altruista de construir mais uma ala do hospital onde se salvarão inumeras outras pessoas, é apresentado com um halo de simpatia, quase de martírio. Vimos ontem o caso insólito de um criminoso receber uma salva de palmas... O publico americano poderia ser levado a pensar: «Não teriamos também muitos de nós aplaudido a bomba de Hiroxima?». Ou pensaria que afinal o cirurgião só queria o bem da humanidade? Ou pensaria fosse o que fosse, bombardeado com séries sobre séries cuja finalidade não será próprìamente fazer pensar?

E o publico português, coma terá ele reagido ao episódio de ontem? E como reagirá a qualquer episódio, dentro de alguns anos, se continuar a ser mimoseado com as séries cuja finalidade, etc.?

Mistério.

SENVERGÊNCIA

Não se trata já de saber se «Convergência» realiza qualquer coisa ao nível de cultura literária para consumo de escóis. É uma ambição não concretizada nunca ao longo da existência da rubrica. Que se torna mais ridícula quanto mais se esforça por se pavonear sem no entanto ultrapassar uma quase patética fase de peruanização, monco incluído.

Não se trata agora disso, mas apenas de se saber a quem interessa este figurino convergencial. A quem inte-

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão de Vagos; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Perelira; 18 e 5: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No Mundo da Canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestra; 20 e 40: 16.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares», original de Oliva Guerra; 21 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em 4 actos: «Os Contos de Hoffmann», de Offenbach; 1 e 59: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 5: Folclore do mundo; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de câmara; 18: Musica portuguesa — Sinfonia «Os Jerónimos» (Frederico de Freitas), pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo Autor; 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Sviatoslav Richter — Preludio e fuga op. 87, em sol sustenido menor (Shostakovitch); 20 e 30: Sinfonia N.º 2, em Si Bemol Maior (Schubert). Orquestra de Câmara do Sarre, dirigida por Karl Ristenpart; 21: De tudo um pouco; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 5: «O Homem e a Sociedade, pelo dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Benvinda Cruz e Loubet Bravo; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 50: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23 e 5: Programa da noite; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: 1.º Disco; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em Foco...; 21 e 3: O Olavo falla consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande noda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita-dois; 1 e 3: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 388,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral;; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Orquestras; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 2: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—293,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18 e 5: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Transmissão da extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioroma; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Os Novos Emissores em Marcha; 22: Auditória; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Oferta excepcional

15 VOLUMES À ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG

e mais de uma centena de autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Recortar este cupão e remeter a
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 21
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....
Morada .....
.....

ALTO!

Coloque o seu dinheiro ao mais alto rendimento!

J. PIMENTA S. A. R. L.

Garante-lhe, por escritura pública, um rendimento de 6 a 10% durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Nos últimos 5 anos a valorização média é de 15% por ano

J. PIMENTA S. A. R. L.

LISBOA
Praça Marquês de Pombal, 15
Tels. 4 58 43 e 4 78 43

QUELUZ
Rua D. Maria I, 30
Tels. 95 20 21/22

AMADORA
Serviço Permanente — Tel. 93 36 70

DE COIMBRA

Curso de Formação de Voluntários

Na próxima segunda-feira começam os trabalhos do Curso de Formação de Voluntários, com o seguinte programa:

Dia 16, ás 21 horas — Papel do voluntário na sociedade actual; dia 17, ás 18 — Painel sobre o trabalho com comunidades. Problemas, meios e técnicas; dia 18, às 18 horas — Trabalho com grupos. Grupo e Dinâmica de Grupo; dia 19, ás 21 — Animação de grupos; dia 20, ás 21 horas — Os meios audio-visuais de comunicação.

As inscrições estão abertas até ás 12 horas do próximo sábado.

As aulas funcionarão no Instituto Superior de Serviço Social e qualquer informação poderá ser dada no secretariado de Voluntários de Acção Social, Rua Oliveira Matos, 23, Telef. 2 45 57.

Recolecção para casais

No próximo domingo, dia 15, na Sala de S. Tomás de Aquino, do Seminário Maior de Coimbra, o padre Mário Branco, realiza uma recolecção para casais, subordinada ao título «A Graça no amor fiel».

Embora inserida no «Movimento das Equipas de Casais de Nossa Senhora», destina-se igualmente a todos os casais que queiram assistir, pelo que a entrada é livre.

A recolecção começa ás 10 horas, seguindo-se um pequeno intervalo para reflexão, prosseguindo ás 11 e 15 e ao meio-dia o padre Mário Branco celebrará missa

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 «Que rico par...» (17 ano

AVENIDA — Às 21 e 3 «Sweet Charity» (17 anos

TIVOLI — Às 21.30: «(— ao serviço de Sua Maj tade» (17 anos).

Farmácias de serviço

MIRANDA — Praça Comércio (Tel. 23261).

VIEGAS & COELHO Rua da Sofia (Tel. 22080).

SANTA ISABEL — Ave da Sá da Bandeira (Tele ne 24916).

SILVA SOARES — R Mouzinho de Albuquerq

11 PINTURAS-APÓSTOLOS

(ATRIBUÍDAS A JOSÉ DE RIBERA — 1588-1655)

LEILÃO

FAZ-SE PÚBLICO que, por determinação do MERETÍSSIMO CORREGEDOR DA 2.ª VARA CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA, serão postas em 2.ª PRAÇA, em um só lote, pelas 16 horas do dia 16 do corrente, as pinturas acima indicadas, as quais têm as seguintes dimensões: alt.ª 0,97x0,73.

O leilão efectua-se no salão de pregão, á Rua Luz Soriano, 53, 1.º (Antigo Palácio Ficalho) — LISBOA.

EXPOSIÇÃO: Todos os dias uteis, das 16 ás 18 horas.

A cargo da antiga agência

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Telefones 32 13 12 e 36 98 80 — LISBOA

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ressa o «falar rico» de Natália Nunes: *a simpatia genérica e tipificante*», não sei quantos *relegados para o limbo do não ser*, a *vítima imolada ao sacrifício da autofagia*», etc., etc. Claro, Natália Nunes estava a falar para um escol, e trabalhava no seu escritório e passeava entre os livros e abria a janela e fazia uma ostensiva presença de sua pessoa, tudo, está bem de ver, em intenção dos escóis..

A quem interessa o esmoer académico de Jacinto Prado Coelho a quem Mário Dias Ramos, o entrevistador, pediu entre outras coisas, que se referisse á influência de Fernando Pessoa na poesia dos ultimos 30 anos...?

A quem interessa a opinião do escritor francês Mathieu Galey, segundo a qual o povo português é mais pirulas, perdão!, é mais lírico que o francês?

Verdadeiramente houve um momento, um unico, de grande emoção e de intensa novidade: aquele em que se afirmou que «*em Portugal todos os dias se vê surgir novos nomes da literatura*». Da «Maternidade Alfredo da Costa», para onde, logo a seguir, telefonei, informaram-me que são totalmente alheios ao rigor da notícia.

A rubrica mastiga os mesmos nomes da sua mitologia Konvergencionista: Natália Nunes voltou, voltou Prado Coelho, José Régio voltou. E houve ainda Domingos Monteiro e João Alves Das Neves e fartos elogios para Matilde Paes Parente de quem se escolheu, para leitura, um poema medíocre.

«Convergência» é uma agonia.

M. C.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE BRAGA

ÉDITOS DE 30 DIAS

Correm nos autos de acção sumária em que é autora MACEDO & COMPANHIA, LIMITADA, sociedade comercial por quotas, com sede na Rua dos Biscainhos, desta cidade, citando o réu MANUEL DIAS GONÇALVES, casado, empreiteiro, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Emílio Neves, n.º 37 A, da cidade de Lisboa, citando este réu para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a mesma acção, na qual a autora pede que a mesma seja julgada procedente e provada e, consequentemente o réu condenado no pagamento da quantia de 21.040$00, com custas, selos e procuradoria.

BRAGA, 7 de Fevereiro de 1970.

O Juiz de Direito do 2.º Juizo
João Gonçalves Dias
O Escrivão de Direito
da 1.ª Secção
João José Bastos Barbosa

ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DE BEJA

BEJA, 13 — De 23 a 26 de Abril, efectua-se a quarta festa de confraternização dos antigos alunos do Liceu desta cidade.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

TAPEÇARIAS
SALDOS
NÓLÃ
AVENIDA DA REPÚBLICA, 20-A

†

JORGE MANUEL CRUZ ESTEVES DA FONSECA

MISSA DO 7.º DIA

Seus pais, irmãos, avós, tios, primos e demais família, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que amanhã, dia 14, pelas 13 horas, na Igreja de S. João de Brito será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O ÚLTIMO TRIUNFO DA «SAETA RUBIA»

PELA MÃO DE DI STEFANO O BOCCA JUNIORS VOLTOU AO CIMO

Agora que Alfredo Di Stefano está na perspectiva de vir para Lisboa, na qualidade de treinador do Benfica, parece oportuno relembrar alguns passos da carreira brilhante que D. Alfredo teve na Argentina e no Bocca Juniors, que, sob seu comando, conseguiu conquistar o seu 18.º campeonato, triunfo que há longos anos não conseguia.

Além do triunfo, Di Stefano construiu uma nova equipa, que poderá, no próximo campeonato, dignificar o futebol portenho.

Os futebolistas de grande classe raramente se transformam em treinadores acima da média. Di Stefano, o famoso «Saeta Rubia», quando pendurou as botas de jogador dedicou-se á ingrata profissão de transmitir aos outros os seus imensos conhecimentos futebolísticos.

Após um mau princípio nos clubes espanhóis, Elche e Espanhol, dos quais saiu mercê de «chicotadas psicológicas», Di Stefano regressou á sua Argentina natal, aos relvados das margens do Rio da Prata, que viram desabrochar o seu talento de jogador, e ao Bocca Juniors, o clube onde desde júnior ganhou fama e conquistou estatura de futebolista famoso em todo o mundo.

Este regresso só foi possível graças á teimosia do seu amigo Armando, presidente da direcção do Bocca Juniors, «Don Alfredo» foi muito mal recebido pelos argentinos adeptos do futebol, pois não lhe perdoaram nunca o ter-se naturalizado espanhol e ter, inclusive, jogado contra a Argentina. Os cronistas desportivos desancaram, positivamente, Di Stefano, pondo em grande relevo os seus falhanços como treinador em Espanha.

Numa extraordinária prova de personalidade e confiança nos seus recursos, Di Stefano principiou a trabalhar nestas pouco atraentes condições. O Bocca Juniors é o Benfica de Buenos Aires, e os seus «linchas» os mais dedicados e entusiastas do futebol argentino. Gradualmente, a resistência passiva contra Di Stefano foi desaparecendo, e, quando, no clube, começou a trabalhar á vontade, principiaram as dificuldades noutros sectores.

Don Alfredo já nos seus tempos de jogador era considerado um «homem difícil». Recordemos os casos com Didi e com Kopa... Claro que para o treinador Di Stefano a sua maneira altiva e reservada de se comportar era um *handicap*. Tornou-se pouco simpático para alguns dos homens da Imprensa escrita e falada. A consequência desta atitude altaneira e distante foi um acerar de críticas e um constante realçar de todos os defeitos do trabalho de Di Stefano.

Este, todavia, não se ralou nada com a atitude. Calma e metòdicamente, deitou-se ao trabalho, sem se perturbar com as «ondas». Primeiro que tudo acabou com o culto das «primas-donas», afastou da equipa principal todos os «velhos» que não quiseram modificar os seus métodos de vida, fomentou a subida e compra de novos *talentos*. Após um ano de trabalho no Bocca Juniors, o balanço do labor de Di Ste-

O Bocca Juniors venceu o campeo-

O Boca Juniores venceu o campeonato argentino pela 18.ª vez, triunfo que não conquistava há longos anos. Entrará na Taça dos Campeões da América do Sul, com fortes possibilidades de boa presença. O ataque boquense, que tinha fama de fraco, é hoje o mais eficiente da Argentina, e constituem-no cinco jovens futebolistas que há seis meses eram completamente desconhecidos dos «linchas» argentinos. São eles: Pena, Ponce, Ovido, Novelo e Medina. Madurga e Angel Rojas, que, anteriormente, não davam rendimento capaz, modificaram-se, e hoje são dois pilares da equipa. Na baliza, Sanchez recuperou a sua boa «forma» anterior, e teve excepcional actuação no último jogo do campeonato, no qual o Bocca Juniors empatou (2-2) com o River Plate, ganhando, definitivamente, o título.

Foi um momento alto que coroou um trabalho duro e determinado, que nem mesmo os adversários de Alfredo Di Stefano deixaram de reconhecer.

A emoção pela conquista do campeonato foi tal que o tio do guardião Sanchez morreu vítima de um ataque do coração. Os oitenta mil espectadores que assistiram ao encontro manifestaram de tal maneira a sua alegria, que trinta deles tiveram de ser tratados de ferimentos mais ou menos graves.

Por aqui se avaliará a retumbância do feito da equipa de Di Stefano.

Todavia, a «Saeta Rubia» decidiu não permanecer na Argentina após a sua demonstração de capacidade e regressou a Madrid, onde tinham ficado a mulher e os filhos.

Aí ficou aguardando presumíveis convites de clubes europeus. Virá para o Benfica? Parece que sim...

O F. C. Porto está a dispensar os maiores cuidados à valorização de todas as suas secções. Chegou agora a vez do andebol (aliás, um desporto com grandes tradições no clube) de procurar um caminho de progresso. Com esse objectivo veio para o Porto este homem — o treinador jugoslavo Djebic Hrvoge

Voleibol

NOVA VITÓRIA DO BENFICA PARA O REGIONAL DE SENIORES

Prosseguiu o campeonato regional de seniores em voleibol, com a realização do encontro Benfica-Sintrense, disputado no Estádio da Luz e a contar para a 6.ª jornada.

Sob a direcção de João Veiga, os «encarnados» venceram por 3-0 (15/8, 15/9 e 15/6), tendo as equipas apresentado:

BENFICA — Artur Monteiro, José Magalhães, Carlos Figueiredo, José Brum, João Nogueira, Domingos Fernandes, António Neves e Orlando Gomes.

SINTRENSE — José Manuel, João Estrela, Joaquim Silva, Rui Marcelino, Ângelo Silva, Lyon Castro, António Damião e António Rocha.

Para o campeonato de juniores, o Benfica venceu a Associação Desportiva da Costa do Sol por 3-0 (15/7, 15/10 e 15/11).

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato Regional 2.ª Divisão: Boa Hora-C. I. F., Encarnação-Casa Pia e Oriental-Madre de Deus, em Campo de Ourique, a partir das 20.30.

ATLETISMO — Torneio Nacional de Pista Coberta (Universitário — 21).

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Metropolitano da 1.ª Divisão: Porto-Académico (Pav. Académico — 21), Vasco da Gama-Belenenses (Pav. Académico — 22.30), Académica-B. P. M. (Universitário — 21.30), Ginásio Figueirense Académico (Liceu — 21.30), Benfica-Sporting (Luz — 22.30) e CUF-Barreirense (Luz — 21).

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: C. I. F.-Farense (Ajuda — 21), Lisgás-Olhanense (Ajuda — 22.30), Montijo-Luso (campo do primeiro — 21.30), C. D. U. P.-Olivais (Pavilhão Galvão Teles—21), Naval Galitos (campo do primeiro — 21), Illiabum-Sangalhos (Pav. Ilhavo—21.30), Guifões-Sanjoanense (Pav. Gaia), Esgueira-Sp. Figueirense (Aveiro — 21) e Conimbricense-Leça (Pav Sport — 21)

— Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Pedrouços-Liberdade (21.30), Vitória Setubal-Imortal Albufeira (21 e 30), Carnide-Sacavenense (21.30), Sacavenense-Queluz (21.30), Nuno Álvares Oliveira do Douro (21.30), Coimbrões-Física Norte (21.30), Círculo Católico-Vilanovense (21.30) e Leixões-Valle Formoso (21.30), nos campos dos primeiros.

ESGRIMA — Campeonato Nacional (florete), taça «Maria José Nápoles» (florete — feminino) e taça «Dr. Orlando Azinhais (sabre), no Clube Shell, ás 15 horas.

FUTEBOL — Campeonato de reservas (2.ª/3.ª Divisões) da A. F. L. Casa Pia A. C.-Atlético, ás 16 horas.

— Torneio Imprensa, ás 16 horas: Capital-Diário Popular (Futebal Benfica), Século-Rádio Universidade (Casa Pia), Mundo Desportivo-Novidades (Palmense), Diário de Notícias R. T. P (Oriental) e Jornal Comércio-R. C. P. (Algés), ás 16 horas.

GINÁSTICA — Torneio de Abertura (todas as categorias a partir de juvenis), no G. C. P., às 20.30.

GOLFE — Taça «Dr Ricardo Espírito Santo», 2.ª jornada, no Estoril, de manhã e à tarde

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional, 5.ª jornada: Ateneu-G. D. Mercês, Sporting-A. A. Amadora, Ruma-Baixa da Banheira e Belenenses Benfica, nas salas dos primeiros, ás 22 horas.

NATAÇÃO — Festival da Associação de Lisboa, na piscina do Areeiro, ás 21 e 45 horas.

TÉNIS — Taça «Dunlop», 2.ª eliminatória: Estoril-V. Setubal, Lisbon S. C.-Belenenses B e Internacional-C. I. T., nos «courts» dos primeiros, ás 14 e 30 horas.

VOLEIBOL — Campeonato Regional de Séniores: Faculdade de Ciências-Moscavide, no recinto do primeiro, ás 19.30.

REGIONAL DE ANDEBOL

A caminho de uma finalíssima Belenenses-Sporting

Resultados sem surpresas assinalaram a antepenultima jornada do regional de andebol de sete da I Divisão, caminhando-se para uma sensacional finalíssima Sporting-Belenenses, já prevista para 4 de Março, no Pavilhão dos Desportos.

Os desfechos dos jogos da referida jornada, foram os seguintes:

Técnico-C. de Ourique	22-18
Benfica-Almada	26-26
Belenenses-P. Manuel ...	29-14

O primeiro destes encontros confirmou a subida do Técnico e o período menos bom do vencido, com terceira derrota consecutiva, após seis jogos, com cinco vitórias.

O jogo seguinte esteve longe de corresponder á valia tradicional das duas equipas, agora muito aquém da capacidade que se lhes reconhece. Foi tudo bastante mau — arbitragem inclusive — e os almadenses, sem guarda-redes á altura, acabaram até por conseguir um bom resultado, já que os seus jogadores da baliza, consentiram golos em série de fácil defesa.

O jogo mais agradável foi o ultimo, com o Passos Manuel muito bem no período inicial — chegou aos 2-0, depois a 6-3 e a 7-10, no intervalo. Porém, verdade seja, nunca se pressentiu que os «azuis» pudessem vir a ser surpreendidos.

Classificação actual:

1.º, Belenenses, 37 pontos; 2.º, Sporting, 34; 3.º, Benfica, 25; 4.ºs, Passos Manuel, Almada e Campo de Ourique, 22; 7.º, Técnico, 20, e 8.º, C. N. O. C. A., 14.

Sporting e Passos Manuel, têm um jogo a menos.

CAMPEONATO DA II DIVISÃO

Prosseguiu, também, o Campeonato da II Divisão, com os resultados seguintes:

C. I. F.-Boa Hora	15-12
Oriental-M. Deus	21-17
Encarnação-Casa Pia..	v.-f. c.

O primeiro destes jogos, não se concluiu, por o vencido ter abandonado o recinto.

Classificação:

1.º, Vendedores de Jornais, 30 pontos; 2.º, Oriental, 27; 3.º, Boa Hora, 26; 4.º, C. I. F., 24; 5.º, Encarnação, 23; 6.º, Cova da Piedade, 19; 7.º, Madre de Deus, 18, e 8.º, Casa Pia, 13.

Acontecimentos DE ONTEM

GENTE NOVA NA A. F. DE SETÚBAL

Numerosos elementos ligados ao futebol setubalense, representantes de clubes, da A. F. L. e da F. P. F. estiveram presentes, ontem á noite, na sede da Associação de Futebol de Setúbal, onde se realizou a cerimónia da posse dos novos corpos gerentes daquele organismo.

Na presidência dos vários órgãos associativos encontram-se os seguintes elementos: assembleia geral — Manuel da Costa Figueira; direcção — Luís Arens Novais; conselho jurisdicional — dr. António Carvalho Rosa; conselho de contas — dr. Francisco Marinho e conselho técnico — Leonel da Silva Gomes.

GRUPO RECREATIVO DO PENDÃO-QUELUZ

Em assembleia geral, presidida pelo sr. Manuel Simões e realizada na sede do Grupo Recreativo do Pendão — Queluz, foram eleitos os corpos gerentes daquela associação, para o exercício do ano em curso, ficando a presidir á assembleia geral, ao conselho fiscal e á direcção, respectivamente, os srs. Luís Santos, Vítor Lopes e Manuel Simões.

S. MARCOS
PRAÇA DE LONDRES, 4-F
RESTOS DE COLECÇÕES
CALÇADO DE SENHORA
BAIXA DE PREÇOS

RODRIGUES
RUA AUGUSTA, 76-80
SALDOS
Cortes casaco senhora .... 100$00
Cortes fato homem ..... 150$00

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AUTOMOBILISMO

A XXI Volta a Portugal disputa-se de 5 a 8 de Março

• DOIS SUL-AFRICANOS INSCRITOS

• ATRASO NO REGULAMENTO E NAS AUTORIZAÇÕES OFICIAIS PODEM COMPROMETER O ÊXITO DA PROVA

Exactamente a três semanas do começo da XXI Volta a Portugal em Automóvel, contràriamente ao que tem acontecido nos anos anteriores, não se vive no clube organizador — o «100 à Hora» — aquele ambiente de entusiasmo que seria de esperar e que, normalmente, envolve a grande prova nacional. O regulamento definitivo ainda não está pronto e só ontem à noite nos foi possível obter o itinerário detalhado. Este atraso (ou aparente atraso) na organização seria natural que provocasse certos receios quanto à efectivação da prova. Se não houvesse a presença experiente de Aires da Silva, um «veterano» do clube e da organização de voltas, que este ano regressou como dirigente:

— *Em relação à Volta deste ano* — revelou-nos — *tudo corre normalmente e começam a aparecer os interessados. Já temos a inscrição de dois sul-africanos e contamos com os habituais concorrentes.*

No que respeita a autorizações e outros problemas de natureza burocrática de que a organização depende, afirmou-nos:

— *Quanto a autorizações, por enquanto ainda nada há concretizado. De resto, temos os atrasos que sempre se verificam e já são normais.*

O tesoureiro do clube, Valentim Grave, menos optimista que o seu colega de direcção, manifestou-nos fortes apreensões quanto às disponibilidades financeiras do clube para suportar as avultadas despesas que envolvem a organização.

Aires da Silva, no entanto, garante:

— *Dinheiro é certo que não andamos a nadar nele. Temos até muita falta. Mas há-de chegar para se fazer a Volta*

2350 Kms EM TRÊS ETAPAS

A Volta deste ano é um pouco menos extensa do que habitualmente mas tem um novo traçado que inclui estradas diferentes capazes de lhe darem novo interesse. Numa primeira impressão parece-nos que a Volta poderá ser bastante selectiva sem necessidade de obrigar os concorrentes a «contrôles» muito apertados. A prova totaliza 2350 km para serem percorridos em três etapas.

A primeira etapa, com 716,500 km, começa em Lisboa (Parque Eduardo VII) e termina em Elvas, passando por Azeitão, Setúbal, Alcácer do Sal, Grândola, Cercal, Odemira, Telheira, Nave Redonda, Monchique, Meia Viana, Ramalho, Porto de Lagos, Odelouca, Silves, S. Bartolomeu de Messines, Alte, Benafrim, Loulé, Faro, Estói, S. Brás de Alportel, Mértola, Beja, Vidigueira, Estremoz, Elvas.

A segunda etapa (Elvas-Vila Real), com 691,400 km, passa por Santa Eulália, Arronches, Portalegre, Alpalhão, Nisa, Castelo Branco, Fundão, Paul, Barroca Grande, Cavaleiros, Arganil, Tábua, Nelas, Mangualde, Penalva do Castelo, Aguiar da Beira, Ferreirim, Tabuaço, Moimenta, Armamar, Régua, Mesão Frio, Carneiro, Marco de Canaveses, Amarante, Vila Real.

Finalmente, a terceira etapa (Vila Real-Lisboa), com 941,800 km, passa por Chaves, Ruivães, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Porto, Castelo de Paiva, Arouca, Vale de Cambra, Oliveira de Frades, Bolfiar, Boialvo, Luso, Vila Nova de Poiares, Arganil, Pampilhosa da Serra, Lousã, Miranda do Corvo, Condeixa, EN-1, Lisboa (Estoril).

No meio deste itinerário há o recurso às estradas florestais onde, naturalmente, será feita a selecção dos concorrentes.

Aguardamos que nestas três semanas que faltam aumente o entusiasmo por uma prova de grandes tradições, que os responsáveis não podem deixar cair e até, inclusivamente, devia merecer das entidades ligadas ao turismo um apoio importante.

A C. Desportiva do A. C. Portugal vai reunir-se com representantes dos Órgãos da Informação

A Comissão Desportiva do Automóvel Clube de Portugal vai convidar os representantes dos Órgãos da Informação para uma reunião, na próxima segunda-feira dia dia 16, ás 17 e 30.

Após a reunião proceder-se-á à entrega solene dos prémios dos Campeonatos Nacionais de 1969 (Rallyes, Velocidade e Karting).

Atletismo

Seis portugueses em Espanha

O Conselho Técnico da F. P. A., efectuadas que foram as provas nacionais de corta-mato, acaba de seleccionar os representantes portugueses ao Corta-Mato Internacional da Juventutde, em Madrid (9 km), que se realizará depois de amanhã em Madrid, na Casa do Campo, com a participação de alguns atletas estrangeiros, além dos melhores especialistas espanhóis.

Os atletas escolhidos, são na verdade, os mais representativos de momento — Carlos Lopes (Sp.), campeão nacional de corta-mato; Morujo Júlio (Sp.), segundo classificado do Campeonato Nacional; Anacleto Pinto (Ac. de Viseu), terceiro classificado no «Nacional» de seniores.

Foi, também, escolhido para participar na corrida, destinada à categoria de juniores, o campeão nacional da categoria — João Pinto, do C. A. F. de Viseu — que se revelou um jovem de excepcional categoria quando em Guimarães chamou a si o título máximo (individual).

Os atletas indicados são acompanhados pelo presidente da direcção da F. P. A., sr. Gilberto Cardoso. Viajarão no voo «TAP 702», de amanhã, pelas 10 e 35. O regresso está previsto para domingo à tarde, no voo «IB 071», que aterrará no aeroporto da Portela, às 17 e 10.

A Federação aceitou, também, um convite dirigido pelo «Ayuntamiento» de Laredo, para o «V Cross Internacional da Costa Esmeralda — Laredo «Santander)», a realizar no próximo dia 22 naquela cidade espanhola.

Foram seleccionados para formar a equipa de três atletas os fundistas Anacleto Pinto (Viseu), Carlos Tavares (ind.) e José Marques Dias (F. C. P.), que farão a viagem acompanhados de um director federativo.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 24 – 9.ª Época

O Alcoa — X22 X12 112 1111; Badaladas — 12X 212 X11 X211; Cavalgada do Ritmo — 222 221 212 1211; Comércio de Portimão — 222 221 111 1221; O Comércio do Porto — 222 212 X12 1X1X; O Concelho de Estarreja — 22X 2X1 111 X2X2; Correio dos Açores — 122 221 X11 X21X; Correio do Vouga — 122 211 212 1111; O Distrito de Setúbal — 222 211 21X X111; Emissora Of. da Guiné Portuguesa (TD) 222 2X1 212 X212; Eco do Funchal — X22 211 X1X 1111; Ecos de Cacia — 22X 211 21X 1212; Eu Sei Tudo — 222 2X1 X12 1X11; Folha do Domingo — 222X12 112 211X; Gazeta do Sul — 22X 211 212 1X11; Imagens - Piedenses — 222 X1X 11X 1X11; Estrela da Manhã — 22X 2X1 112 X111; Jornal do Fundão — 222 211 X12 121X; Jornal da Lixa — 12X 211 11X 1211; Jornal de Sintra — 22X 211 212 1212; Notícias da Amadora — 22X 2X1 212 X211; Notícias de Chaves; 222 21X 212 1X12 Notícias de Felgueiras (SD) — 22X 2X1 X1X 2212; Notícias de Felgueiras (Tolt) 222 X1X 211 X211; Notícias de Gouveia X22 X11 112 1212; Notícias de Guimarães — 22X X11 112 XX1X; Póvoa de Lanhoso (CA) — 222 21X 112 1X11; Póvoa de Lanhoso (Desp) — X22 221 X11 1111; Povo Algarvio — 222 211 X12 1211; Reconquista — 222 221 212 X2X2; Diário — 222 21X X12 1X1X; Notícias 22X 211 212 1X1X; Diário de Moçambique — 22X 21X X11 1X11; Notícias da Beira — 222 211 212 X2X1; Brado Africano 222 211 1XX 1X22; Onda da Manhã — 122 X21 21X 2X11; Domingo Alegre — X2X X1X X12 1X1X Roteiro Sonoro — 222 2XX 21X 11X1; Terceiro Programa — 122 221 X21 1111; Passatempo — 121 X21 XX1 1X12; Bondiazinho — 121 222 XXX 2111; Cidade 70 — X21 222 X11 1121; Vamos Jogar no Totobola — 222 2X2 21X 121X; Jornal Desportivo — X22 21X X12 1XX2; Diário — 222 2X1 X12 1X1X; Comércio — X22 X1X X12 1X12; Apostolado — 22X 221 X1X 1211; A Nossa Chave — 222 2X1 X12 1112; Notícias do Totobola (RCS. Tomé) — 222 211 X12 1X12; Angola Norte — X22 111 11X 121X; Auto Rádio — 222 211 111 1X1X; Boletim Desportivo do RP — 111 111 111 1111; Caminho Ricardo Lemos — 222 2X2 212 X212; Cardeal Saraiva — 222 X11 21X 1211; A Comarca de Arganil — 222 21X 212 1211; O Comércio de Leixões (DTUP) — 222 221 X12 X2X2; O Comércio de Leixões (Desp) — X22 211 21X 1X1X; Correio de Coimbra — 22X 221 X12 1211; De Tudo Um Pouco — 222 21X 112 1211; Às 10 Espere Por Nós — X2X 2X2 212 1XXX; Diário do Alentejo — 22X 2XX X11 1211; Diário de Coimbra — 222 211 11X 1211; Diário do Sul — 222 2X1 21X 11X1; Ecos do Desporto — 222 2X1 212 1XX2; Dos Fracos Não Reza a História — 221 212 212 1211; Ideal Rádio — 222 21X 212 1X12; Jornal do Barreiro — 222 X1X X12 XX1X; Jornal da Beira — 222 2XX X11 XX11; Jornal de Notícias — X22 2X1 112 XX11; Jornal de Viseu — 222 211 11X 221X; Litoral — X22 X11 21X 1211; Maria da Fonte (Desp) — 222 211 11X 1211; Maria da Fonte (VP) — 222 222 211 212X; Momento do Totobola — 222 211 111 X211; Notícias do Douro — X22 X11 11X 22X2; Notícias de Évora (VJT) — 222 211 X1X 1211; Notícias d'Évora (VD) — 22X 2X1 112 1X1X; A Ordem — X22 211 21X 12X1; Passatempo (ENR) — 222 2XX 111 2212; Peça Que Não Maça — 222 XX1 21X 1X12; Prog. Electro Mecânico — 222 2X1 111 XX11; Rádio Altitude — 22X XX1 112 1211; Rádio Placard (ENR) — 222 2X2 211 1221; Rádio Placard (RCP) — 222 2X1 111 1111; Rádio Placard (RCP de LX) — 222 2XX X11 1X11; Rádio Ribatejo — 222 111 212 XX11; Rádio Sports — 121 211 112 1211; Renovação — 22X 211 2X1 1X11; Repórter do Dia — 222 2X1 112 1X11; Repórter do Dia (Angola) — 222 21X 211 X1X1; República — 222 211 112 1211; Sorriso da Hora do Almoço — 12X 22X 21X 11X2; O templário — 122 111 112 1112; Terra Alta — 122 22X 221 1212; A Voz — 222 211 211 1111; A Voz Desportiva — 222 211 X12 1211; A Voz do Domingo — 22X 211 112 1X12; Voz de Lamego — 222 211 212 1111; A Voz de Palmela — 222 2X2 212 2121; A Voz dos Ridículos — 222 211 X11 1111; O Porto — X22 211 X1X X122; Só Rádio — X21 X11 X12 1X11; Prog. Almanaque — 2X1 111 21X 121X; Boletim Desportivo TA — 222 X11 X12 1211; Prog. da Manhã — X22 2XX 112 1X1X; Musica e Desporto — 22X 211 11X 11X2; Norte Desportivo — X21 11X 21X 1211; Vamos á Bruxa (Adesivo) — 222 212 212 X21X; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 222 21X 212 XX11; Colina Sagrada — 222 2X1 X12 X112; Correio do Douro — 222 211 XX1 X211; Penalti — 222 211 112 1X11; A Lição do Menino Quim — 21X 212 212 X21X; Resenha Desportiva — 222 211 112 X211; Prog. Sem Nome — 222 21X 212 12X1; Rádio Clube do Norte — 122 11X 221 1X11; Açores (Desportivo) — 222 X1X 2X2 1XX1; A Ilha (Desportiva) — X2X 1XX 21X 1211; Voz do Casa Pia — 222 2X1 X1X 1211; Novidades — X22 211 X12 1211; Sporting — 222 21X 112 12X1; Diário de Lisboa — 222 X11 XX2 X211.

RESUMO CONCURSO N.º 24

	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1. Sanjoam.-Guimarães ..	14	21	87	1	2	9
2. Salgueiros-Sporting ..	2	1	119	1	1	10
3. Famalicão-Belenenses	9	25	88	1	2	9
4. Tirsense-Porto	8	20	94	1	2	9
5. Setubal-Benfica	75	31	16	8	3	1
6. U. Tomar-C. U. F. ...	78	29	15	8	3	1
7. Boavista-Varzim	37	39	46	4	4	4
8. Barreirense-Leixões ..	112	7	3	10	1	1
9. Corunha-A. Bilbau ...	28	31	63	3	3	6
10. Elche-Sabadell	85	28	9	8	3	1
11. Saragoça-A. Madrid ..	26	40	56	2	4	6
12. Maiorca-Celta	98	17	7	10	1	1
13. Ponteved.-Las Palmas	72	22	28	7	2	3

E o prognóstico lógico será: 222 211 212 1211

(a) — Nos termos do Art.º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

19 atletas do Benfica em Madrid

Acedendo a um convite do delegado «Provincial de Juventudes» e da Real Federação Espanhola de Atletismo, o Benfica far-se-á representar com 19 atletas de quatro categorias — iniciados, juvenis, juniores e seniores femininos — no «Cross Internacional de Juventudes», denominado «23.ª Grande Prémio de Corta-Mato da Juventude», que se realizará em Madrid depois de amanhã.

Os atletas inscritos naquela competição são os seguintes:

Iniciados — Nelson Martins, Sebastião Henriques e Francisco Salvador. Juvenis — Artur Pinto, Carlos Tavares da Silva, José Rodrigues, João Veiga, João Santos e Francisco Barros. Juniores — Vasco Pereira, Cidálio Caetano, José Ferreira, José Neves e Jorge Lopes. Seniores femininos — Manuela Simões, Branca Seabra, Odete Graça, Fernanda Pinto e Anabela Santos.

Acompanham a equipa do Benfica, o director-seccionista Augusto Leite Inácio e o técnico José Araújo.

A comitiva partirá em transporte privativo do clube, no sábado, pela manhã, instalando-se em Madrid no Albergue Juvenil da Casa do Campo.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Interessa às Senhoras
SALDOS
Uniformes para empregadas domésticas
★ menos actualizados ★
DESDE 40$00
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 5.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Óscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman** e **Katherine Ross**

CONDES
(M 17 anos) Tel. 522523-326710
As 15.15 18.15 e 21.30
Annie Girardot, Francis Blanche e Jean Yanne
CONFIDENCIALISSIMO
Prémio Fémina — Paris 1969

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS
HOTEL DA MALANDRICE

ODEON
(M 12 anos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21
ÊXITO SENSACIONAL
Um filme português de alto nível passional e dramático
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva** e **Nicolau Breyner**
Realização de **HENRIQUE CAMPOS**

CASINO ESTORIL
(M 12 anos)
Às 17 h. e ás 21.30
O GRANDE RESTAURANTE
com **Louis de Funès** e **Bernard Blier**

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A GRANDE AVENTURA DE HANNIBAL
A RAPOSA DOURADA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
QUE RICO PAR...
RIFIFI EM PARIS

LIDO
Praça D. João I—AMADORA
(M 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um super-espectáculo com **Shirley MacLaine** e **Sammy Davis Jr.**
SWEET CHARITY
(A rapariga que queria ser amada)

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
O OURO DE MACKENA
com **Gregory Peck** e **Omar Sharif**

QUINZENA COMÉDIA PORTUGUESA
HOJE — M. 12 anos — 18.30 h.
O COMISSÁRIO DA POLÍCIA
de Constantino Esteves (1952)
com António Silva, Vasco Santana, Santos Carvalho, Maria Matos, etc.
Próx. Quinzena:
O AMOR NO CINEMA
(Início a 16 de Fevereiro)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Technicolor
Os rapazes não vêm á terra há dez meses!
Atenção! Cuidado!
FECHEM-NAS A 7 CHAVES
com **Christopher Plummer** e **Susannah York**

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
A divertida comédia
CONFIDENCIALISSIMO
com **Annie Girardot** e **Francis Blanche**
Prémio especial no Festival de Berlim
Prémio Fémina — Paris

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15 18.30 e 21.45
6.ª semana de enchentes
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban**
no superespectáculo de 1970, em Cinemascope e Technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Jamais houve dois homens tão violentos!
A MORTE VEM A CAVALO
com **Lee Van Cleeg** e **John Phillip Law**
Technicolor — Techniscope

EUROPA
Tel. 661016
Às 21.30 (Adultos)
Em continuação sensacional de ESTREIA, em 4.ª SEMANA
MEIAS PRETAS
com **Susan George** e **Victor Henry**

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Os desejos inconfessáveis de um «jovem» de 40 anos!
Um filme de **Franco Giraldi**
A REBOLONA
com **Ugo Tognazzi** e **Isabella Rei**

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de **Carl Dreyer**
DIA DE CÓLERA

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Rod Steiger, Judy Geeson e **Claire Bloom** num filme de apaixonante interesse!
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

TIVOLI
(M 12 anos) Tel 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 9.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Um êxito de gargalhada de que toda a gente fala
GUERRA A TV
com **BOURVIL** e **FRANCIS BLANCHE**
40 prédios privados da televisão... Porquê?

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30 18.30 e 21.45
4.º MÊS
13.ª SEMANA
DIVÓRCIO À ITALIANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
com **Marcello Mastroiani**
UMA MARAVILHA

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
Uma história bem contada e bem interpretada na sua violência e aventuras e a que não faltam apontamentos de bom humor.
VELHA RAPOSA
com **John Wayne** e **Kim Darby**

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional
3.ª SEMANA
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

No salão de festas — Exposição de automóveis antigos miniatura

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional!
3.ª SEMANA
Technicolor — Cinemascope
OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES
com Tony Curtis, Susan Hampshire e **Bourvil**

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (12 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Relíquia» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «7 contra todos» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Incompreendida» (12 anos)
ROYAL — «A piranha» (17 anos).
ORIENTE — «A estrela do sul» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Eles com elas» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O maior espião da história» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Velha Raposa» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «7 noivas para 7 irmãos» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «Sob o fogo da metralha» (17 anos).
LUMIAR — Às 21: «O incerto amanhã» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Não sou digno de ti» (12 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O filho de Django» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O grande restaurante» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «007 ao serviço de Sua Majestade» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «A chamada» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Uma razão para viver» (12 anos).

● Outra banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Uma certa rapariga» (17 anos).

«A RELÍQUIA» DISCUTIDA À DATA DO APARECIMENTO

(Continuação da 7.ª página)

ber a visão da vida de Jesus, que ocupa grande parte do livro. Numa carta de Eça, este declara que propusera o livro a prémio só para se divertir. Escreve: «A Relíquia» é certamente um livro mal feito. As suas proporções falta harmonia, elegancia solidez, certas personagens, apenas recortadas e não modeladas oferecem uma notação uniforme e esfumada; a forma não tem suficiente fluidez e ductibilidade, antes por vezes encaroça e empasta, e, por querer ser grave, parece hirta, como sucede aos grandes homens da província, etc., etc. Mas estes defeitos, que só podem ser sentidos por um gosto muito afinado na perene convivência das coisas da Arte, nunca poderiam provocar a condenação de um livro numa Academia que não está povoada de artistas. Não penso nisto ser irreverente para com os meus esclarecidos colegas. Como disse o príncipe de Gales ao velho e glorioso alfaiate Pool, numa circunstancia conhecida e já clássica: «Não se pode razoàvelmente esperar que num país todos os homens eminentes sejam alfaiates.» Pinheiro Chagas respondeu a Eça dizendo, entre outras coisas, ser «A Relíquia» um livro «defeituosíssimo», e m'bora nele resplandeçam as qualidades brilhantíssimas do romancista. O que lhe valeu uma valentíssima coça (por escrito, é claro) com que Eça o mimoseou. A consequente publicação de «Os Maias» veio acabar com esta polémica...

C. P.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno E
ALCÂNTARA — Nogueira R 30 Creche, 2 (631635)
ALFAMA — Nacional, R de S João da Praça, 26 (863632)
ALVALADE — Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (776358) ✲ **Brisália**, Av Rio de Janeiro, 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 10 (40471)
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (715370) ✲ **João XXI**, Av João XXI, 6-A (726462) ✲ **Nova Lisboa**, R Guilhermina Suggia, 12 (727721)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R do Salitre, 7 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 147-A (763107) ✲ **Avenidas**, Av. da República, 27-A (533688) ✲ **Império, Ld.ª**, R. Filipe Folque, 40-A e 40-B (48002) ✲ **Ducal**, Av Duque de Loulé, 21 (48946) ✲ **Palma**, Av. Duque de Ávila, 25-3.º (47088).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R Ângela Pinto, 32 (49756)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 41 (31216)
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699)
BENFICA — Lisboa, R Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ **Sousa**, Estrada de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Modelar, L Dr António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✲ **Véritas**, R. da Misericórdia, 133 (324554-327563/4).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ **Ourique**, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682833) ✲ **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua das Amoreiras) (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
ENTRECAMPOS — Galena, Aven Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro, Av Álvares Cabral, 100 (661453).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ **Rosa & Viegas**, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ **St.º António**, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (862833).
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — Alameda, A dos Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé**, Est do Desvio, lote 12-C (790704).
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, (661275)
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (311237) ✲ **Nova dos Olivais** — R E , Lote 469 (Olivais Sul (316402)
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764196-764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrando, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa, 16-A — (728395-720703)
REGO — Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Hospital Santa Maria) (778953)
S. AMARO — Sepal, Calç da Boa Hora, 94-A (631958) ✲ **Teles**, R João de Barros, 2 (638249).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R de Xabregas, 65 (381185) ✲ **Oriente**, R Lopes, 120 (843381)
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 (251858)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva, 81 (Tel 210248)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 2428839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 86 (Telefone 2432034)
OEIRAS — Godinho — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau, R J. Elias Garcia, 62-B (Tel 2471785)
ESTORIL — S. João — S João do Estoril (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Costa — Av Sabóia, 29-B (Tel 260085)
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 280078). **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (Telefone 280234)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) ✲ **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel 933803) ✲ **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) ✲ **J. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 Rebolaria (Tel 938618)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 933920).
QUELUZ — Andre — Av Elias Garcia, 5 (Tel. 950043); **Queluz** — Av Miguel Bombarda 123-A (Tel 951841)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (T 29100121).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980155).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel 938920).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 0 (Teletone 234 37).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R Cândido dos Reis 30 (Teletone 224020)
ALMADA — Cristo-Rei — Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 74 (Teletone 224302)
BARREIRO — Soares, Av. da República, 1 (Tel 2273023)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro, 18 (Tel 270254)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 6 (Tel 2390029)
MONTIJO — Diogo — R Almirante, 42 (Tel 2300312)
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Marques — R Arronches Junqueiro (Telef 22783); **Bonfim** — Av Rodrigues Manitto 2 (Tel 24558)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja 5 (Tel 221858)

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 538821 ✲ Gazcidla idem e tenados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524
POLICIA e G N R — Serviços de emergência 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria 775171 ✲ Hospital de S José 860131 ✲ Sangue, oxigenio e soros, 771168 e 71169 ✲ Transfusões, soros e oxigenio 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763450.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço) 25345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém) 638511

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
PREMIADO PELO SNI

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
antónio
AMANHÃ
DOBRADA À ANTÓNIO
DOMINGO
CABRITO NO FORNO
R. Tomás Ribeiro, 63

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

VAI A CAMINHO DE GIBRALTAR O IATE «DESAPARECIDO»

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o vento era fraco de Oeste; o céu estava muito nublado e caíam aguaceiros em alguns locais do litoral oeste, a norte do Tejo, por influência de uma massa de ar marítimo.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 16° mínima: Penhas da Saúde, —4°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 8°; Faro, 11°; Porto, 9°; Funchal, 13°; Lisboa, 10°; Penhas Douradas, —2°; Portalegre, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 13°,1; na água do mar: 13°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

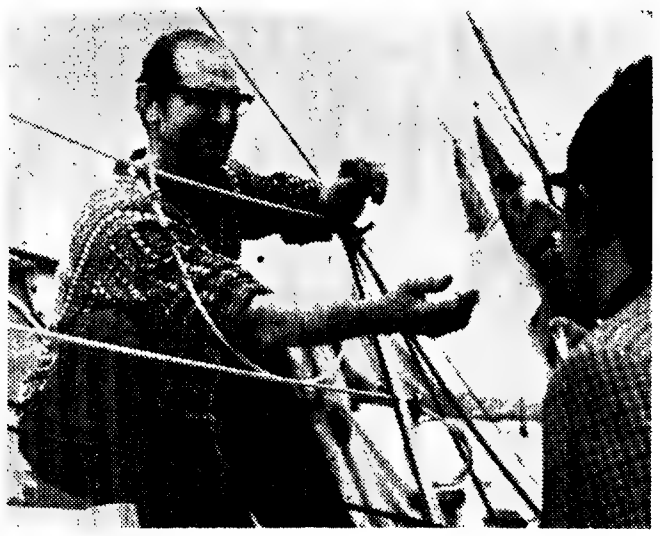
Céu muito nublado, por vezes com boas abertas nas regiões do Sul; vento fraco ou moderado de Oeste; aguaceiros, pouco frequentes, nas regiões do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer ás 8 e 30
Ocaso ás 19 e 13

Hoje **Dia 21** **Dia 1** **Dia 7**

MARÉS:

PRAIA-MAR — **Hoje** — 9 e 40 (3,3 m); 22 e 14 (3,2 m). **Dia 14** — 10 e 51 (3,1 m); 23 e 22 (3,1 m). **Dia 15** — 11 e 15 (3,0 m). BAIXA-MAR — **Hoje** — 5 e 22 (1,5 m); 15 e 30 (1,7 m). **Dia 14** — 4 e 09 (1,7 m); 16 e 40 (1,8 m). **Dia 15** — 5 e 40 (1,8 m); 18 e 12 (1,9 m)



John Atkins, capitão do «Franda II», quando explicava ao repórter do «Diário de Lisboa» que o «Selina» não podia ter sido roubado

O «Selina», um iate de matrícula norte-americana e tripulantes britânicos, vai, neste momento, rumo a Gibraltar, mais uma escala na sua viagem para Lhuderdale, Florida, E. U. A. Entretanto, as autoridades portuguesas, mal informadas, ou sem terem entendido as declarações de Anthony Nicolas (Tony), o capitão, alertaram todos os portos da costa, convencidas de que se tratava do roubo de um barco, facto menos comum do que o roubo de automóveis.

Ontem, á tarde pelas 17 horas, Anthony Nicolas, 35 anos fortes, e fleugma bem de origem britânica, compareceu na Polícia Marítima, participando que se encontrava em Lisboa sem dinheiro, sem documentos, possuindo apenas a roupa que tinha no corpo. Segundo a Polícia, Nicolas queixou-se de a «sua tripulação» (três homens) ter zarpado da doca do Bom Sucesso, deixando-o em terra, onde disse ter permanecido apenas umas horas.

Repórteres do «Diário de Lisboa» apuraram, esta manhã, contudo, que o «Selina» deixara a doca de Belém, onde estivera de 9 a 10 (e não no Bom Sucesso, onde o comandante Luciano Dentinho e seu assistente Jorge Vizinho garantem nunca ali ter estado tal barco), na noite de terça-feira.

Entretanto, os nossos repórteres souberam, ainda, que Anthony Nicolas fora contratado em Farmouth como «navigator», o que equivale a capitão, por Douglas C. M. Cowpland, que viaja a bordo como representante do proprietário do barco, um norte-americano que o encomendara na Grã-Bretanha, num estaleiro local.

Foi, de resto, Cowpland quem assinou o livro de registo na doca de Belém, indicando a procedência (Farmouth, Grã-Bretanha) e as escalas seguintes a Lisboa: Gibraltar, Las Palmas, Cabo Verde, Barbados e Florida, finalmente.

Segundo nos informaram na Associação Naval, em Belém, uma carta foi ali deixada do «Selina» para um outro iate que entrou na quarta-feira na doca do Bom Sucesso, o «Franda II»

Simples caso de despedimento?

John Atkins o capitão do «Franda», que vem de Hamble e vai para Nova Zelandia, via Panamá, disse aos nossos repórteres o seguinte:

«Tony nunca poderá queixar-se de que lhe roubaram o barco porque este não lhe pertencia e um representante do dono estava a bordo. O que ele pde dizer é que foi despedido de uma forma pouco ortodoxa, mas também não sabemos as circunstancias. Eles tinham uma entrega a fazer, que é o barco e não sabemos quão longas teriam sido as horas em terra de Tony»

«De qualquer modo», acrescenta Atkins «eles terão de parar uns dias em Gibraltar para reparações, pois os motores não estavam famosos. Não os conhecíamos antes, mas estivemos em Vigo, Norte de Espanha, três semanas lado a lado».

Ainda segundo Atkins o «Selina» (e não «Salina» como os jornais erróneamente noticiaram) é um iate que não necessita de mais de três tripulantes, exactamente aqueles que tem a bordo neste momento algures no Atlantico, rumo a Gibraltar. Isto também poderia ter influido na decisão de Cowpland ao abandonar o seu capitão em terra.

Por outro lado, depois de ter passado a manhã dependurado ao telefone ligado para a Embaixada britânica, um repórter do «Diário de Lisboa» foi informado após três negativas que Mr. Nicolas poderia, aparentemente, ter passado a noite em algum barco da doca cujo proprietário ou tripulantes se tenham condoído da sua situação». Uma batida em forma, a pé e de bote, nas docas possíveis de ter iates onde Nicolas se albergasse, excluiu definitivamente essa amável informação.

Uma coisa é certa: o barco não foi roubado e quem classificou o seu desaparecimento de «fraudulento» pode ser processado... e nestas coisas, nem ingleses nem norte-americanos costumam perdoar...

«DIÁRIO DE LISBOA-JUVENIL»

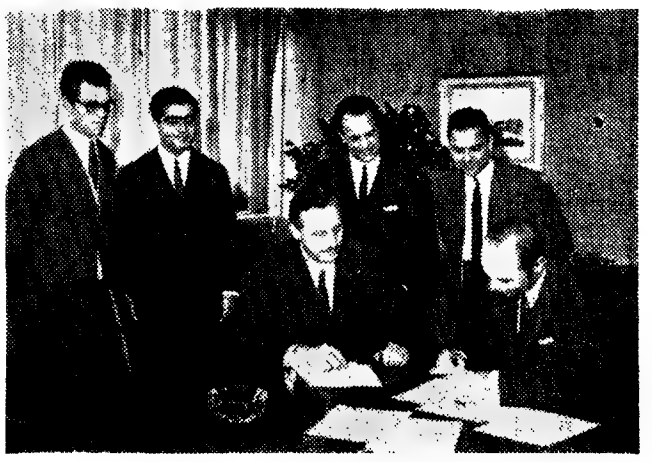
FORAM ONTEM ENTREGUES OS PRÉMIOS DO CONCURSO DE ARTES E LETRAS

Procedeu-se ontem, como fora oportunamente anunciado, á entrega de prémios relativos ao «Concurso de Artes e Letras», organizado pelo suplemento juvenil do nosso jornal, com o patrocínio do «Fósforo Ferrero». Trata-se de uma iniciativa que está conquistando, entre nós, o impacto que deriva da tradição. No ano em curso, a iniciativa do «Fósforo Ferrero» efectua-se pela quarta vez consecutiva. Muitos milhares de jovens são movimentados, desde 1967, nas suas actividades artísticas e incentivados por prémios que, até hoje, ascendem a 120 contos. A iniciativa do «Fósforo Ferrero» contribui, ano após ano, para que venham á superfície inumeros valores juvenis no campo da poesia, do conto, do ensaio, das artes plásticas e da fotografia.

Algumas dezenas de jovens receberam ontem, na Redacção do nosso jornal, os prémios a que tinham direito. Como representante da Medicamenta esteve presente o sr. Almeida Henriques que procedeu á entrega do primeiro prémio.

Resolvidos os problemas monetários, os jovens presentes participaram de uma reunião com o orientador do «Diário de Lisboa-Juvenil». Foram discutidos diversos problemas relacionados com a actividade e a natureza do nosso suplemento que se espera entre em breve numa fase de grande expansão. Propuseram-se igualmente as bases para o «Concurso de Artes e Letras Fósforo Ferrero» de 1970.

No próximo numero do nosso suplemento serão publicadas instruções sobre a entrega dos prémios aos concorrentes da província.



Um aspecto da assinatura do contrato, no qual outorgaram, pela administração da «Victoria», o sr. Gert Schlosser, e pela Bull General Electric, o sr. Remi Donneaud, director-geral

A COMPANHIA DE SEGUROS VICTÓRIA ENCOMENDA UM COMPUTADOR BULL GENERAL ELECTRIC

A «Victória», Sociedade Anónima de Seguros de Vida, fundada em 1853, com sede em Berlim, e que desde há 40 anos trabalha em Portugal, é uma das mais importantes companhias de seguros de vida.

Tem em Portugal uma carteira de 1025 milhões de escudos de capitais seguros em vigor, á qual correspondeu em 1969 uma receita de prémios na importância de 52,1 milhões de escudos.

A «Victória» pagou em 1969, aos seus segurados em Portugal, como participação nos lucros, a importante verba de 2,4 milhões de escudos, que são 4,6 por cento da receita de prémios.

No mesmo período foram pagos para sinistros e como capitais vencidos por sobrevivência do segurado, 9,5 milhões de escudos.

A «Victória», acompanhando constantemente o progresso, não só trabalha em todas as modalidades modernas de seguros de vida individuais, rendas vitalícias e planos de previdência para pessoal de empresas, como também está empenhada em melhorar a organização dos seus serviços. Neste propósito, acaba de encomendar um ordenador GE-50, da Bull General Electric.

O ordenador escolhido, além do cálculo de reservas matemáticas, permitirá uma gestão integrada de vários trabalhos:

— da carteira de segurados.

— de agentes e angariadores.

— da contabilidade.

— etc.

A série GE-50 conta, na Europa, com mais de 1000 unidades em todos os ramos de actividades.

AUTÓGRAFOS DE TONY DE MATOS

Para lançar o seu novo disco (da etiqueta «Estudio», com canções do filme «O destino marca a hora») Tony de Matos tem estado em diversos estabelecimentos musicais a autografar fotos e a auxiliar a venda das suas gravações.

Assim, o popular artista esteve ontem na filial da Discoteca Roma (Rua Morais Soares), e irá hoje, ao fim da tarde, á Discoteca Radiotelevisão (na Rua Infantaria 16, n.º 60, em Campo de Ourique). Amanhã, estará na Discoteca Paju (Rua Alvaro Coutinho).

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

É aos Domingos que podemos interromper a corrente em alguns locais onde se torna indispensável efectuar trabalhos de reparação e de ampliação da nossa rede de distribuição da nossa rede de distribuição de energia eléctrica.

No próximo Domingo, para esses trabalhos, estão designados os seguintes Sectores e Zonas:

8.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua Fausto Guedes Teixeira, Rua José Lins do Rego e imediações. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Rua Conselheiro Mariano de Carvalho, Rua Conselheiro Ferreira do Amaral e imediações. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Rua Alves Gouveia, Calçadinha dos Olivais, Rua Conselheiro Teles de Vasconcelos e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Portela de Sintra (parte). (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais: (Cascais):** Rua Gomes Freire, Rua Conde Ferreira, Rua Vasco da Gama, L.º Passos Vela. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — Estrada da Boca do Inferno, Rua Vasco da Gama e imediações. (Das 9 às 12 horas).

4.ª Zona — TRAJOUCE/ /CASAL DO CLÉRICO. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **S. PEDRO DO ESTORIL:** Rua do Murtal, Rua Afonso de Albuquerque, Rua 9 de Abril, Rua Viana da Mota, Trav.ª Aspirante Mota e Freitas, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Rua General Tamagnani de Abreu. (Das 8 às 15 horas).

6.ª Zona — **S. JOÃO DO ESTORIL:** Av.ª Florindo Leal, Rua Vasco da Gama, Rua Marques Leal. (Das 8 às 15 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Oeiras: OEIRAS:** Av.ª dos Aliados, Rua N.ª S.ª do Egipto, Rua João de Deus, Rua Mouzinho de Albuquerque, Rua Julio Dinis, Rua Alvaro António dos Santos, Rua Candido dos Reis, Rua Dr. Neves Eliseu, Rua Conde Castanheira, Rua Alcassimas. (Das 8 às 15 horas).

8.ª Zona — **AMADORA:** Estrada da Falagueira e imediações, Bairro do Bosque, Rua Elias Garcia (parte). (Das 8 às 15 horas).

9.ª Zona — **AMADORA:** Rua da Aviação Portuguesa (parte), Rua Capitão Plácido de Abreu, Rua 5 de Outubro (parte). (Das 8 às 15 horas).

10.ª Zona — **ALGÉS:** Rua Ernesto da Silva, Av.ª da República, Rua da Olivença e imediações. (Das 8 às 15 horas).

11.ª Zona — **Concelho de Azambuja:** VILA NOVA DA RAINHA/AZAMBUJA e linhas de A. T. entre Vala do Carregado e Cruz do Campo. (Das 8 às 14 horas).

12.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Vila Franca (parte), Bom Retiro. (Das 8 às 14 horas).

13.ª Zona — **Concelho de Loures:** Toda a zona industrial e Camarária e linha A. T. entre Bobadela e S. João da Talha. (Das 8 às 14 horas).

MESA REDONDA

A BATALHA DA EDUCAÇÃO

O novo nome do desenvolvimento

RUI GRÁCIO

Os problemas do ensino, escolar e outro que não escolar, são, em qualquer país, terreno comum de todos. Em muitos deles, o sector responsável da administração tem significativamente por determinativo «da instrução pública» ou «da educação nacional».

Coisa pública, ou nacional, problema de todos nós, portugueses, o seu destino afigura-se substancialmente marcado pela vectorização política da comunidade. Há algum lugar para a esperança? Algum tempo? No tempo que flui, a esperança colocamo-la no limiar dos segmentos em que é uso fragmentá-lo: o Ano Novo, o início do mês que vem, a próxima segunda-feira. Será o decénio em que entrámos um tempo novo para os destinos do País e, portanto, do ensino, público, ou nacional? Não nos abandonemos, todavia, à oracularidade suspeita dos ritmos, que o futuro é um pouco a obra da acção concertada e reflectida. Assim o futuro do ensino português.

Que instâncias, além do Estado e do cidadão, e entre um e outro, parecem mais directamente implicadas nesse futuro? Talvez as Autarquias, a Igreja, os Interesses Económicos, os Proprietários de Colégios, os Pais, os Estudantes, os Professores. Sabemos, ou pressentimos, que algumas destas instâncias têm capacidade bastante para pressionar, com maior ou menor fortuna nos resultados, os órgãos de decisão; não parece que entre elas se encontrem os professores.

O GRUPO MAIS NUMEROSO

Os professores são, no mundo, mais de 16 milhões,

Cont. na pág. 10

Um instituto de investigação fora da Universidade?

Contactos com diversas personalidades, ligadas à investigação em diversos campos da Matemática e da Física, acerca do início e programa de actividades do Instituto de Física-Matemática, levou-nos a concluir estar ainda em debate e por esclarecer a oportunidade da criação, exterior à Universidade, de um Instituto de Física-Matemática.

Para lá da urgência do desenvolvimento da investigação nos campos previstos, tem realmente de se pôr o problema se o I. F. M., organismo de investigação quase concluído e dependente do Instituto de Alta Cultura, não irá utilizar, com prejuízo da investigação na e com a Universidade, apenas um núcleo reduzido de investigadores que lhe pertencem ou, apostamente se a discussão desta questão prévia, não irá atrasar ainda mais a criação dum Instituto considerado por outros, necessário e urgente.

Acerca de tão importante questão responderam dois professores catedráticos da Faculdade de Ciências de Lisboa que se têm distinguido como investigadores no campo da «Teoria dos Valores Extremos» (prof. dr. Tiago de Oliveira) e no campo da «Teoria das Distribuições» (prof. dr. Sebastião e Silva).

As suas respostas às questões formuladas colocam-se nas duas posições opostas (consideradas em relação à questão prévia). Hoje publicamos a opinião do prof. J Tiago de Oliveira (Ler na pág. 5).

Temas em discussão:

● **A Mulher no Mundo,** entrevista com Maria Lamas, em que a autora de «As Mulheres do Meu País» responde a perguntas formuladas por Antónia de Sousa, José Fernandes Fafe e Manuel de Azevedo.

● **O Instituto de Física-Matemática exterior à Universidade?** — inquérito a que responde o prof. J. Tiago de Oliveira ● **Inquérito sobre o livro como mercadoria,** com depoimentos de José Gomes Ferreira e Rogério de Freitas ● **Polémica: O turismo como factor de desenvolvimento económico-social,** artigo do dr. Mário Baptista, etc., etc.

Portugal pitoresco (4)

ABORÍGENE ALGARVIO

Desenho de João Abel

ASSIM VAI O MUNDO

Interesse

Americanos e japoneses parecem dedicar cada vez maior interesse à África. Quando se anunciava a partida para o continente negro do secretário de Estado norte-americano, William Rogers, com o objectivo de melhorar as relações entre diversos países africanos e a América do Norte, duas missões japonesas visitavam a África para estudar o desenvolvimento de trocas comerciais e as possibilidades de investimento na África Oriental, Congo-Kinshasa, Ghana, Nigéria, Costa de Marfim e Senegal, ou a promoção do sector do turismo (na Etiópia, R. A .U., Argélia, Marrocos e Tunísia).

Um número cada vez maior de firmas nipónicas investem em África. Os últimos investimentos japoneses conhecidos são:

1 — A criação no Congo-Kinshasa do «SODIMICO» sociedade congolesa e nipónica com investimentos avaliados em 40 milhões de dólares para exploração de 60 000 toneladas de cobre por ano.

2 — No Congo-Kinshasa um grupo de peritos japoneses estudam actualmente o fornecimento de um projecto de caminho-de-ferro entre Kinshasa e Kikwit.

3 — No Congo-Brazaville a «Nippon Progamining Corp.» empreendeu a construção de uma fábrica de discos.

4 — No Gabão a sociedade «Kawakami» de Tóquio constitui a Sociedade Industrial de Pesca para proceder ao estudo das riquezas marítimas locais, em crustáceos. Caso as condições do estudo sejam positivas, os japoneses dedicar-se-ão a este tipo de pesca, em larga escala, no país.

5 — A «Kawakami» concluiu um acordo relativo ao fornecimento de 14 rebocadores de 1000 a 2000 c. v. à Argélia.

6 — A «Yodogiwa and Nichimen Julsquo» prevê a criação em Casablanca de uma fábrica de chapa de ferro fundido galvanizada.

Clínica

A mais moderna clínica europeia para crianças foi inaugurada, em Estocolmo, junto do Hospital St. Goran, e custou cerca de 14 milhões de dólares. Só em obras estatísticas foram gastos 140 mil dólares.

A clínica tem lugar para 229 pacientes: 97 para Medicina, 68 para Cirurgia, 20 para tratamentos prolongados e 32 para psiquiatria infantil e juvenil.

As instalações incluem sala de ginástica, piscina, sauna, salas de jogos, discoteca e até um pequeno teatro. Existe também escola para as crianças internadas e um hotel para os pais passarem a noite quando necessário

Participação

Tomando apenas em consideração as 100 sociedades brasileiras mais importantes, poderá verificar-se que o Estado detém nelas uma participação de 63,4% do capital global, os interesses estrangeiros 24,7% e o capital privado brasileiro apenas 11,9%. Se a análise passar a abranger 220 sociedades em vez de 100, as mesmas participações serão de, respectivamente, 56,6% do total, 27,8% e 15,6%. Finalmente, para o total das sociedades (1857), o Estado conta com 38,9% do capital global, as participações estrangeiras com 26,1% e o capital privado brasileiro com 35%.

O valor total do capital destas 1857 sociedades representa 35,5 mil milhões de novos cruzeiros

Monopólio

Constituiu-se na República da Guiné um monopólio norte-americano «Alco Mining Inco» para exploração de jazigos de bauxite, cujas reservas estão avaliadas em 2 mil milhões de toneladas. Do monopólio fazem parte ainda, com situação minoritária uma empresa francesa, outra alemã e outra italiana, que no seu conjunto têm apenas vinte e seis por cento do capital.

Investimento

A Sociedade Financeira Internacional realizou recentemente a compra de acções no valor de dois milhões de dólares de uma recém-criada sociedade de investimentos jugoslava. Esta sociedade permitirá ás empresas privadas associarem os seus capitais para investirem nas actividades agrícolas, turísticas, de serviços ou industriais.

Petróleo

O conselho de administração da Companhia Nacional dos Petroleos do Iraque aprovou os planos para a construcão de um «pipe-line» que irá dos jazigos de petróleo de Roumellah Norte (Sul do país) até à costa do Mediterrâneo.

Este «pipe-line», com um comprimento total de 1250 quilómetros e com um diâmetro de 48 polegadas, terá uma capacidade máxima de 50 milhões de barris por ano. Estão previstas ao longo do percurso seis estações de bombagem. O custo total do projecto está avaliado em 15 milhões de «dinars» iraquianos (cerca de 1200 milhões de contos). O «pipe-line» levando ao Mediterrâneo o petróleo iraquiano diminuirá as despesas de transporte, pois coloca o ouro negro perto dos principais importadores.

Esta decisão iraquiana verifica-se numa altura em que recrudesce o ambiente de tensão entre árabes e israelitas) em Gaza entrou de novo em vigor o recolher obrigatório do pôr ao nascer do Sol.) Por outro lado atribui-se aos israelitas a intenção de intensificar a prospecção de petróleo nos territórios ocupados e de desenvolver o seu comércio neste domínio.

Adesão

Todos os Governos membros da E. F. T. A. informaram o secretário-geral da sua aprovação formal á adesão da Islândia á E.F.T.A. A Islandia tornar-se-á membro efectivo da Associação Europeia de Comércio Livre a partir de Março de 1970

Capital

Os investimentos germânicos nos países em vias de desenvolvimento, entre 1952 e fins de 1969, totalizaram 4,6 mil milhões de marcos, dos quais 37 por cento (1,24 mil milhões de marcos) foram para o Brasil. No último semestre de 1969, a Alemanha exportou capitais no valor global de 1,5 mil milhões de marcos enquanto recebia investimentos (na sua maioria americanos) no valor de 1,2 mil milhões de marcos.

Partido?

«Na União Soviética há um Partido, um verdadeiro Partido, ou simplesmente um aparelho?»

Vietnamização

«A vietnamização implicaria a retirada de todos os soldados americanos? A esta pergunta não obtivemos resposta perfeitamente clara. M. Laird declarou publicamente em 16 de Outubro, que tropas americanas poderiam estacionar no Vietnam em tempo de paz, «como na Coreia». Segundo alguns dos nossos interlocutores, não se pode excluir, se a guerra continuar depois da retirada dos combatentes americanos o prosseguimento dos «raids» dos «B-52». E todos sabem que o Pentágono quererá conservar, seja qual for a solução, a base de Cam-Ranh, a mais importante da Ásia depois de Okinawa e que o será ainda mais quando em 1972 a ilha regressar ao Japão.» (André Fontaine).

Ajuda

Os governos turco e soviético assinaram entre si um acordo com vista à construção na Turquia de uma terceira aciaria. O acordo engloba a concessão, por parte da U. R. S. S., de um crédito de 263 milhões de dólares.

A aciaria, a instalar em Iskenderun, estará concluida dentro de 4 anos, aproximadamente. A sua capacidade inicial é de 1 milhão de toneladas por ano, sendo mais tarde elevada para 2 milhões.

Quadros

Os jovens dizem-me muitas vezes: «Estou com 28 anos, tenho que trabalhar. Mas se entro numa empresa, acabei.»

É o seu grande drama de consciência: «Entrem, é preciso entrar porque esse é o unico meio de mudar o estado de espirito ao nível das «élites» tecnocratas.» Mas eu digo também aos meus estudantes: «Se vocês não se informam tanto como os jovens «managers», os quadros da industria, ficareis reduzidos a atirar pedras, porque deixareis de estar á altura da informação.» (Robert Jungk)

Bancos

Através da associação de bancos internacionais, foram criadas novas instituições bancárias na Austrália (Chase — N. B. A. Group, Lda.; Westralian Internacional Lda.).

INGLATERRA (Fusão do «Chartered Bank» e «Standard Bank» constituindo a mais importante casa bancária inglesa especializada em operações fora de Inglaterra) e na «D. E. W. B.-A. G.», associação de uma filial inglesa com um banco alemão.

ASSIM VAMOS NÓS

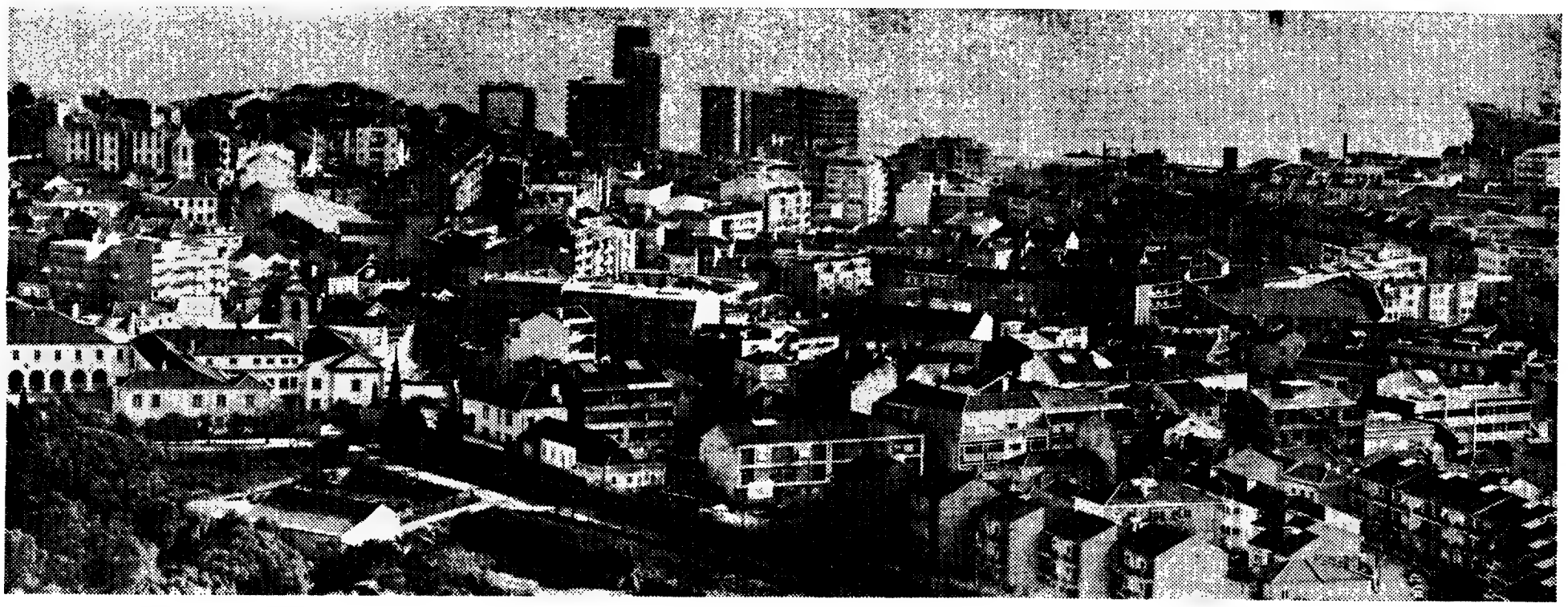
Tabaco

Mau grado os relatórios médicos, as estatísticas de mortalidade, os gritos de alarme, as campanhas, o tabaco resiste, como negócio altamente rentável a todos os níveis.

Uma empresa radicada em Angola — a SETA, Sociedade Exportadora de Tabacos de Angola — acaba de investir 16 mil contos na fábrica de tabacos de Benguela, que adquiriu à Cooperativa dos Agricultores de Tabaco do Sul de Angola e que ocupa uma área coberta de 5 mil metros quadrados. O equipamento custou 4 mil contos e permitirá uma produção horária de uma tonelada de ramas tratadas, as quais serão depois embaladas em caixas de 200 quilos, barricas de 400 e fardos de 100 quilos cada. Uma segunda etapa na longa caminhada para os nossos pulmões.

Economia

A balança comercial de Angola relativa aos meses de Janeiro a Novembro de 1969 resume-se nas cifras seguintes: 7 033 425 contos de exportações, 8 464 657 contos de produtos importados. Em toneladas, 3 636 659 e 7 041 244, respectivamente. Subida meteórica a do petróleo bruto: em todo o ano de 1968, a exportação foi de 5228 contos. No período referido do ano passado, o seu valor atingiu 399 861 contos. Subiram, igualmente, as exportações de bananas (cerca de 100%), a farinha de peixe (mais do que isso), os minérios de ferro e o algodão em rama. Prevê-se um saldo favorável, relativamente a 31 de Dezembro último, da ordem dos 250 mil contos.



Almada: a frustração de uma bela cidade

Terra de tradições históricas vincadas, a vila de Almada transformou-se, na década de 60, em mais um dos grandes «dormitórios» de Lisboa. Terá, hoje, para cima de 80 mil habitantes (mais de 130 mil, todo o concelho), a maioria dos quais atravessam diàriamente o rio Tejo nos dois sentidos, cumprindo o ciclo marcado pelo trabalho. Mas a velha Almada, de arreigadas tradições mutualistas, associativistas e cooperativistas, terra de tanoeiros e corticeiros (mais tarde de costureiras e pescadores) passou também à história. A explosão demográfica que, após o segundo conflito mundial, se verificou no grande centro urbano de Lisboa invadiu os subúrbios, e Almada, na Outra Banda, acabou por ser «descoberta» como localidade invejável, a muitos títulos. As ruas, avenidas e prédios surgiram como que por reprodução espontânea. Foi o caos. Da bela cidade possível, dadas as condições privilegiadas da região, nasceu um aborto urbanístico, sob muitos aspectos autêntica negação das mais elementares regras da criação moderna de centros populacionais. De tão forte que era, a tradição comunitária do burgo não morreu ainda. Resta a esperança de que as emendas possíveis — e só emendas, infelizmente — salvem o que resta de um dos mais belos e característicos exemplos de comunhão terra-homem que existiam no nosso País.

Almada, terra de amplas perspectivas, vive abafada, asfixiada no laço que lhe foram apertando. De um lado, as escarpas que a separam, pelo rio, do casario da capital. Do outro, encontra-se ou a continuação da prolífera e desordenada construção, ou uma sebe de propriedades ainda particulares. A zona de recreio dominical, dos piqueniques e do convívio, foi ocupada pela Ponte e acessos. Os espaços verdes, os jardins, os parques, cederam o passo (e o espaço), á febre dos negócios e do lucro da propriedade horizontal. A subida do custo de vida tornou-se insuportável para o proletariado tradicional da terra. As frágeis infra-estruturas da vida comunitária local explodiram fragorosamente. Almada é uma grande urbe moderna avançada, em potencial humano, várias décadas em relação ás possibilidades que lhe deram. A autarquia local foi apanhada de surpresa e não reagiu.

TERRA DE GRANDES FIGURAS

Como já referimos, trata-se de uma terra com vincadas tradições históricas. Muito ligadas, de modo geral, á noção de independência nacional e de liberalismo progressista. Terra de andarilhos e aventureiros, arreigada á força do mar e das conquistas, é um exemplo frisante da alegria popular construtiva e actuante. Reza a tradição que foi conquistada aos mouros pelo guerreiro de Afonso Henriques, primeiro rei, o atrevido e engenhoso João Tiago. Mascarados de árabes, os conquistadores terão partido, cantando, da antiga praia de Cacilhas até apanharem de surpresa os defensores. Fugindo, estes barricaram-se na Quinta da Ramalha, onde resistiram até á derrota definitiva. Daí vem a festa pagã que, ao longo dos séculos, constituiu a romaria por excelência das gentes de Almada: o S. João.

Em Almada viveram figuras grandes deste País. Fernão Mendes Pinto, andarilheiro dos mares e terras do Oriente, casou, viveu e morreu no sítio do Pragal, onde hoje se ergue o monumento a Cristo-Rei. Ali escreveu uma das maiores obras da literatura da Humanidade: a Peregrinação. Nada, a não ser o registo do seu óbito, ali o relembra. Em Almada viveu a figura que inspirou o Frei Luís de Sousa, no respectivo solar localiza Almeida Garrett a acção do seu famoso drama: facto por demais conhecido. Em Cacilhas, a meio do molhe, nasceu, em condições especiais, uma grande figura das nossas artes: Columbano Bordalo Pinheiro. Em Almada

Cont. na pág. 4

UMA SUGESTÃO

A criação de um cinema de estreia

O sr. Hélio Quartim, pessoa radicada há quinze anos em Almada, convictamente interessado nos problemas da terra e em questões de sociologia e urbanização, tem ideias firmes e condena sèriamente os atropelos de toda a ordem cometidos nos últimos quinze anos de progresso desabrido na linda vila ribeirinha. Foi ele uma das muitas pessoas que consultámos na recolha de elementos para esta reportagem, merecendo a sua solicitude e gentileza um agradecimento especial.

Entretanto, julgamos de interesse resumir aqui o seu depoimento.

— Aí por volta de 1950 — disse-nos — houve um plano director da vila, que estabelecia o loteamento dos terrenos para construção de moradias com quintal, ao gosto dos habitantes e de acordo com a realidade desse tempo. Contudo, por incrível que pareça, ninguém previu o mais lógico: o desenvolvimento acelerado da vila, complemento natural e acessível de Lisboa. Descobriram-no os construtores civis, muitos daqueles que na cintura da capital vieram encontrar um novo eldoralo. Para eles, o símbolo do conforto são os prédios de muitos andares, como os que existiam em Lisboa. Depois, era negócio certo e chorudo. Os lotes das moradias foram ocupados por prédios de quatro e mais andares, entalando muitas delas entre dois blocos, como ainda hoje se pode ver. Por sua vez, os donos dos terrenos descobriram uma valorização repentina da sua propriedade, vendendo-a logo de seguida para a construção. Neste processo de valorização galopante, só a Câmara não tomou providências. Deixou vender tudo — e quando verificou que precisava de zonas para criar as infra-estruturas a uma grande urbe repentinamente criada, os terrenos tinham atingido um preço exorbitante, e nada havia a fazer: nem do ponto de vista material, nem do ponto de vista legal. O resultado está à vista.

COMO FIXAR OS HABITANTES?

O sr. Hélio Quartim prosseguiu:

— Como sabe, Almada tem uma tradição muito arreigada de vida comunitária e associativa. Mas a rivalidade tradicional das duas colectivida-

Cont. na pág. seguinte

Almada: frustração de uma cidade

Cont. da pág. anterior

se fez a primeira representação do Auto da Índia, de Gil Vicente; e ali viveu, «em suas casas», um efémero rei de Portugal, D. António Prior do Crato. Que saibamos, é este o único facto assinalado no Pátio que tem o seu nome.

Restam alguns baluartes, aliás bem enraizados, do forte associativismo, do belo espírito colectivista que se firmou a partir do princípio do século passado: a Incrível Almadense, a Academia Almadense, e as cooperativas Piedense (a maior do País), de Almada e a Pragalense. Além destas, mais cerca de cinco dezenas de associações recreativas e culturais persistem em todo o concelho. A noção de bairrismo não cedeu ainda. O exercício comunitário não é menor. Mas é menos intenso, mais interesseiro. A premência económica vinca os seus direitos.

Hoje, a população almadense pode dividir-se em três sectores: os naturais da terra, ainda fortemente personalizados, do ponto de vista colectivo exercendo o seu inequívoco poder de atracção, mas solicitados por novas imposições que por vezes assumem aspectos dramáticos; os neo-enraizados, aqueles que não resistiram á tal atracção comunitária e começam a exercer acção preponderante na defesa de um tipo de vida própria; e, finalmente, a grande massa da pequena e média burguesia de funcionários e empregados que utiliza a urbe estritamente nos limites da sua função de dormitório.

A FUGA DOS NATURAIS

Apesar da construção febril, excessiva e desordenada, persiste, como nunca, o problema da habitação. As casas não chegam, as rendas começam a ser incomportáveis. Utiliza-se cada vez mais o recurso á sublocação. As famílias amontoam-se em casas diminutas. Qualquer destruição imposta, qualquer necessidade de mudança constitui um drama. Ergue-se o fantasma de um agravamento terrível no preço da habitação.

— Repare neste exemplo — diz-nos uma figura ligada ao movimento associativista local. — Tenho um amigo que deixou uma casa onde pagava quatrocentos escudos de renda. A mesma casa foi alugada, logo a seguir, por novecentos escudos. Verificada nova mudança, pouco tempo depois, a renda subiu para dois contos. Casos como este são frequentíssimos. Pergunto: o custo do prédio não foi um só?

Outra pessoa que abordámos, ao acaso, acerca das dificuldades da habitação, colocou-nos sob outro tipo de problema: o da fuga dos naturais de Almada.

— As famílias que, por motivo de expropriações para atender á política de novas construções, têm de abandonar as casas onde sempre viveram, são postas perante este dilema: a indemnização que recebem resistirá dois anos, no máximo, á pressão económica preponderante. De maneira que não têm outra solução: abandonam a terra onde estavam enraizados, obrigados a irem para muito longe, atravessando a barreira das rendas possíveis: Cruz de Pau, Charneca da Caparica.

Para o actual presidente do Município, aliás, este problema inscreve-se com prioridade absoluta. «Constrói-se muito para venda imediata, por andares, e pouco para alugar a rendas acessíveis» — reconhece. É minha preocupação essencial criar uma política nesse sentido, evitando as construções clandestinas e realojando, em circunstâncias humanas, os habitantes dos nossos bairros de lata».

Na verdade, a vila de Almada sente, nos flancos, a chaga destes bairros clandestinos e miseráveis: o da Quinta da Alegria, ao longo da estrada entre Cacilhas e Cova da Piedade, e os do Alto de Cacilhas e da Trafaria, sobre as escarpas do rio. «Para mim, é um problema de fundo» — diz-nos ainda o dr. Serafim Silveira — «e serei um presidente frustrado se o não conseguir resolver». Pela primeira vez, pensa-se no município almadense em termos de integração humana, aplica-se afinal aquela máxima urbanística dos tempos modernos: os habitantes fornecem aos novos burgos um capital muito mais importante do que os investimentos monetários: os seus filhos. O dr. Serafim Silveira confessou-nos que o realojamento dos habitantes das barracas será feito de modo a respeitar as suas características próprias e a integrá-los na comunidade, sem discriminações nem aglomeramentos nocivos.

Entretanto, ali ao pé da Quinta da Alegria, o símbolo da nova e desordenada Almada é constituído pelo conjunto de blocos de grande porte, á entrada da Avenida Eng. Frederico Ulrich, luxuosos e caros, á beira da maior industria naval do País.

NECESSIDADE DE INFRA-ESTRUTURAS

«A cidade é morta quando os seus habitantes vivem lado a lado sem se preocuparem uns com os outros. É viva quando têm a sensação de serem membros de uma «comunidade», ligados por uma história, um futuro e projectos em que todos participam». Este é o pensamento do criador da cidade piloto de Reston, a 20 kms de Washington, Robert Simon. É evidente que Almada não é uma cidade-piloto, a não ser que a consideremos como (mau) exemplo. Mas é também evidente que, a caminho dos 100 mil habitantes, algo tem de ser feito no sentido de a tornar a tal «cidade viva», em que os seus habitantes percam a noção de «dormitório» para terem a sensação de viver numa terra activa, atraente, «acordada». Limitemo-nos, na exemplificação deste tipo de pensamento, na necessidade de infra-estruturas á medida da sua importância. E, neste aspecto, o problema de Almada é grave. Os próprios responsáveis pela autarquia local têm consciência do atraso em que se encontram: neste momento, disse-nos o o presidente da Câmara Municipal, as intra-estruturas da vida comunitária não correspondem a mais do que um terço das necessidades reais. Ruas, esgotos, água, luz, escolas, parques, hospital. «Pedir para serem triplicadas estas infra-estruturas é cair num erro muito comum» — avisou o dr. Serafim Silveira — «na realidade o progresso deste concelho é irreversível e temos de apanhar o futuro». Sextiplicar tudo o que temos não é pedir muito. É preciso, todavia, que se olhe mais para esta terra «sui-generis», de que tanto se fala, mas que, tão desconhecida é».

A explosão escolar é um facto. A secção liceal, com cerca de 1300 alunos, está instalada em edifícios pré-fabricados, provisórios, superlotados, incapazes. A escola técnica, de construção relativamente recente, é já altamente deficitária quanto a possibilidades de acolhimento da população escolar. As escolas primárias têm o mesmo problema. Não existe, mesmo particularmente, qualquer espécie de ensino pré-primário, e as creches, absolutamente necessárias numa terra como esta, são poucas e de qualidade primária, muito á base de amas e mulheres que se encarregam de «guardar» crianças, em condições pouco recomendáveis, filhas de pais trabalhadores. Outro problema grave é o do hospital. Sem verbas, sem receitas, sem condições, sem médicos, sem pessoal. Perfeitamente anacrónico e incapaz. A Câmara procura resolver o problema servindo-se dos hospitais de Lisboa. Para tanto, terá de despender uns milhares de contos anualmente. E não é solução defensável, a não ser como medida de emergência, sempre condenável em tais circunstâncias.

«...autêntica negação das mais elementares regras da criação moderna de centros populacionais»

TRANSPORTES: A PONTE NÃO É SOLUÇÃO

Os transportes colectivos, num centro urbano com tais características, assumem um papel de grande importância. Fazem parte das intra-estruturas indispensáveis. Têm de acompanhar o ritmo febril da vida comunitária, o ritmo do desenvolvimento local.

A empresa concessionária dos transportes colectivos dentro da vila e no respectivo concelho tem-se actualizado, mostra-se atenta, mas não consegue já resolver os problemas que se levantam nas horas de ponta — quando os passageiros se apertam até o último fôlego, a caminho de outro drama: o barco que, de Cacilhas, os há-de trazer a Lisboa, ao trabalho quotidiano nos escritórios, nas lojas, nas fábricas, nos ministérios.

A ponte não é solução viável, a não ser nas emergências de nevoeiro cerrado. De facto, o concelho de Almada, para lá da subida das rendas e do custo da vida, pouco beneficia com o grande empreendimento da engenharia moderna. Referimo-nos, sobretudo, ao povo do concelho.

Mesmo os autocarros para transporte colectivo de passageiros são caros, para as possibilidades de pessoas que trabalham para ganhar o pão dos filhos e do senhorio. E, por outro lado, o limite da viagem mostra-se insuficiente: Alcântara e Marquês não servem devidamente o interesse da maioria dos passageiros. O custo da portagem na Ponte sobre o Tejo é proibitivo para quem pretenda utilizar o automóvel, mesmo para o pequeno e médio comerciante, base da actividade económica da urbe.

Lá mais para baixo, em Cacilhas, o drama é outro. O ritmo de viagens dos cacilheiros é perfeitamente insuficiente, pelo que, á hora de entrar nos empregos, formam-se «bichas» de milhares de pessoas no cais de embarque — sem ordem, sem policiamento, sem respeito pelos direitos dos mais madrugadores. Mas, o que é mais grave, a esses milhares de passageiros não foi ainda oferecida qualquer espécie de abrigo, necessário sobretudo na estação invernal. Além disso, a maioria dos barcos em circulação não oferece as condições mínimas: são transportadores de carne humana, empilhada e exagerada, até ao limite do perigo — ou para além desse limite.

Almada, porém, não fica despovoada. A mesma hora, dá-se um movimento contrário, embora menos intenso. O comércio, as repartições, as escolas e importante industria local absorvem milhares de trabalhadores que moram do lado de cá, fenómeno que demonstra os evidentes desajustamentos, a falta de planeamento, o acaso que caracteriza problemas tão importantes, aqui e em toda a parte, como a fixação das populações, o aproveitamento mais eficaz e humano da mão-de-obra e da capacidade do homem. Aliás, o presidente do Município salientou, quando nos recebeu, o desejo de dotar a cintura de Almada com um parque industrial capaz de oferecer os empregos necessários á comunidade. Tendo em vista, sobretudo, a fortíssima explosão da população escolar que se verifica no concelho.

Tal «ocupação» permanente da vila justifica, assim, o intenso pequeno comércio local, o único que se actualiza na prevenção do futuro. É, aliás, característica a actividade do nosso pequeno e médio comerciante, sempre «em cima» das necessidades. Não é por aí que os problemas surgem. É, sim, quando a margem de risco é maior, a exigir mais coragem e mais sentido do serviço social a cumprir.

ESPÍRITO COMUNITÁRIO A PRESERVAR

Urbanisticamente, portanto, a nova Almada é um fracasso. Os erros acumularam-se numa década decisiva, de maneira irremediável. A ânsia do lucro nada respeitou, nem ninguém. Resta refrear os abusos, remediar o que for possível, fazer correctamente no futuro. E completar o quadro humano da vila com as infra-estruturas que lhe garantam a continuidade progressiva que é a sua estrela.

Há condições inegáveis, existe um espírito comunitário que não deve perder-se. O resto virá da honestidade espírito progressista com que se olhar para o futuro desta terra de gente trabalhadora. Do valor que se atribuir ao capital supremo que cada família recém-fixada ali deposita: os seus filhos, e o seu futuro.

ARMANDO PEREIRA DA SILVA

Uma sugestão

Cont. da pág. ant.

des locais — a Incrível e a Academia — criou um clima reaccionário que se tem revelado, afinal, nocivo para o associativismo almadense. A manutenção das bandas, por exemplo, é incompreensível, económica e socialmente. Era necessário que as Sociedades evoluíssem, se actualizassem. A sua sobrevivência, hoje, deve-se aos réditos que percebem da exploração das respectivas salas de cinema, que têm explorado em regime de quase monopólio. Não estou contra o proteccionismo que lhes tem dedicado o Município, mas acho que ambas as colectividades se poderiam ter associado, de modo a criar uma empresa autónoma que edificasse, por exemplo, um grande cinema, o qual, em regime de contrato com empresas lisboetas, poderia funcionar como sala de estreia. E desse modo libertavam as suas actuais instalações para outras iniciativas de interesse cultural, recreativo, associativo. Tal como as coisas se encontram, verifica-se que Almada não possui uma sala de espectáculos capaz e de acordo com a importância da urbe, com o número de habitantes que possui. Assim, como fixá-los aqui? Como interessá-los pelo local onde vivem? Este é um aspecto — ao lado das escolas, dos jardins, da própria actividade comercial. E é pena, porque Almada é uma terra jovem e de jovens, que desde há muito deveria ter olhado para o futuro. E não olhou.

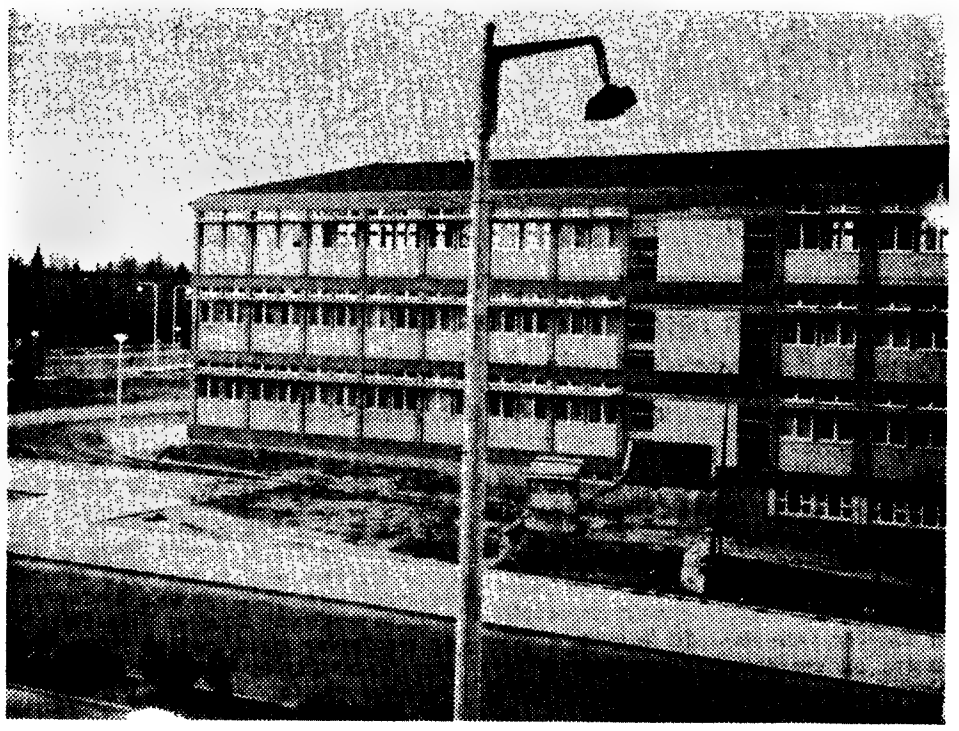
Um instituto de Física-Matemática exterior à Universidade?

Prof. J. Tiago de Oliveira

Questões formuladas

1 — Qual o programa e quando inicia as suas actividades o Instituto de Física-Matemática do Instituto de Alta Cultura?

2 — Parece-lhe oportuna a criação deste Instituto exteriormente à Universidade?



Fachada do novo edifício do Instituto de Física-Matemática

PROF. J. TIAGO DE OLIVEIRA

O prof. dr. Tiago de Oliveira tem 41 anos. Frequentou com bolsa de estudo e recebendo vários prémios, devidos às suas altas classificações, o curso de Ciências Matemáticas da Faculdade de Ciências do Porto, o de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras de Lisboa e um curso de Economia de Moeda.

Doutourou-se em 1957, com 18 valores. Em 1964/65 prestou provas para o lugar de professor extraordinário de Matemática Aplicada; ulteriormente foi-lhe concedido o correspondente título de professor agregado.

Trabalhou no Instituto de Biologia Marítima, de 1951 a 1953, em Biometria e Estatística. Em Outubro de 1953 foi contratado assistente de Matemática e em Março de 1965 nomeado professor extraordinário de Matemática Aplicada da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Tem trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

É crítico do «Statiscal Theory and Method Abstracts» e do «Zentralblatt für Mathematik». Membro da «Royal Statiscal Society», do «Institute of Mathematical Statistics», da «London Mathematical Society» e da «Philosophy of Science Association» e editor-associado da revista «Management Science». Participou nas seguintes reuniões científicas:

1) Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, de 1951 (Málaga), de 1956 (Coimbra), de 1958 (Madrid), de 1962 (Porto), onde foi Relator-Adjunto do Colóquio «A Estatística como técnica de investigação nas Ciências experimentais e de observação», e de 1964 (Bilbau) e Congresso da Sociedade de Estudos de Moçambique, de 1960 (Lourenço Marques);

2) Congresso Internacional dos Matemáticos, de 1958 (Edimburgo), Conferência Estatística, de 1958 (St. Andrews), Congresso Matemático Húngaro, de 1960 (Budapeste), Sessão do Instituto Internacional de Estatística, de 1961 (Paris), Conferência Europeia do Instituto de Estatística Matemática (e outros), de 1962 (Dublin), no Simpósio Internacional de Distribuição Discretas, de 1963 (Montreal), na III Reunião dos Matemáticos de Expressão Latina, de 1965 (Namur) e no Seminário N. A. T. O. sobre «Filas de Espera», de 1965 (Lisboa);

3) Colaborou no Seminário N. A. T. O. sobre «Construção de Diques e Administração de Reservatórios», de 1963 (Copenhague) com a comunicação: «A survey of the theory of bivariate extremes», e no Seminário N. A. T. O. sobre «A teoria de valores extremos e aplicações», de 1964 (Copenhague), como membro do grupo directivo, com a comunicação «Bivariate extremes; a survey and extensions», não publicados ainda.

Em 1966 foi convidado a presidir a uma reunião do Congresso Internacional de Matemática, em Moscovo, a que não assistiu por falta de verba.

Eleito membro do Instituto Internacional de Estatística, em 1966, professor catedrático de Estatística-Matemática em 1966/67, dedicando-se à investigação da Estatística de Extremos; co-organizador de uma reunião internacional sobre «Extremos», em Engenharia, realizada em Faro, em 1967; convidado a proferir uma conna Reunião Internacional sobre Segurança Estrutural e Fiabilidade, em Washington, em Abril de 1969; presidiu a uma reunião do simpósio sobre Fiabilidade, em Turim, em rios anos, até 1966, um grupo de Estatística e Aplicações, do I. A. C., direcção retomada em 1969. Recebeu o Prémio Artur Malheiros de Ciências Matemáticas, em 1969, da Academia de Ciências de Lisboa.

UM INSTRUMENTO CONTRA A AUTONOMIA DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Não poderei dar indicações de quais serão as actividades e os projectos do I. F. M. já que, desde o seu anúncio (em princípios de 1966) e antes mesmo do esboço da sua legalização (Dez. de 1966) me encontro em desacordo forte com a sua instituição. As ideias que desde os princípios da década de 60 venho defendendo sintetisei-as, recentemente, em artigo da «Seara Nova» (Out. e Nov. 1969). No que diz respeito à constituição, hoje, pelo Estado de centros de investigação fundamental fora da Universidade, dada a larga falta de investigadores e técnicos autênticos, considero-a econòmicamente errónea, cientificamente retrógrada e politicamente reaccionária. É contra-indicada econòmicamente, pois, dada a falta de verbas, leva ou à sua concentração nos institutos recém-criados com defraudamento dos meios de trabalho — quer para o ensino, quer para a pesquisa — da Universidade ou à desnecessária duplicação de despesas; é cientificamente desaconselhável, pois deconstitui a separação entre o ensino e a pesquisa, fazendo dos professores docentes nas horas vagas de empregos bem mais rendosos, empurrando para as actividades extra, justificando a não dedicação plena (no sentido da O. C. D. E.) à Universidade pela falta de meios; é aquilosante, pois coarctados à

Cont. na pág. 8

o sentido da vida

A mulher no mundo

Maria Lamas responde a um fogo cruzado de perguntas formuladas por Antónia de Sousa, José Fernandes Fafe e Manuel de Azevedo

Maria Lamas, logo que chegou do seu voluntário exílio de Paris — onde viveu oito anos — prometeu uma entrevista formal para o «Diário de Lisboa». Escritora e jornalista interessada pelos problemas da mulher e pela promoção da mulher («ao lado do homem e não contra ou em concorrência com o homem»), Maria Lamas é, pela sua obra e pela sua vida, um exemplo e um símbolo.

Aqui está a entrevista que nos concedeu — palavras espontâneas e sinceras de resposta a um fogo cruzado de perguntas, palavras que traduzem o sentido profundo de uma vida. Palavras de particular significado e ressonância que são confissões e confidências, feitas de alma aberta.

JOSÉ FERNANDES FAFE — As obrigações que tenho para com o «Diário de Lisboa» não me impunham vir aqui colaborar nesta entrevista. Eu quis vir, porém, para repetir uma coisa que o Jorge de Sena disse, com a qual estou inteiramente de acordo e gostaria de tornar pública. O Jorge de Sena afirmou há dias que a Maria Lamas era uma das mais belas almas que tinha conhecido. Eu quero fazer minhas as palavras de Jorge de Sena e essa é a principal razão pela qual estou aqui presente. Tenho muito gosto em participar nesta entrevista e fazer-lhe algumas perguntas. Podemos então depois disto começar.

A Maria Lamas se quisesse, podia fazer um extraordinário livro de memórias. Não sei se alguma vez pensou nisso, se está nos seus projectos, se não está. Eu é que pensei. Eu lembro-me de que uma escritora que com certeza lhe é cara acabou o seu livro de memórias com uma frase que fez correr muita tinta e que é esta: «Je mesure avec stupeur à quel port j'ai eté floué» É assim que acaba Simone de Beauvoir. Num livro de memórias, terminaria com uma frase semelhante a esta: «J'ai eté floué?»

MARIA LAMAS — Não. Não podia ter sido enganada porque eu nunca supus saber o que é a vida. Ainda a continuo a descobrir... Admitindo que Simone de Beauvoir se referisse a ilusões de juventude...

J. F. F. — De facto refere.

MARIA LAMAS — ... devo dizer-lhe que foram muitas as desilusões que sofri... mas não posso concluir que a vida me enganou. Pròpriamente memórias nunca pensei escrever. Tenho vivido a vida, digamos, como espectadora de mim própria, procurando até onde possível julgar-me, embora nós nunca sejamos bons juizes de nós próprios. Realmente pensei que o melhor momento que algum escritor pode deixar no mundo é justamente o testemunho da sua experiência quando ela é vivida sinceramente, porque essa experiência não poderia ser vivida por mais ninguém. Eu tenho um livro elaborado há muito tempo e até uma primeira parte já foi publicada há quase 20 anos, muito antes da Simone de Beauvoir ter publicado as suas autobiografias. Esse meu livro é constituído por três volumes, e tem por título geral «Confissões de Silvia». De um magazine pediram-me uma vez um resumo. Eu não dei um resumo, como a obra é escrita género confissão, tirei trechos dessa confissão para a história ter princípio, meio e fim. O primeiro romance desse ciclo chama-se «O Despertar», o segundo é «O Caminho», o terceiro é «A Luta». Mas esse livro não é a minha vida. É a vida de uma mulher que acompanhou este século, quer dizer, uma mulher vinda do princípio do século e que evoluiu com o tempo, com as circunstâncias e que chega a meados do século uma mulher muito diferente do que era quando nasceu, ou seja, uma mulher muito diferente do tipo de mulheres da época em que ela nasceu. A primeira parte, «O Despertar» de que forneci o resumo foi publicado com data, que é uma prova de que foi escrito muito antes dos de Simone Beauvoir. O segundo é «O Caminho». É o apogeu da vida dessa mulher. «A Luta» é a parte da vida dessa mulher quando adquire consciência. Esse livro, evidentemente, não é a minha vida. Não se pode, portanto, chamar de memórias, embora contenha muitas das minhas experiências.

J. F. F. — Aproveitamento de experiências...

MARIA LAMAS — Uma autobiografia é outra coisa; aquilo não está cingido pròpriamente ao desenvolvimento da minha vida, nem na ordem cronológica, a não ser nas coisas próprias da idade, não é? Eu faço a evocação da infância, da adolescência e do casamento, para mim o primeiro casamento e que foi ao mesmo tempo o primeiro a desfazer as ilusões dessa mulher. Vou dizer-lhe mais ainda: quis deixar passar o tempo para poder reler o que escrevi, com espírito crítico, porque há acontecimentos, evidentemente, que eu, que nós não vivemos. Mas aquele momento flagrante da acção ou do sentimento que se desenrola na nossa vida, tem de ser colhido, porque senão depois amortece. Mas para ver bem qualquer acontecimento fundamental da nossa vida, é preciso uma certa prespectiva para se poder enquadrá-lo no passado e no futuro e tirar uma conclusão das consequências que teve, o que é que representou mesmo na vida. Mas eu tenho esses livros e penso publicá-los

E tenho outro livro que é feito de impressões pessoais, colhidas nestes oito anos de Paris. Tem um título talvez provisório, mas pode até ser definitivo: «Tempo de exílio». Aí refiro-me a factos passados comigo, a nomes de pessoas, sobretudo quando não se trata de assuntos íntimos, mas de situações, incidentes, decisões, perplexidades. Cheguei a uma conclusão: é que não foi só tempo de exílio. Não são oito anos, dizia eu. Acho que a humanidade, uma grande parte da humanidade, duma forma geral toda a humanidade vive em tempo de exílio. Mas em todo o caso, para cada caso sentidos diferentes Cada um vive exilado daquela vida que sonhou, uns sem consciência disso, outros porque o tempo era exílio mesmo. Mas voltando a Simone de Beauvoir, à parte talento — e não estou a dizer por meras palavras — uma grande parte da sua vida, da sua personalidade tem sido a minha. Completamente não, há uma coisa por exemplo: a Simone de Beauvoir, quanto a mim, renunciou deliberadamente, por inteligência, não sei bem, a uma das funções, a um sentimento, a uma situação que é fundamental nas mulheres — a maternidade. Isso deixa incompleto, de qualquer maneira, esse exemplo dela, não é?

J. F. F. — Aliás, Simone de Beauvoir reconhece um valor positivo à maternidade, ainda que ela não seja mãe... Lembro-me que ela afirma isso peremptòriamente numa entrevista dada a Francis Jeanson, que este publica no livro «Simone de Beauvoir ou l'intreprise de vivre».

MARIA LAMAS — Eu não me lembro de ter lido esse livro. Instintivamente, dizia muitas vezes: «Esta mulher põe tudo em fogo, mas defende-se, mas defende-se... porque ela considera isso uma perda de liberdade». E, no entanto, estou convencida de que ela deve ter tido muitas outras ocasiões em que não foi inteiramente livre.

J. F. F. — Eu suponho que há aí um problema de filosofia sartriana, que é a responsabilidade de pôr uma criança no mundo.

MARIA LAMAS — É a maior responsabilidade humana... é procriar... é a maior dignidade da mulher. Ela é, na espécie humana, o ser sacrificado à maternidade. É essa uma das razões que me leva a interessar tão extraordinàriamente pela mulher. Não é tanto, como pode parecer, só uma diferença de situação. É que há uma injustiça permanente que pesa na vida da mulher. Quando um ser é concebido, é concebido por um homem e uma mulher; para o homem tratou-se de um acto de amor; para a mulher também. O homem continua a sua vida, a mulher, desde que concebe, passa a ser sacrificada a esse milagre maravilhoso da procriação. Mas essa dignidade constitui para a mulher um sacrifício muito grande, muitas inibições, muitos sofrimentos, deformações, responsabilidades Quer dizer, aí está uma coisa em que a mulher é bem diferente do homem. Porque há diferenças — eu acho que há — e por isso a mulher, tal como o homem, tem direito a realizar-se como ser humano. Mas além de todos os direitos que todas as pessoas têm, homens ou mulheres, a mulher tem o direito a uma protecção especial, não só pela lei, mas também a um respeito especial do homem. Claro, isto é da natureza, é mesmo assim, não se dá por isso. Mas a mulher fisiològicamente fica sujeita a sofrimentos, a inibições que a inferiorizam no sentido de não poder dispor de si. Não é inferiorizada moralmente, mas é colocada em situações de não poder dispor da sua pessoa.

MANUEL DE AZEVEDO — Fale-nos, agora, um pouco de si, da sua vida, da sua passagem pelo mundo..

MARIA LAMAS — Nasci no século passado, em 1893. Fui educada num convento, vivi num meio burguês, venho dum meio burguês... Encontrei-me no meio do mundo com a impressão de ser uma ovelha educada no meio dos lobos, uma ovelha atirada para uma alcateia de lobos .. tudo era pecado. Foi assim que entrei na vida

M. DE A. — Parece-me que poderíamos agora desviar um pouco o rumo da conversa e falar de uma sua experiência concreta e recente, que me parece importante. Como viveu oito anos em França e regressou agora a Portugal, gostaria de saber alguma coisa do que pensam os portugueses, emigrados e exilados. Diz-se que eles morrem de saudades. Insiste-se muito em saudade. Poderia falar-nos desse drama, dessa angústia? Que aspectos pode tomar essa ânsia do emigrante regressar? De que género é essa dor? Porque será que essas pessoas sentem essa angústia terrível, quando muitas vezes, depois do regresso, passados apenas alguns dias, já querem voltar outra vez?

MARIA LAMAS — Bom, isso sucede só com os emigrantes portugueses; é possível que os portugueses sintam mais fortemente essa sensação de angústia, da separação da terra, da ausência..., mas o exilado é por condição própria um nostálgico da sua terra. Quanto aos portugueses, as reacções também variam um pouco de pessoa para pessoa, de indivíduo para indivíduo. Há várias classes de emigrantes em França: há os emigrados chamados económicos e que vão para ganhar a vida. Esses também têm saudades. E esses podem vir a Portugal. Gostam de vir cá passar o Natal. As saudades deles estão muito presas a tradições. Vêm passar a Consoada com a família. Alguns vêm mostrar que compraram um carro... Os que vêm e voltam frequentemente é para ver os seus. Todos eles sofrem duma maneira especial o desconhecimento da língua, a falta de comunicação. Esses emigrantes económicos são quase todos pessoas sem instrução... Não são todos analfabetos, mas têm quase todos uma cultura muito rudimentar. Eu penso que isso influi imenso para criar no espírito deles uma sensação de isolamento: é porque eles não conhecem a língua que, por vezes, há grandes dramas. Posso recordar, por exemplo, um drama que se conta em meia dúzia de palavras e que eu li no jornal local. Li e soube que foi verdade. Depois averiguei A história foi publicada num dos jornais que se editam em português. Na verdade, publicam-se em França alguns jornaizinhos para os portugueses, cada um da sua proveniência, de diversas organizações. Cada organização publica o seu. O jornal «O Emigrante», «O Emigrado» e outros assim.

Num deles vi esta notícias lacónica, toda ela um romance, um drama tremendo. Um camponês do Norte, que tinha um irmão a trabalhar em França, decidiu ir também ter com ele; o irmão deu-lhe a morada, prometeu-lhe arranjar emprego. Ele deixou a mulher e três filhos e foi. Não tinha muito dinheiro. Acho que foi «a salto» e com muitas dificuldades. Mas chegou; simplesmente, levou muito tempo a chegar a Paris O homem não sabia uma palavra de francês e a única coisa que tinha a guiá-lo era um papel já muito amachucado com o nome do irmão e uma morada, nos arredores de Paris. Ele conseguiu chegar, mas já ia muito desorientado, cansado, quase apatetado. Parecia-lhe ter atravessado o mundo todo para lá chegar. Alguém que o viu muito aflito, aconselhou-o a ir à Polícia. Levou-o à prefeitura Ele foi e mostrou aquele papel. Ele só queria saber onde morava o irmão. Na Polícia receberam-no muito bem. Viram um homem extenuado e com um ar espavorido Deram-lhe café e disseram-lhe que era já tarde, que ficasse ali naquela noite. No outro dia pela manhã sairia para procurar o irmão. O homem ficou, enquanto um guarda qualquer, depois de copiar a morada, foi dar uma volta por ali. Quando voltou disse que ninguém conhecia aquela pessoa ali. O homem quis sair dali. Não estava preso, mas ao ver-se na Polícia deve-o ter chocado. Saiu e foi pela rua fora. Viu um prédio em construção, subiu pelos andaimes e quando chegou ao quinto andar deu um berro Deu um grito, disse o nome dos filhos, disse «Deus me perdoe» e atirou-se cá para baixo.

O irmão morava ao lado. Foi cair junto da casa dele... O irmão morava numa daquelas casas que eles constroem para os trabalhadores viverem junto do próprio local de trabalho. Quer dizer, a Polícia tinha tratado superficialmente do caso, tinha perguntado a meia dúzia de pessoas e não tinha indagado convenientemente. Isso fez-me uma grande impressão. Por outro lado, eu procurei sempre informar-me, tanto quanto possível do que é que se fazia pelos portugueses e naquilo que podia ajudar ajudava.

Soube que há uma organização francesa católica de umas senhoras que têm por missão visitar os estrangeiros que estão nos hospitais, que estão privados de visitas de familiares. Fui falar com elas, porque eu ouvia contar que havia muitos portugueses

MARIA LAMAS: «Embora tenha sofrido muito amo a vida e tenho pena de morrer»

nos hospitais, que havia muitos tuberculosos, mas, sobretudo, o que estava a tomar proporções espantosas era o número de portugueses que eram entregues nos hospitais de psiquiatria, por debilidade mental, ou por suspeita de serem atrasados mentais. Elas explicaram-me que os médicos os examinavam e concluiam tratar-se de homens subalimentados, com traumatismos psicológicos causados pela mudança de ambiente Essa mudança é extraordinária para uma pessoa que vai de uma aldeia portuguesa para Paris. Isolado pela diferença dos costumes e da língua, não têm com quem comunicar. Estes homens eram mandados embora, porque não eram loucos. Ou eram postos na fronteira e se vinham embora, ou eram atirados novamente para a vida.

Este problema, que não tem sido muito debatido, fez-me uma impressão enorme Depois averiguei e percebi que há, realmente, casos em que o português dá aos outros o ar de um ser sub-humano. Há outros, os mais audaciosos, alguns até com muita graça, que se põem a falar francês, criando uma espécie de dialecto curiosissimo. Eu creio que até estão a ser preparadas teses sobre a influência dessa mistura em que eles adaptam muitas palavras francesas ao português, pronunciando-as à portuguesa e até trocando o *B* pelo *V*. Por exemplo, eles não dizem «vacance», eles dizem «bacanças».

De uma forma geral, os portugueses têm todos saudades da terra em que nasceram, mesmo os que estão bem instalados. A noção de isolamento faz com que muitos mandem ir as famílias, mas elas formam um grupo fechado. Continuam a viver como viviam e não mostram grande interesse em se valorizarem a si próprios. Pretendem vestir-se melhor, compram um carro ou uma motocicleta, um rádio ou uma televisão, mas não se mostram muito interessados em se valorizar a si próprios. Isto de uma forma geral, porque a escala é muito grande.

M. DE A. — Entende que acima de tudo o drama do português exilado é um drama de solidão?

MARIA LAMAS — É o drama da solidão. De resto é o drama hoje de toda a gente...

J. F. F. — Nós sabemos que foi muito importante a sua acção junto dos emigrados portugueses Gostaríamos que falasse da sua experiência junto dos emigrados portugueses

MARIA LAMAS — Bom, aí há um certo exagero... Fui procurada por bastantes emigrantes económicos, que levavam a minha morada, porque outros lha tinham dado. Eles julgavam que chegavam ao pé de mim e que eu lhes poderia resolver todos os problemas. Lembro-me de ter recebido em casa um rapaz que tinha sido empregado da Carris e que emigrou clandestinamente para França. Coitado, também levava só uma morada. Ele e os companheiros foram ludibriados pelo homem que os transportava, o condutor do camião. A certa altura às portas de Paris, disse que tinham de descer ali. Perderam-se uns dos outros. Enfim, ele chegou com os sapatos rotos e com os pés inchados. Chegou a Paris a um café falou com portugueses e disseram-lhe: «Olhe, você vá procurar a Maria Lamas», e acompanharam-no ao hotel Dei-lhe um cálice de vinho do Porto, procurei suavizar-lhe os pés, fiz o que podia. E ele, no outro dia, tinha já uma autorização da Polícia. Depois, voltou muito contente para me dizer que já estava encarreirado. Isto aconteceu. Mas isso que eu fazia qualquer outra pessoa o podia ter feito.

Quem me procurava muito eram os jovens. Esses é que me procuravam muito, porque ouviam falar mais de mim. E esses faziam-me muita pena porque estavam ainda mais desprovidos de apoio do que os amigrantes económicos. O movimento de entrada destes foi tão grande que levou o Governo francês a instalar uma repartição, uma espécie de sucursal da prefeitura da Polícia exclusivamente destinada aos portugueses. Aos que ali chegam facilitam-lhes tudo. Eles chegam e dizem: «Vim clandestinamente, não tenho papéis, quero trabalhar». Dão-lhes imediatamente uma autorização policial válida por quatro meses, para procurarem trabalho. Têm que arranjar um contrato de trabalho. Mas muitos estudantes não arranjam trabalho fàcilmente. Eu podia citar nomes de filhos de pessoas muito conhecidas aqui, a lavar pratos, a servir à mesa nos restaurantes, a fazer limpezas, quase sempre explorados, pois precisam de contrato de trabalho... Quase todos vão com a ideia de continuar o seu curso e de trabalhar. E a realidade mostra-lhes da maneira mais implacável que é absolutamente impossível. Há alguns que têm mais sorte. Eu conheço casos em que conseguiram o lugar de guarda da noite nos hotéis É muito duro, evidentemente, tudo isto junto torna muito amargo o exílio em Paris.

J. F. F. — Como a Maria Lamas falou de solidão, nós podíamos falar agora do remédio à solidão, que é a participação. Eu lembro-me que o quarto da Maria Lamas era na Rue Cujas. Viu-se portanto no meio do Quartier Latin, em Maio de 1968. Quer-nos dar algumas impressões desse acontecimento?

MARIA LAMAS — O meu quarto para mim era a minha solidão, mas a rua também era a solidão. Toda a minha família estava cá, as minhas raízes, os netos, os bisnetos... Enfim, isto é uma questão sentimental. E no entanto eu tinha coragem para estar lá. Se não tivesse sido um caso de saúde, duma necessidade urgente, dum tratamento que eu tinha que fazer, eu não teria vindo ainda A verdade é que me habituei. E eu dali via passar o mundo. O meu quarto tem uma janela para uma encruzilhada em que uma das esquinas é mesmo da Sorborna. Levantava-me de manhã e via, desde os pequenitos que iam para a escola Maternal, mesmo ao lado do hotel, até ao movimento de todos os estudantes, ao movimento estudantil que é o Quartier Latin. Basta sair à rua é um murmúrio de juventude. Eu saía muitas vezes porque me sentia realmente entre quatro paredes... Sobre esse assunto eu poderia dizer-lhe coisas extraordinárias, porque eu penso que fui das pessoas que mais até ao fundo acompanhou a contestação de Maio. Tive que atravessar barricadas para regressar ao hotel mais do que uma vez, de noite, porque as barricadas surgiam de um momento para o outro quando menos se esperava, quase sempre ao anoitecer. Uma vez, quando estava em casa de uns amigos portugueses a telefonia começou a dizer: «Estão-se a levantar barricadas. A noite vai ser de combate», etc. Eram perto de 11 horas. Os meus amigos trouxeram-me, não quiseram deixar-me vir sòzinha. Queriam acompanhar-me até ao hotel; mas não foi possível, porque já havia barricadas de estudantes e barreiras de polícias, de maneira que a certa altura não os deixaram passar. A mim deixaram. Mas foi um percurso muito grande, uma noite extraordinária. Eu vi fazer barricadas, vi destruir barricadas. Eu ia muitas vezes à Sorbonne, porque a Sorbonne esteve ocupada muito tempo. Eu achava graça. À noite havia muita gente, aquilo nunca parava, quer dizer, as sessões eram permanentes. Havia também um «clochard» velhote que entrava todas as noites com as suas garrafas de vinho e o seu saco e ia lá para um canto, para um banco, no «hall», onde dormia sossegadamente, porque ele já tinha escolhido aquele poiso. Também tinham lá uma creche, uma creche modelo. Eram as alunas, as estudantes de farmácia que se encarregavam dessa creche, porque muitos dos estudantes, os rapazes e as raparigas que estavam interessados em estar presentes, não tinham onde deixar os filhos. E as crianças tinham uma creche lá Foi a última coisa a ser evacuada. Muito eu poderia contar, mas isso é muito longo. .

J. F. F. — Quais as suas impressões de Lisboa, após tantos anos de ausência?

MARIA LAMAS — Eu ainda não vi bem Lisboa. Tenho atravessado Lisboa de automóvel, quase sempre à noite. A parte que eu vi da Baixa pareceu-me a mesma. Encontro Lisboa muito aumentada. Vivo mesmo numa rua que não conhecia. Nem conhecia esta casa dos meus filhos, uma casa que eles têm aqui por causa dos pequenos, que estão a estudar. De maneira que tudo isto para mim é uma sensação de estar em trânsito, de estar em viagem

J. F. F. — E a nossa sociedade também está em trânsito?...

MARIA LAMAS — Bem, eu não tive ainda contactos... Tenho visto muitos amigos, mas ainda não tive conversas com pessoas bem informadas Não encontro uma grande diferença à vista. Vejo muito movimento, muitos carros, muita gente, cada um a tratar da sua vida, mas pròpriamente uma mudança, não sei. Não tenho uma ideia ainda formada, sabe, não tenho uma ideia formada. Tenho que fazer uma readaptação. Eu própria sentia muitas saudades, pois amo muito a minha terra, gosto muito de Portugal. O meu gostar não é aquele gostar sentimental, dizer que é a minha terra. Não, é que a minha vida teve aqui os seus princípios. Para me lembrar do passado, da minha infância e de mim, do meu acordar para a vida tenho de lembrar Portugal. Estou muito ligada a Portugal. Mas, por exemplo, isto de sair à rua, ir às tabacarias, ler os jornais, saber discutir todos os assuntos, conversar sobre qualquer coisa, estar a par do que se passa, ter uma livre troca de impressões, de pensamentos, eu isso ainda não me adaptei, ainda sofro...

ANTÓNIA DE SOUSA — Eu gostaria que recordasse agora alguns momentos ou alguns factos mais importantes da sua vida de mulher.

MARIA LAMAS — Sabe, a minha vida de mulher começou muito cedo. Casei com 17 anos e fui imediatamente para África. A minha filha mais velha nasceu em África, num quarto de hotel, e eu estava sòzinha. O meu marido estava com um ataque de paludismo num quarto ao lado. Apesar disso, a maternidade para mim foi um deslumbramento muito grande. Eu não me importava se estava em África ou em qualquer outro lado. Queria era a pequena. Tinha medo de dormir... Lembro-me do pavor que eu tinha de adormecer. Eu era muito novita também e tinha medo da criança precisar da qualquer coisa, de lhe suceder qualquer coisa, pois não tinha ninguém.. Mas depois fui para o interior, para as margens do Cunene, num forte, onde vivi seis meses sòzinha. Fui a primeira mulher branca a viver nesse lugar Esse meu primeiro contacto com a África marcou-me para sempre. Coisas a que assisti e que não lhe posso contar. Vi morrer e vi matar. Mas também nesse forte se deu um acontecimento que marcou muito na minha vida, na minha mentalidade. Eu tinha então dezoito anos. O meu marido estava com uma biliosa, muito mal. Nós estávamos isolados. Não havia estradas, não havia aviões (nem pensar nisso) e nem havia sítio por onde pudessem transitar automóveis. Poucos automóveis havia então em Angola. A viagem levava quinze dias, às costas dos negros. De maneira que eu estava completamente isolada do mundo. Eu tinha a minha filha pequenina e já estava grávida segunda vez. O meu marido estava com uma biliosa, que eu tratava através de uma espécie de ambulância, uma pequena ambulância com uma lista de remédios numerados, um para a febre, outro para isto, outro para aquilo. E eu, o melhor que podia, dava-lhe as injecções de quinino, etc., e tratava do marido. Ele delirava e esteve muito mal. Até que um dia teve uma prostração muito grande e começou a dormir serenamente. Senti-me completamente exausta e percebi que não aguentava mais. Mas tinha a filha. O que havia de fazer?

O forte estava isolado das aldeias e tinha um acampamento onde viviam os soldados, que eram todos pretos. Havia um só branco, um homem branco que era um degredado. Naquele tempo em que se mandavam os degredados para a África, a fortaleza de S. Miguel era o centro. Mas esse homem, por mau comportamento, por qualquer coisa que fez, foi mandado de castigo para o interior. Esse homem era o único homem branco e eu via andar tudo à roda, sentia-me desfalecer. Olhava para a menina e para o marido prostrado. Resolvi mandar chamar o degredado. Era um homem chamado Clemente, lembro-me muito bem do nome dele. Disse-lhe: «Eu estou muito aflita. Você é o único homem branco que está aqui. Eu necessito absolutamente de dormir, de descansar um pouco e preciso que fique aqui, a tomar conta do senhor tenente e da menina. Se for preciso alguma coisa chame-me. O senhor é capaz de fazer isto?» O homem olhou para mim e disse-me: «Sou. A senhora descanse». E eu deitei-me sobre a cama e depois caí num sono profundo. O homem não arredou pé. Depois, no outro dia, o meu marido estava lavado em suor, estava a começar a melhorar. Eu tive um movimento de gratidão e pensei que aquele homem era um degredado, de quem eu fugiria, que eu evitaria do meu convívio, que ele estava repudiado da sociedade. No entanto, humanamente, ele socorreu-me. Quer dizer, eu aprendi a pensar que, mesmo das pessoas mais criminosas ou que tenham actos mais condenáveis na sua vida, há no fundo uma humanidade que se pode revelar. Ele de vez em quando tinha ficado de noite a ajudar-me, mas eu lembrei-me que não tinha outro recurso. Isso chamou a minha atenção, sob o ponto de vista moral, para o valor das pessoas, para o julgamento que se faz das pessoas. Isto marcou-me muito. Vem daí a minha preocupação de olhar para as pessoas e procurar ver sempre qualquer coisa de aproveitável, de pensar que no fundo de

Cont. na pág. 8

A mulher no mundo

Cont. da pág. 7

todo o mal pode haver qualquer bem, qualquer possibilidade duma acção, dum sentimento bom que não pode germinar ou que foi desviado. Bom... tenho visto coisas muito belas e muito terríveis, mas eu foquei estes dois pontos. Foi a maternidade que me deu uma força extraordinária. Eu era muito criança, mas descobri, por necessidade, que um homem como aquele expulso do próprio depósito dos degredados, poderia afinal ser útil. Foi-o para mim.

A. DE S. — Eu gostaria também de lhe perguntar quando e porquê começou a interessar-se pelos problemas da mulher?

MARIA LAMAS — Comecei a preocupar-me com a vida da mulher à medida que ia despertando eu própria para a vida, como mãe e, por exemplo, devido a esse próprio acontecimento que contei. Eu tinha muitos problemas, tive crises más na minha vida Depois comecei a reparar, comecei a pensar se seria eu só a sofrer, se era eu que era infeliz e as outras eram felizes... Comecei a analisar... — a tal tendência para analisar que eu tive desde pequenina — a reparar que a vida das mulheres estava errada e, através do que me sucedia a mim, comecei a perceber e a ver depois que realmente todas as mulheres passavam pelas mesmas decepções, pelos mesmos sacrifícios. O facto de ter estado muitos anos a dirigir uma revista feminina e de receber milhares e milhares de cartas com confidências, ensinou-me muito do que se passava, sobretudo nas jovens. Porque nenhumas felizes escreviam, só escreviam as infelizes; não escrevia nenhuma rapariga bem instalada na vida e que estivesse a viver à vontade. As que escreviam eram raparigas que queriam emprego, ou que queriam libertar-se pelo trabalho, ou que tinham necessidades. De maneira que as cartas eram um mostruário constante. O correio era uma angústia para mim e isso fez-me desejar muito contactar mais com as mulheres.

Perguntei a mim própria o que é que as próprias mulheres faziam, se melhoravam as suas condições de vida. E comecei a perceber que sofriam, com mais ou menos resignação. Porque quando eu parcorri o País para escrever o meu livro (e não vale a pena falar nisso, porque já tem sido muito falado), uma mulher perguntou-me porque é que eu andava lá a saber da vida delas, o que é que me importava a mim. Eu disse-lhes que não era por mal, que era por bem, como uma irmã. Ela disse-me: «A minha vida é uma vida de escrava» Respondi-lhe que ninguém nasce para ser escravo, as pessoas nascem livres, as condições de vida é que fazem as pessoas escravas. Ela insistiu: «Ó minha senhora! Com a gente não pode ser. Somos mulheres e somos pobres. O que é que nós havemos de fazer?» A resposta dela era «somos mulheres e somos pobres», um sentimento de fatalismo, uma resignação que me impressionaram muito. Por outro lado encontrei nessas mesmas mulheres, com esse mesmo sentimento, fatalismo e resignação, vidas heróicas, verdadeiramente heróicas. Vidas de trabalho, de resistência à diversidade e de resistência física espantosas. Pensei que ao ver e ao tomar consciência disso, tinha uma dívida muito grande a pagar. Porque eu aprendi muito com as mulheres portuguesas. Percorri as aldeias e vi muita coisa, aprendi como elas sofriam e como elas conseguiam alterar, elas próprias, a vida Quantas vezes iam a uma romaria muito enfeitadas e...

A. DE S. — Não acha que teria interesse voltar a fazer hoje o mesmo percurso, para observar a evolução da mulher portuguesa?

MARIA LAMAS — Isso já eu declarei. O meu desejo era tornar a fazer o mesmo percurso, falar novamente com as mulheres portuguesas. Eu não vi sòmente as mulheres do povo; conversei com camponesas, operárias, domésticas, estudantes, mulheres formadas Mas eu queria sobretudo ver a mentalidade da mulher portuguesa. Mas onde eu encontrei as grandes lições foi na mulher do povo.

A. DE S. — Acha que houve uma evolução na mentalidade da mulher portuguesa?

MARIA LAMAS — Acha que sim, acho que está em plena evolução. Quando eu dirigi uma revista feminina fiz uma coisa chamada «O Correio», («O correia da Tia Filomena»). Um correio à margem da vida sentimental e doméstica. Um correia sobre problemas que exigissem um conselho. Hoje, felizmente, há muita gente a aconselhar, há muita gente a dizer, mas eu continuo a pensar que há uma informação, um esclarecimento especial a dar à mulher portuguesa. Mas isso está ligado com as condições económicas e está ligado fundamentalmente com a mentalidade do homem. Não se pode mudar a mentalidade da mulher sem mudar a mentalidade do homem e sem mudarem as condições económicas.

A. DE S. — No seu livro «As mulheres do meu país» fala na repercussão que a emigração tem nas mulheres que ficam cá. Eu gostaria que me falasse das emigradas, das mulheres que emigram com os homens e como vivem as emigradas em Paris?

MARIA LAMAS — A emigração de que eu falava em «As mulheres do meu país» era, sobretudo, a emigração para o Brasil. Havia também uma emigração dentro do País, que eram os trabalhadores rurais que vinham ser operários nas grandes cidades. Mas o que predominava era a emigração para o Brasil. O grande sonho do emigrante era juntar dinheiro para comprar terras, enriquecer e regressar. Mandava muitas vezes ir a família. Quando vinha, instalava-se e era o «brasileiro da terra», o homem rico. Hoje a coisa precipita-se e passa-se duma maneira muito mais imediata. A mulher do emigrante que está cá e que recebe o dinheiro que o marido manda (todos os meses ele manda dinheiro), a grande preocupação da mulher é fazer a permanente, vestir-se melhor, vestir-se como ela vê vestidas aquelas mulheres que ela julga terem uma vida mais feliz do que a dela. Em França é a mesma coisa. Elas são capazes de viver em barracas, para não terem que pagar uma renda mais cara, mas começm logo a vestir-se e a vestir os filhos. Quer dizer, não é bem o conforto que pretendem, porque elas são capazes de viver sem conforto, mas o aspecto. Elas começam imediatamente a vestir-se melhor, a querer vestir como as outras mulheres. A mentalidade não muda muito e há uma coisa que impressiona: convencem-se de que subiram na escala social, porque as tratam por «Madame». Qualquer mulher em França é tratada por «madame». Mas não imagina a importância que isso tem para as portuguesas. Eu acho muita graça, porque quando falava com elas, ou quando conversavam umas com as outras, já diziam a «madame» *fulana*, a «madame» *cicrana*. Eu acho graça, até porque às que vão para lá, em geral, é porque os maridos já estão com trabalho certo que lhes permita uma vida estável. Assim, algumas inevitàvelmente, compreendem que a vida tem outras necessidades e habituam-se a outro nível de vida. Mas a sua mentalidade está muito marcada. Eu penso que haveria a fazer em Portugal um trabalho de instrução das mulheres, Não através de livros e de jornais, que elas não saberiam ler. Seria preciso escrever textos acessíveis, quase como se fosse para uma criança que começa a soletrar. Mas isso acompanhado de outras mudanças, de carácter social, económico.., enfim, uma mudança muito radical

M. DE A. — Agora, para irmos terminando esta conversa que já vai longa, e para não a maçarmos muito...

MARIA LAMAS — Não, não é maçada. O que tenho é a impressão de que disse muita coisa que não se ajusta ao costume, e é por isso que tenho dificuldade em dar entrevistas... Gostaria de conceder uma entrevista de coração aberto. Tenho muitas coisas para dizer. Mas o que hoje acho mais grave no mundo e mais prejudicial é a falta de autenticidade.

M. DE A. — Se não se importa, para acabar, diga-me se pensa que vale a pena viver. Depois da sua experiência, da sua vida, acha que vale a pena viver? Acha que a vida deve ser vivida com alegria e com esperança no futuro?

MARIA LAMAS — Se eu lhe dissesse francamente, por instinto: «eu acho que vale a pena viver», não lhe dizia a verdade, porque tenho tido horas tão duras e conheço vidas tão difíceis que penso não valer a pena viver. Mas acima disso tudo há a minha confiança no futuro, há a certeza de que a vida tem um sentido. O sentido da vida é torná-la melhor. A vida da Terra, a vida dos homens é o que os homens quiserem. Olhe, a vida é feita de constantes... o amor, o desespero, a esperança, o ódio, enfim, tudo quanto existe predomina no mundo. Hoje nós vivemos e somos nós. É em nós, seres humanos, que se criam essas forças constantes, essas correntes. Esses valores constante são as forças da vida que regem o mundo. Nós vivemos sob o signo da angústia, do medo, da incerteza, porque isso é o que está no coração dos homens, é isso que está no coração das pessoas... é a incerteza, é o pavor da guerra, por exemplo. O homem ultrapassou os limites da sua própria consciência, concebe coisas que o transcendem, como a energia nuclear. É um acto de tal maneira audacioso, de tal maneira arriscado, que a consciência do homem não pode estar segura do que é que vai resultar de toda a energia nuclear aplicada à destruição. O grande drama do homem é ser capaz de conceber coisas que o transcendem e não é capaz de construir uma sociedade à sua medida. Nunca, nunca o homem consituiu uma sociedade à sua medida.

M. DE A. — Mas pode ainda fazê-lo...

MARIA LAMAS — Pois pode. Por isso, embora tenha sofrido muito, amo a vida e tenho pena de morrer!

KONI

ALCATIFA
AS
ESTRADAS

JOMA ET-69

o
amortecedor
mais barato
por km.
percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

Um instituto fora da Universidade?

Cont. da pág. 5

Universidade os meios de trabalho, as condições de pesquisa dependerão de benesses outorgadas superiormente, levando à formação de professores submissos. Em suma, a menos que me engane, o I. F. M. é um instrumento contra a autonomia e responsabilidade dos docentes universitários afastando-nos da Universidade aberta que se deseja.

A sua estrutura é confusa: uma divisão de Física Geral e Experimental é difícil de entender; um «serviço» de Cálculo Numérico e Máquinas Matemáticas sugere que a pesquisa, neste sector, foi abandonada; uma divisão de Matemática Aplicada, abarcando desde a Hidromecânica à Estatística, é, há longo tempo, incompreensível.

Finalmente, as atribuições que lhe competem fàcilmente glissam **para poderes ditatoriais no que diz respeito à Matemática e Física no País.**

Deste modo, não poderei vir a colaborar com o I. F. M. enquanto ele não for desdobrado, integrado na Universidade e remodelada integralmente a sua estrutura.

Não se sabe, ainda, quem serão os membros ou colaboradores do I. F. M. Todavia desejo, ainda que estando em discordância, que a ele venham a pertencer estudiosos, sob todos os aspectos, capazes para a pesquisa.

Deixemos de lado estas aventações, a meu ver erróneas, da pesquisa no País e falemos, tão-sòmente, do que se poderia fazer se se não regateassem os meios de trabalho.

Para o sector a que me venho dedicando — e no qual me têm acontecido coisas curiosas, por exemplo em 1966 e 1967 — propus há cerca de meio ano a criação, adentro da Faculdade de Ciências de Lisboa, de um Instituto de Estatística e Automática. Mundo do computador pelo qual, há anos, venho lutando, as suas funções seriam a pesquisa em Estatística, Investigação Operacional, Análise Numérica, Programação, Lógica Aplicada e Automática, apoiado no grupo que, desde há uma dezena de anos, se vem desenvolvendo na Faculdade.

Pendo a crer que ele teria um núcleo de atracção da juventude estudiosa onde se realizaria a pesquisa que a Faculdade pode fazer e se deve ao País.

espelho da imprensa

Fernando Lopes Graça contra as mesas-redondas

Aos que frequentemente se me dirigem a solicitar-me entrevistas, depoimentos, participações em colóquios, mesas-redondas e coisas assim à semelhança agora muito na berra.

De cima a baixo, a confusão das ideias, dos planos e dos valores no capítulo da arte da música é neste país cada vez maior, e eu não creio que valha a pena a qualquer músico responsável tentar desfazê-la, tentar lançar alguma luz neste caos em que todos são mais ou menos logrados

Tudo para tal contribui. A começar pela própria Imprensa periódica, quando, esquecida do seu papel esclarecedor, a vemos albergar numa das páginas um escrito de desmistificação da nossa pseudocultura musical, invalidado, na página seguinte, por um outro escrito onde a mistificação campeia com todas as licenças... E, com a Imprensa periódica, as instituições ou organismos fornecedores ou propiciadores da música, e, com estas instituições ou organismos, certas individualidades que espertamente se aproveitam da confusão, e outras que, fazendo profissão de a combater, lamentàvelmente mais a agravam.

É certo que semelhante confusão, semelhante caos no campo da música se inscreve num vasto processo de desagradação sociocultural, que cumpria analisar no seu todo para tentarmos uma recuperação — se não é tarde de mais — à face de nós próprios e dos outros povos civilizados. Mas essa análise, quem há aí, dentre os nossos pedagogos, os nossos filósofos, os nossos sociólogos, que tenha a coragem de fazer, se é que lhes é permitido fazerem-na?

Chegado aos sessenta e três anos, nenhum desses músicos responsáveis e com alguma experiência ainda que dolorosa ou por isso mesmo dolorosa—, atrás de si, pode alimentar a pretensão ou a ilusão de conseguir alterar este estado de coisas, denunciando-o por palavras que, ainda que esclarecidas ou pertinentes, se acham de antemão condenadas a cair no vazio ou, pior do que isso, a serem mal interpretadas, de uma interpretação cavilosamente *ad hominem*. Redundará o seu gesto numa pura perda de tempo, que poderá ser melhor aproveitado entregando-se ele — na medida das suas capacidades, quando é compositor — à criação, a única actividade no seu sector próprio que define verdadeiramente o grau de cultura, a vitalidade, a presença musical de uma nação, muito embora consciente de que o seu acto criador é quanto há de mais gratuito, de mais abstracto, por não corresponder a qualquer solicitação, a qualquer necessidade profunda da sociedade em que vive — neste caso naturalmente a sociedade portuguesa, dividida entre uma grande maioria à qual se não promove o acesso à cultura, e uma escassa minoria, um pseudo-escol, que finge interessar-se por ela, pela cultura, e que, nos aspectos desta que aqui nos ocupa, nutre pela música portuguesa o mais soberano e o mais «snob» dos desdéns (refiro-me de toda a evidência à música portuguesa como expressão de cultura num determinado ambiente sócio-geográfico, independente de qualquer ideologia ou ideário de campanário ou seita e libertada de conceitos, uns interessados, outros estultos, que desfiguram ou atraiçoam o seu vero perfil,a sua vera essência).

Que tenham paciência os entrevistadores, os solicitadores de depoimentos, os coloquiadores e o mesa-redondistas. Mas

Não vou a festas. E não vou, não vou.

Até quando?

(Fernando Lopes Graça, em «Seara Nova», Fevereiro de 1970).

charlot
BOUTIQUE — HOMENS
AGORA
SENSACIONAIS SALDOS
HOMENS E RAPAZES
Rua da Trindade, 17-LISBOA

polémica

O turismo como factor de desenvolvimento económico-social

A propósito da entrevista com o sr. dr. Sebastião Gonçalves, publicada na «Mesa-Redonda» de Janeiro passado, acerca de problemas do turismo, recebemos do dr. Mário Baptista, de Lisboa, o texto que a seguir transcrevemos. Fazê-mo-lo no espírito de amplo debate que caracteriza este suplemento, em particular dos temas e questões que respeitam e interessam toda a comunidade nacional.

Li, com muito interesse, o depoimento do dr. Sebastião Gonçalves, publicado na «Mesa Redonda», relativo ás implicações económicas e sociais do turismo. Desde que, há já alguns anos, comecei a tomar contacto com as ideias deste economista, dispersas por vários jornais, habituei-me ao desassombro das suas opiniões, á forma directa e simples como define conceitos e á objectividade com que aponta soluções para os problemas que equaciona.

Este novo contacto constitui, no entanto, segundo penso, uma excepção quanto a alguns dos justos predicados atrás referidos. E por entender que poderei talvez contribuir para esclarecer duvidas fundamentais sobre opções de política de desenvolvimento que ficaram em suspenso, solicito me seja dada oportunidade de, por esta via, expor publicamente algumas observações que considero pertinentes.

O turismo, actividade social, assume significado económico que pode traduzir-se, para os países que dele beneficiam, em factor decisivo de desenvolvimento, desde que se possua a noção exacta das suas variadas implicações sectoriais e se providenciem, em acção programada, as medidas tendentes ao estímulo dos efeitos positivos e á minimização dos efeitos negativos, que também existem e são menos claros. Se tal não se verificar — e isso aconteceu e continua a acontecer no nosso País— os resultados esperados poderão ficar muito longe da realidade.

No meu livro «O Turismo na vida nacional», editado em 1965, na sequência de uma série de artigos publicados neste jornal, depois de referir as incidências do turismo na balança de pagamentos, no desenvolvimento regional, na propagação sectorial através do efeito do multiplicador, no alargamento dos mercados consumidores de muitas actividades e no estímulo do sector terciário, acrescentava: «Encarado o problema nestes termos, não restam duvidas quanto á necessidade de, por um lado, fomentar o aumento das correntes de visitantes e do turismo interno e, por outro lado, tomar consciência dos imperativos de actuação indispensáveis ao aproveitamento dos impulsos derivados do turismo. Não bastará, a este respeito, criar ou adaptar meios de alojamento, transporte e diversão se as condições de saneamento continuarem como se apresentam nos meios rurais de interesse turistico e se a Agricultura, a Pecuária, a Pesca e os respectivos circuitos de distribuição não forem adaptados de forma a libertarem-se das limitações de auto-subsistência e mercados restritos para enfrentarem as exigências de quantidade e qualidade de consumidores, cada vez mais numerosos, oriundos de países com níveis de vida em geral superiores aos das várias parcelas do nosso território.»

INFLAÇÃO E CUSTO DE VIDA (1)

Não posso, nem desejo, alongar-me nas citações do que afirmei quanto ás possíveis consequências da passividade dos vários sectores da Administração sobre as repercussões do fenómeno turístico na vida económica do nosso País, nomeadamente quantos aos desequilíbrios entre a procura e a oferta de bens e serviços, ao desenvolvimento de rápidas tensões inflacionistas, e ao inquietante aumento do custo de vida nas zonas de afluência turística, mal preparadas, desde a agricultura ao comércio, para fazer face ás exigências de qualidade e de quantidade de visitantes nacionais e estrangeiros, o que constituiria uma séria preocupação para a vida das populações locais.

E não posso, igualmente, deixar de recordar, por contraste, as palavras que então transcrevi do ministro espanhol da Informação e Turismo, Fraga Iribarne: «O turismo é protagonista destacado no Plano de Desenvolvimento, constituindo seiva essencial que, providencialmente, move nesta etapa transitória toda a máquina da economia espanhola, permitindo investimentos a médio e a longo prazo, renovações de equipamento e importantes obras de infra-estrutura que garantem o futuro da economia deste País.»

Também não posso, naturalmente, desenvolver aqui, com o pormenor necessário, as razões por que discordo do dr. Sebastião Gonçalves quando afirma que considera errada toda a política de turismo, em qualquer país, que coloque esta actividade em ponto dominante da sua estrutura económica. Se bem interpretei, a sua opinião de economista foi bastante afectada pela sua experiência de turista no estrangeiro. O país a que se refere, onde passou uns dias quando se iniciou certa crise internacional, deve ser o Líbano, que citou em 13 de Março de 1969 em artigo publicado no suplemento económico do jornal «A Capital», altura em que aludiu também ao Egipto. Não conheço estes países mas não será difícil admitir que o turismo não teve neles o aproveitamento ade-

Cont. na pág. seguinte

A batalha da educação

Cont da pág. 1

certamente o grupo mais numeroso entre as diversas categorias de trabalhadores intelectuais. Nos países desenvolvidos, um cidadão em cada cem é professor.

E em Portugal? Somos quantos? Quarenta mil, cinquenta mil (1)? E como somos? Em escrito publicado em Abril de 1968 a imagem genérica que tínhamos desta classe profissional era a seguinte: «O professorado é uma classe doente, desenganada, tolhida. Corpo por assim dizer inânime, sem o vigor da saúde, nem a força do desespero, na aparência falecem-lhe as energias para pressionar seja o que for. Curvada e opressa sob o fardo das lides quotidianas, das tensões emocionais a que o ofício a sujeita, hora a hora, — é uma classe profissional que dir-se-ia descurar os seus próprios problemas de classe. Se não orienta os olhos e mobiliza as energias até ao horizonte dos seus interesses profissionais, como pode esperar-se que atenda o mais amplo horizonte dos interesses pátrios em geral, e os do ensino em especial?»

Ora, sucede que aqueles problemas profissionais (bem como a viabilidade da sua adequada solução) e a conformação política da comunidade são questões solidárias. A evidência e a banalidade do asserto dispensam a demonstração. Mas talvez não seja despropositado anotar que o estatuto e a valorização social e moral da carreira docente, se firmam, julgamos, nos três seguintes pilares:

— condição material e jurídica do ofício;

— formação e actualização profissional;

— possibilidade de intervenção no rumo da comunidade, designadamente por uma contribuição activa para a elaboração de uma política nacional de ensino.

PODER ALICIANTE E VINCULATIVO DA CARREIRA

É possível que muitos professores propendam a minimizar o terceiro dos elementos em referência, cuidamos que por irreflectida ou mal acautelada desatenção, pois que da atenção vigilante que ali se ponha vai muito para garantia dos dois primeiros. E se destes depende màximamente o poder vinculativo da carreira, aquele importa bastante à sua capacidade de aliciação da gente moça, a quem de certo desgostam a renúncia corporativa (digamos) e a demissão cívica do magistério docente.

Renúncia corporativa. Mas não há uma organização nacional dos profissionais do Ensino português! Nem de tipo unitário, nem de tipo federativo (como na vizinha Espanha), sublinhávamos naquele já citado escrito, onde se dizia ainda: «Ignoramos se a polarização cívica do magistério em prol da educação escolar do País se tem de garantir por uma participação voluntária e activa em um órgão, ou numa pluralidade de órgãos, que interpretem, representem e promovam os seus interesses e aspirações. Mas o que nos parece transparente é ser tal polarização necessária, se se quer realmente fomentar uma acção educativa social e culturalmente eficaz sob o ângulo dos interesses nacionais. E como estes (incluindo o do desenvolvimento), se confundem com os da Grei, caberia aos professores colaborarem de maneira activa, esclarecida e responsável numa genuína democratização do ensino».

UMA ALTERNATIVA

Ora a criação desse órgão, ou pluralidade de órgãos, não deve mais (na década ora iniciada...) inspirar-se senão na vontade de quem entenda constituí-los por aspiração ou necessidade própria.

Parece oportuno lembrar aqui as palavras relativamente recentes de um membro do Governo, o dr. Silva Pinto: «O regime Corporativo tem de evoluir progressivamente para um corporativismo de associação em que permanentemente se respeite a liberdade de associação e de inscrição, a espontaneidade na constituição, e a autonomia na direcção de organismos». Como parece oportuno evocar também as páginas exemplares em que António Sérgio fixou, há decénios atrás, a distinção entre corporativismo de Estado e corporativismo de associação.

Ora, só os docentes do Ensino Particular estão integrados em uma associação de classe, que não é aliás facultativa; todavia, na Metrópole, em 10 professores, 8 exercem o ofício no Ensino Oficial! A maioria do professorado constitui, portanto, uma classe profissional sem expressão orgânica.

Neste mesmo jornal, em 5 de Agosto do ano passado, José Salvado Sampaio chamava a atenção para o facto de que «os médicos e os engenheiros que exercem funções públicas têm de pertencer às respectivas ordens, onde se versam questões de índole profissional»; e sublinhava que tal facto constituía simultâneamente uma vantagem para os interessados e «um serviço ao próprio Estado». Remetemos o leitor às suas bem articuladas alegações em prol de uma agremiação representativa que, além do mais, titulasse o professorado para uma intervenção institucional na elaboração da política escolar.

O ALHEAMENTO NÃO SERVE

Na cerimónia da transmissão de poderes, em 16 do mês passado, respeitante ao pelouro da educação nacional, afirmou o ministro cessante: «Desde há algum tempo que as questões da educação vêm ocupando lugar cada vez mais saliente na opinião pública portuguesa. Essa tomada de consciência é indispensável para que os problemas sejam realmente resolvidos, e para que a Nação se disponha a fazer os sacrifícios que essa solução exige...» E o novo ministro, na mesma ocasião, reportando-se à urgência da reforma da Universidade, «preocupação primeira» do Ministério, declarou-se disposto a ouvir «todos os seus elementos representativos», «auscultar amplamente os sectores interessados», concluindo deste modo: «Peço a todos, em especial aos professores e aos estudantes, que me ajudem e acompanhem na busca das soluções».

Quer dizer: reconhece-se que as soluções para os problemas da instrução pública, da educação nacional, reclamam, digamos a ambígua palavra, a «participação» de todos, desde a disponibilidade consciente da comunidade global para os sacrifícios exigidos até à intervenção dos grupos mais directamente implicados.

Entre eles, o dos professores. Na batalha da educação, o seu alheamento não serve, nem lhes serve. Vem daí muito do que aflige o professorado: incomodidades pedagógicas, modéstia relativa dos salários, minguado prestígio social. E se a educação é o nome novo do desenvolvimento, não se vê como possam garantir-se uma coisa e outra com a atonia dos que têm por encargo e ofício a formação da juventude e do povo deste País.

(1) — O último volume de **Estatísticas da Educação—1967** regista para a Metrópole 47634 (sectores oficial e particular). Para a conveniente interpretação deste número convém saber que nas estatísticas oficiais os professores são contados tantas vezes quantos os ensinos que ministram; ora, é sabido haver professores que, no mesmo ano escolar, leccionam em diferentes graus e ramos de ensino e em escolas diferentes do mesmo grau e/ou do mesmo ramo. Observe-se, ainda, que para o corrente ano, o número de agentes de ensino deve ser mais elevado, além do mais pelo afluxo ao Ciclo Preparatório do Ensino Secundário

O turismo e o desenvolvimento

Cont. da pág. anterior

quado, pelo menos á luz das observações acima feitas.

Mas não será, para nós, mais razoável olhar para o que está mais perto? Não constituirá a Espanha um exemplo completamente diferente? Será fácil desmentir que, não obstante a contribuição para o aumento do custo de vida (que, de qualquer modo, não deixaria de se manifestar em face da expansão económica registada, qualquer que fosse a sua causa), o turismo foi elemento fundamental para o progresso do país vizinho?

RISCO A PONDERAR

Não duvido que considerar o turismo factor decisivo na estratégia do desenvolvimento constitui risco a ponderar. Por isso tanto me preocupei em chamar a atenção para os condicionalismos em presença, nomeadamente os de natureza económica, procurando convencer o País da necessidade de tomar providências para que esse risco fosse minimizado. Mas não haverá risco em outras actividades, sobre as quais temos fundamentado, por vezes com tanta ênfase, o desenvolvimento da actividade económica nacional? Que dizer da falta de diversificação da nossa exportação, da crise das conservas, da cortiça, dos mármores, dos têxteis?

O que mais me impressionou, nas afirmações do dr. Sebastião Gonçalves, até porque constituiu surpresa em relação áquilo a que nos habituara, foi a falta de objectividade das suas observações. Admitamos, por mera hipótese, que o aspecto social e cultural deve ser o único ou mais importante a ter em conta perante o fenómeno turístico e que, como ele afirma, nos desgostaria ver o turismo como forma final de incrementar o comércio ou a indústria das zonas visitadas ou constituir, em si mesmo, um instrumento para atingir resultados económicos.

Concretamente, face ás realidades presentes e futuras, que importancia tem esta discussão, essencialmente académica, para a necessidade de preparar a agricultura, a indústria, o comércio, os transportes, os meios de alojamento, as manifestações culturais e recreativas, e as populações em geral de uma dada região, para o facto de ser visitada por milhares de turistas nacionais e estrangeiros? Ou será mais fácil, para tranquilidade dos nossos espíritos, fechar as fronteiras externas e internas aos visitantes e fruirmos, calma e sossegadamente, por esse País fora, os nossos hotéis, as nossas piscinas, os nossos Casinos, os nossos centros culturais e recreativos, os nossos teatros e as nossas salas de concerto, dispensando, como bons puritanos, as benesses daqueles que querem vir ao nosso País ou á nossa terra gastar o seu dinheiro?

NECESSIDADE DE PREVER O FUTURO

Gostaria, complementarmente, de referir que L. H. Klaassen, no seu livro «L'Équipement social dans la croissance économique régionale», editado pela O. C. D. E., em 1968, faz amplas considerações sobre a utilização das infra-estruturas sociais, culturais e recreativas de cada região como factor de atracção de actividades económicas, afirmando em especial: «Para que a região seja atractiva, a principal consideração que as autoridades devem atender, quando fornecem equipamento social, é a necessidade de prever o futuro. A concretização de equipamento social e cultural atrai novas actividades e estas criam, por seu turno, uma procura suplementar de equipamento social e cultural. As autoridades devem, pois, ter em conta o crescimento futuro do rendimento da população, e este crescimento pode ser previsto num plano de desenvolvimento no qual sejam igualmente tomadas em consideração as consequências do crescimento previsto na procura de equipamento social.»

Embora o que se transcreve não se refira concretamente ao turismo, não será difícil invocar a analogia. No meu citado livro tinha afirmado: «Em vez de aguardarmos que cada região atinja, normalmente, o nível técnico e económico e as condições de infra-estrutura e de saneamento próprios das sociedades evoluídas, porque não aproveitar tácticamente o turismo para forçar esse objectivo, na certeza de que tal decisão ficará enquadrada num processo de desenvolvimento económico e social equilibrado — extensivo ás regiões em causa e á totalidade do País?»

Reconheçamos que a alusão a desenvolvimento equilibrado não será pacíficamente aceite, mesmo sem introduzirmos na questão o factor turismo, por si só já discutido, como se viu. Recordo, no entanto, que também afirmei constituir o turismo elemento de expansão da actividade terceária, uma vez que a natureza dos bens de conforto, quando não de luxo, faz incidir os gastos turísticos quase totalmente no sector de Comércio e Serviços; assim, enquanto numa expansão ecoómica tradicional o sector terciário se desenvolverá na sequência de um adequado desenvolvimento da agricultura e da indústria, a excitação autónoma dos serviços produz, a médio prazo e de forma mais rápida e equilibrada o mesmo fenómeno de expansão global, em consequência das solicitações que provoca nos dois outros sectores produtivos; estimula assim actividades que vão desde a construção de edifícios á agricultura e aos transportes, passando pela fabricação de máquinas agrícolas e de equipamento para a construção civil, que irão substituindo gradualmente trabalhadores antes desocupados e, depois, cada vez mais escassos.»

O TURISMO COMO FACTOR DE DESENVOLVIMENTO

Do já citado L. H. Klaassen, no seu livro «Methodes de sélection d'industries pour les régions en stagnation», também editado pela O. C. D. E., em 1967, transcreve as seguintes palavras do economista americano Perloff: «Chegámos ao estádio em que a proliferação dos serviços na Florida começa a atrair um número crescente de indústrias manufactureiras secundárias. Trata-se de empresas de transformação de escala muito reduzida, orientadas para o mercado, tais como de construções metálicas e actividades relativamente livres (de localização não condicionada) como a indústria electrónica. À medida que a prosperidade e o efectivo da população forem aumentando, o «deficit» alimentar imporá a exploração de terras agrícolas que, no estádio anterior, não puderam ser consideradas como recurso económico apreciável. Resultará assim uma expansão do sector primário da economia. Nestas condições, a sequência terciário - secundário - primário é, pois, mais lógica que a inversa.»

Por muito diferentes que sejam as condições de Portugal e as da Florida, parece não ser fácil contestar que este testemunho é bem elucidativo da razão que me assiste em concordar que deve ser atribuído ao turismo papel importante na estratégia do desenvolvimento económico e social, particularmente no nosso País.

Claro que a situação será completamente diferente se, como antevi em 1965, em relação a uma dada região, «os acontecimentos tiverem origem no exterior, os profissionais dos hotéis e dos serviços de utilidade turística forem sistemáticamente recrutados fora da região, os materiais, os móveis e os utensílios para os hotéis forem adquiridos noutra zona, os capitais e os lucros a distribuir estiverem radicados no exterior, etc.»

SOLUÇÃO MAIS AMBICIOSA

A importancia do turismo como factor de grande relevo no desenvolvimento do País levou-me a insistir na importancia das tarefas dos vários Ministérios na planificação e concretização de medidas directa ou indirectamente relacionadas com o desenvolvimento do turismo, tarefa que seria, lógicamente, facilitada com a criação do Ministério do Turismo e a concessão de atribuições adequadas á dinamização dos recursos e das iniciativas necessários ao intenso esforço nacional que se impunha.

Hoje, que este último desejo se encontra, formalmente, quase satisfeito, sinto que a premência dos problemas nacionais exige solução mais ambiciosa. A hipótese da criação do Ministério da Coordenação Económica e as preocupações por questões ligadas ao planeamento do desenvolvimento económico e á educação, que noutro local tenho vindo a expor publicamente, levam-me a imaginar como seria vantajosa e útil a existência do Ministério do Planeamento e da Coordenação Económica, com titular ao nível de Ministro de Estado, que enquadrasse as secretarias de Estado do Planeamento, da Educação, do Turismo, da Economia e das Finanças.

Será este voto suficiente para, em conclusão, justificar os argumentos com que procurei contestar as afirmações do economista dr. Sebastião Gonçalves?

MÁRIO BAPTISTA

(1) Os subtítulos são da Redacção.

inquerito

O livro como mercadoria

Continuamos hoje o inquérito sobre o livro como mercadoria. A discussão do problema, para lá da importância que sempre lhe reconhecemos, acabou por revelar uma série de pistas inexploradas no que diz respeito a concepções socioculturais de pessoas diversas que, afinal, todas fazem parte do mesmo circuito económico, comercial, industrial e cultural.

Impõe-se, portanto, uma certa generalização do debate: mais escritores, mais editores, mais pessoas ligadas ao livro. «Mesa-Redonda» continua a perguntar: «O livro é ou não uma mercadoria? É desejável que o seja? É inevitável que o seja?

RESPOSTA DE JOSÉ GOMES FERREIRA

1.º — O livro é ou não uma mercadoria?

Para o editor, para o livreiro para o economista para o poltiico, para o publico que o compra, etc., o livro é predominantemente uma mercadoria.

Já para o escritor, quando o sonha, imagina engendra e escreve, não *parece* sê-lo. (Ilusão sem duvida util, como explicarei mais adiante).

Mas desde o momento em que o escritor recebe a pecunia dos direitos e entrega o livro á publicidade do mercado, seria ingénuo, para não dizer ridiculo, que o autor não o considerasse mercadoria e objecto de comércio (para alguns até bastante lucrativo).

2.º — É desejável que o seja?

Não é desejável nem indesejável.

Embora em meu entender (cá está a explicação prometida) me parece conveniente que o escritor quando crie se convença de que não está a fabricar apenas uma sórdida mercadoria de compra e venda, mas qualquer coisa de mais complexo onde cabem sobretudo as virtudes espirituais da humanidade que luta, sofre e pensa... Pois são essas virtudes de espirito que tornam os livros mais comerciais.

3.º — É inevitável que o seja?

Sim creio que no mundo de hoje e de amanhã, o livro esteja condenado a ser mercadoria..

Mas espero também que, depois de amanhã, se liberte dos malefícios e defeitos evidentes actuais, adquirindo todos os dons miraculosos de não-mercadoria que nos promete a sonhada civilização socialista do futuro, graças a uma distribuição mais sábia e justa

RESPOSTA DE ROGÉRIO DE FREITAS

Pergunta-se se o livro é ou não uma mercadoria, e julgo que todos sorrimos, entrevistadores e entrevistados. É evidente que o é, e nem sequer parece contestável essa primeira pergunta. Desde o dia em que o livro saiu das mãos do autor — e logo que este contratou com o editor — e impresso surge nas bancas das livrarias para ser vendido, tornou-se indubitàvelmente uma mercadoria. Contudo. Trata-se, julgo eu, de saber em que condições e que situação desfruta nessa qualidade. Aqui é que surge o seu calcanhar de Aquiles.

Para avaliar a sua situação, temos antes de mais nada que admitir esse facto incontroverso: que é a sociedade em que vivemos, a sua organização capitalista e, necessàriamente, a forma de concorrência que lhe é própria. Ora, logo que o livro como veiculo de cultura entra neste infernal circuito, a sua função imediatamente está sujeita à lei que rege qualquer outra mercadoria, e pouco difere, nas mãos dos empresários, do último detergente a lançar no mercado. Assim começa a deturpação do seu valor como obra de arte e como meio de cultura. Aqui principia a trágica vida do livro. Poderíamos pensar que dadas as fantásticas possibilidades de difusão que os empresários-editores têm nas mãos, e não vale a pena enumerá-las tantas elas são, isso viria apenas beneficiar o livro. À primeira vista assim parece. Porém, teremos que julgar esse possível benefício em função dos desígnios que regem todas as sociedades comerciais ou industriais. Elas não foram organizadas — e não podemos culpá-las disso — para elevarem a cultura de um povo, mas como empresas que pretendem a todo o custo elevar aquilo que está na base dos seus desígnios: o maior lucro. Se pensarmos ainda que dia-a-dia, essas mesmas empresas se vão tornando satélites de grandes «trusts» que têm na sua órbita de acção, jornais, revistas, cadeias de Rádio e de TV, o problema torna-se de uma gravidade que assusta, se quisermos atentar friamente nas terriveis consequências que daí podem advir para a cultura. E não se trata de ficção científica. É sobre este ponto essencial que nos devemos debruçar, e é contra ele que teremos de combater, se não queremos assistir de braços cruzados à difusão de uma cultura organizada, e quem sabe se insidiosamente feita contra o homem. E nós sabemos hoje que ela é possivel. Ou não nos bastará atentar apenas nessa força irresistível que é a publicidade?... Com ela na base da difusão do livro — como já acontece, e cada dia o seu impacto é maior — tudo pode acontecer. E já sucede. Os processos extremamente subtis, aliciantes, que ela emprega com uma astuciosa inteligência, conseguem ludibriar os desprevenidos. E esses são a maioria.

Numa sociedade de consumo — e a nossa para lá caminha — o choque publicitário pode, e isso apenas depende das fórmulas adoptadas, tornar uma mercadoria, e neste caso o livro, num êxito, bastando para isso que a obra em questão tenha aquele mínimo de qualidades indispensáveis para uma larga difusão, ou que vá ao encontro de uma necessidade momentânea também ela por vezes fabricada por essa

mesma publicidade, sem que o seu valor como tura intervenha na sua aceitação pelo público. Já vamos assistindo a esse atentado contra a educação e necessidades obra de arte ou de culculturais de um povo. É neste caso que eu diria que o livro como mercadoria não é desejável, mas que é inevitável dentro da sociedade em que vivemos. Apenas nos resta uma réstia de esperança neste mundo tecnocrata que é o nosso, e retomando os argumentos de Grangeio Crespo e Fernando Namora, fomentar até onde for possível a organização de cooperativas de escritores, mesmo com tudo o que a ideia pode ter de romântica, além das pequenas editoras com o seu quê de artesanal que, pelo seu carácter e desígnios, possam ainda defender a verdadeira cultura tão ameaçada hoje.

Características da nova Câmara

OPINIÃO DO DEPUTADO SÁ CARNEIRO

Temos aqui procurado analisar algumas características da nova Assembleia Nacional. Num dos nossos últimos comentários dizíamos: «A Assembleia procura abrir-se com naturalidade, no sentido de mostrar a sua verdadeira expressão.»

Isto escrevíamos nós a 30 de Janeiro. Dias depois, a eleição da comissão de Educação Nacional viria confirmar essa tendência, com o aparecimento, pela segunda vez na história da Assembleia Nacional, de duas listas. E ao noticiarmos o resultado da eleição escrevemos:

«Facto significativo: o dr. Miller Guerra, que figurava em ambas as listas, obteve o total dos votos na lista B (32) e o máximo de cortes na lista A (30 cortes, o mesmo é dizer 51 votos num máximo de 81).»

Significativo, dizíamos, porque tais números nos dão as posições relativas, já divisadas na disputa eleitoral anterior: 25 por cento em cada extremo, 50 por cento no que poderemos considerar o «equilíbrio central».

Entretanto, pedíramos ao deputado pelo Porto, dr. Francisco Sá Carneiro, uma opinião sobre as características da Assembleia. Aquele parlamentar, cuias posições ditas «liberais» são já conhecidas, confiou-nos o seguinte depoimento:

«Estamos aproximadamente a meio da actual sessão legislativa, há já portanto trabalho feito, e acho possível, assim, corresponder ao seu pedido, formulando a minha opinião pessoal sobre a Assembleia Nacional, embora ainda se não tenha procedido à eleição de todas as Comissões e algumas das eleitas não tenham iniciado o seu trabalho.

Creio que as características que até agora mais têm avultado são a seriedade, a vitalidade e a independência da Câmara

Devo dizer-lhe que as não filio apenas na renovação operada na sua composição mas muito, também, à forma como o Presidente tem orientado os trabalhos e aos termos em que o Presidente do Conselho comunicou a designação de um deputado especialmente incumbido de assegurar a ligação entre o Governo e a Câmara.

Sem quebra da autoridade, da disciplina e do prestígio, que são, por isto mesmo, valorizados, a Presidência tem sempre respeitado a iniciativa e a vitalidade da Assembleia, que deste modo se não apresentam coarctadas.

Por outro lado, a carta do sr. Presidente do Conselho de 19-1-1970 deixou claro que se não pretendia oferecer à Câmara uma chefia politica mas ùnicamente facultar à Assembleia e ao próprio Governo uma mais fácil comunicação recíproca.

Pode dizer-se que a iniciativa de que falei não tem tido reflexos no campo legislativo, ou seja na apresentação de projectos de lei, com uma excepção.

De momento não vejo nisso grande defeito, antes sinal de prudência, entendida esta como virtude da acção adequada no momento oportuno.

Para o estudo e apresentação de projectos de lei é, a meu ver, indispensável conhecer com suficiente antecedência qual é, para cada sessão legislativa, o programa do Governo, a fim de se evitarem sobreposições. Isso estava previsto, mas não foi, creio eu, efectivado.

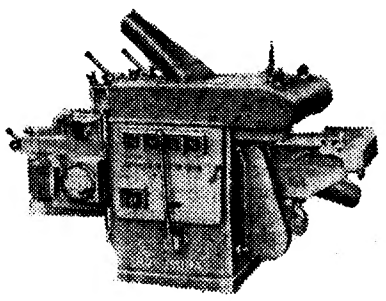
Demais, e como tive já ocasião de dizer, quer quanto à apreciação dos projectos e das propostas de lei, quer quanto à elaboração dos primeiros, terá, na minha opinião, de trabalhar-se cada vez mais em grupo, para o que são indispensáveis os contactos entre os deputados e o conhecimento mútuo, os quais requerem tempo.

Para concluir esta conversa e como resultado do que lhe disse, acho que há condições para que a Assembleia Nacional realize trabalho útil e sério. Tenho sentido que aquele que já se fez foi devidamente apreciado e valorizado, independentemente das posições politicas de cada um, pois todos são sensiveis à correcção de processos e honestidade dos fins, a qual nunca poderá dispensar-se.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1970

FRANCISCO SÁ CARNEIRO»

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

PLAINA DE 4 FACES
Mod. P 4 E

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

A situação dos trabalhadores no mundo

Segundo o «Anuário de Estatísticas do Trabalho», a situação dos trabalhadores nos países em vias de desenvolvimento atrasou-se cada vez mais

A Organização Internacional do Trabalho procurou apresentar uma síntese da situação mundial dos trabalhadores, em 1969, com base no «Anuário de Estatísticas do Trabalho». Para um comunicado não oficial do B. I. T., a situação dos trabalhadores mundiais continuava a seguir duas vias opostas:

1. Nos países industrializados, a ameaça do desemprego, dissipava-se e assistia-se a um acréscimo de prosperidade.

2. Nos países em vias de desenvolvimento, a situação dos trabalhadores atrasava-se cada vez mais relativamente aos países industrializados.

Nas estatísticas reunidas pelo «Bureau International du Travail», com indicações colhidas em alguns casos num número relativamente elevado de países (110 países para os preços de consumo; 25 países para o emprego), verifica-se uma subida de nível de emprego, um recuo do desemprego e um aumento de preços de consumo inferior aos dos salários nominais. A crescente inflação de alguns países e os meios novos de organização dos **trabalhadores criaram conflitos de trabalho (greves, ocupações de fábricas, manifestações sectoriais ou nacionais de operários)**, meios de **protesto contra os programas de austeridade destinados a combater as tendências inflacionistas.** Os dados sobre os países subdesenvolvidos são insuficientes, mas o desemprego e subemprego continuam a coexistir com os acréscimos temporários de mão-de-obra, diminuindo as possibilidades de se criarem empregos produtivos a número suficiente.

SITUAÇÃO GERAL

1. O desemprego baixou em três de cada quatro países de que se dispõem elementos.

2 O desemprego coexiste com a falta de mão-de-obra devido ao desequilíbrio entre as características da oferta de trabalho e o género de empregos oferecidos, desequilíbrio gerado pelas consecutivas transformações estruturais de produção.

3. Os preços de consumo subiram em 1969 mais do que nos últimos anos. Num em cada três países estudados os preços do consumo subiram mais de cinco por cento.

4. Os salários nominais subiram na quase totalidade dos países para os quais existem dados (1). É preciso notar que em alguns países o aumento de **salários semanais** foi inferior ao dos salários horários devido a uma redução do tempo de trabalho.

EMPREGO: SÓ 25 PAÍSES FORNECERAM DADOS

O nível de emprego subiu nos 25 países que forneceram dados ao «Bureau International du Travail».

A oferta de trabalho nas indústrias de transformação subiu em 24 dos 25 países (Itália incluída). Em alguns destes países (Áustria, Canadá, Dinamarca, França, Noruega, Holanda, Suécia e Jugoslávia) o emprego nas indústrias de transformação tinha diminuido em 1967 e 1968. O acréscimo (£, cinco por cento) mais importante surgiu na Irlanda, Israel, Nova Zelândia e Roménia. Sete outros países tiveram acréscimos de nível de emprego entre três a cinco por cento: R. F. A., Áustria, Dinamarca, Japão, Polónia, República da África do Sul e Jugoslávia. O aumento foi superior a um e inferior a três por cento em onze países (Austrália, Bulgária, Canadá, Espanha, França, Noruega, Porto Rico e Suécia).

Nos Estados Unidos e Inglaterra o aumento já inferior a um por cento. Entre os 25 países estudados a Suíça foi o único em que o nível de emprego baixou (0,5 por cento) nas indústrias de transformação.

Nos sectores agrícolas (apenas nove países estudados) surgiu uma elevação do nível geral do emprego ainda que inferior na maioria dos casos a cinco por cento: Apenas a Hungria, Polónia, Nova Zelândia, Finlândia e Estados Unidos tiveram um aumento de três a cinco por cento. Ultrapassaram os cinco por cento a Jugoslávia, Porto Rico e Israel. Na Coreia do Sul e na Itália, o nível de emprego nos sectores não-agrícolas não mudou, pràticamente, de 1968 para 1969. Em relação ao nível geral de emprego (dezassete países estudados), apenas cinco ultrapassaram um acréscimo de três por cento: Jugoslávia, Polónia, Finlândia, Israel e Porto Rico); o aumento não chegou a um por cento para a Áustria, Japão e Suécia e baixou ligeiramente para a Coreia do Sul e Reino Unido.

Na Itália o nível geral de emprego baixou um por cento (274 000 empregos) entre Julho de 1968 e Julho de 1969, ainda que o número de operários assalariados tenha aumentado de 120 000. Este dado resulta da diminuição de 400 mil trabalhadores, independentes ou não remunerados, que deixam de estar registados nas estatísticas da mão-de-obra.

DESEMPREGO: AUMENTO NOS E.U.A. E INGLATERRA

O desemprego aumentou num de cada três países de que o B. I. T. dispunha de dados (trinta países ao todo), entre os quais a Birmânia, Serra Leoa, Índia, Chile, Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. Nestes três últimos países o desemprego evoluiu de maneira semelhante:

a) De Janeiro a Agosto de 1969 o seu nível foi igual ou inferior ao dos mesmos meses do ano passado;

b) A partir de Setembro o nível de desemprego tornou-se superior aos índices mensais correspondentes de 1968.

Na Inglaterra este acréscimo foi traduzido por um aumento de desemprego temporário que triplicou de Outubro de 1968 para Outubro de 1969. Nos Estados Unidos (de Setembro a Outubro), os desempregados aumentaram em 100 000 (uma sondagem, em Maio, fornecia o número considerado baixo de 2 300 000 desempregados), tornando o valor global de desempregados no final de 1969 superior ao de 1968.

Alguns números globais de desemprego:

ALEMANHA (R. F. A.): 119 000 desempregados, em Novembro de 1969.

FRANÇA: 218 600 desempregados em Outubro de 1969.

E. U. A.: 2 300 000 desempregados em Maio de 1969 (valor mais baixo do ano). Só de Agosto a Setembro houve um aumento de mais de cem mil desempregados.

ELEVAÇÃO DOS PREÇOS DE CONSUMO

Neste campo existiam dados de 110 países e territórios. Duma maneira geral prosseguiu a elevação dos preços no consumo com acentuada alta nos países industrializados.

A elevação de preços de 1968 para 1969 (um ano) pode considerar-se dividida em vários extractos:

I — Quinze países com elevação de preços superior a dez por cento: Brasil, Chile, Coreia do Sul, Uruguai, Vietnam do Sul, Colômbia, Congo (Kinshasa), Iraque, Irlanda, Libéria, Niger, Nigéria, Uganda, Portugal e Sudão.

II — Vinte e dois países com elevação de preços entre cinco e dez por cento: entre eles a Argentina, Estados Unidos, França, Japão, Holanda e Inglaterra.

III — Trinta países e territórios aumentaram de três a cinco por cento os preços de consumo: Dez em África, cinco na América, seis na Ásia, sete na Europa e dois na Oceânia. Entre estes países figuram a Bélgica, a Dinamarca, a R. A. U. a Tunísia, o Canadá, o México e o Paquistão. Trinfa e dois países registaram altas de preços de consumo de um a três por cento.

IV — Os indicados preços aumentaram (menos de um por cento) na Malásia, na Trindade, em Tobago e em Santa Lúcia.

V — Os índices dos preços foram (pràticamente) os de 1968 na República Popular do Congo (Brazaville), no Quénia, no Salvador, em Singapura e na República Dominicana.

VI — Os índices de preços de consumo baixaram de um a quatro por cento nos Camarões, Guatemala e Síria.

Em alguns países industrializados a inflação manteve o seu aspecto grave. Nos Estados Unidos, por exemplo, de Fevereiro a Março de 1969 houve um acréscimo de 0,8 por cento, a mais forte alta de preços num só mês, desde há dezanove anos. No Japão os acréscimos anuais mantêm-se de cinco a seis por cento.

SALÁRIOS NOMINAIS E REAIS

Os salários nominais aumentaram mais de dez por cento (ou mais) nas indústrias de transformação dos seguintes países: Brasil, Chile, Irlanda, (estes três países tiveram mais de dez por cento de elevação geral dos preços), Espanha, Dinamarca, Japão (elevação de cinco a seis por cento nos preços), Noruega, Checoslováquia e Jugoslávia.

Houve uma elevação de salários de cinco a dez por cento em dezoito países, entre eles a R. F. A., Bulgária, Canadá, Estados Unidos, Finlandia, Holanda e Inglaterra, e de quatro por cento na Hungria e na Polónia (na Polónia há um aumento anual de quatro por cento, programado e realizado desde 1960).

A maioria das vezes as altas de salários nominais não correspondem a uma elevação de salários reais. Assim, no sector das indústrias de transformação, enquanto a Finlandia e a Jugoslávia aumentaram os salários reais de cinco a dez por cento, e a Hungria e a Suécia de três a cinco por cento, o Canadá, Estados Unidos, França, Nova Zelândia, Holanda e Inglaterra forneceram um aumento de salários reais inferior a três por cento.

(1) Os dados relativos a salários nominais são a maioria das vezes relativos aos primeiros meses de 1969.

Israel teria mandado armas soviéticas para Biafra

Os israelitas enviaram para Biafra, pelo menos, dois aviões carregados de armas soviéticas apreendidas no Sinai, no âmbito da guerra psicológica ali travada — soube-se nas Nações Unidas, de fonte autorizada.

Este envio tinha por objectivo reforçar o equipamento das forças biafrenses, e, além disso, o de dar a impressão ao Governo federal de Lagos de que os soviéticos forneciam armas às duas facções da guerra civil, desacreditando assim Moscovo.

Um diplomata israelita das Nações Unidas declarou que ignorava tudo acerca de tal questão e que, se a referida informação tivesse fundamento, nenhum oficial israelita que estivesse ao corrente dela acederia a falar em tal caso.

Não há números que nos indiquem a quantidade de armas fornecidas assim pelos israelitas aos biafrenses, há cerca de um ano, na mesma época — diz-se — em que a França teria aumentado o seu auxílio ao Biafra.

Por outro lado, o Governo de Lagos acusou a organização católica Caritas de ter introduzido armas, clandestinamente, entre os víveres.

Um diplomata ocidental da O. N. U. afirma saber que a Caritas enviou realmente armas ao Biafra, misturadas com as expedições de víveres.

O raciocínio de Israel seria o seguinte: os Ibos de Biafra, em maioria católica, resistiriam a uma incursão religiosa dos muçulmanos do Norte, cuja influência é predominante no Governo federal de Lagos. Israel teria feito causa comum com certos grupos católicos porque os muçulmanos nigerianos eram aliados potenciais dos árabes no conflito do Médio Oriente.

R. G.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 13 DE FEVEREIRO DE 1970 — N.º 32